



O ator James Caan em 'O Poderoso Chefe' (1972)

Ilustrada

Morre James Caan

Ator que interpretou Sonny Corleone em 'O Poderoso Chefe' morreu aos 82 anos [c2](#)

Jorge Caldeira é eleito para cadeira de Lygia Fagundes Telles na ABL [c2](#)

Cotidiano B3

Prefeitura de São Paulo cancela o Carnaval em julho por falta de patrocínio

Esporte B8

'Peguei a era de ouro da Globo', afirma Casagrande em 1ª entrevista após saída

ENTREVISTA

Estevam Hernandes

Apoio de líderes evangélicos a Lula parece impossível

Lider da Marcha para Jesus — que volta após 2 anos sem edição pela pandemia — diz à Folha que vota em Jair Bolsonaro, mas que respeitará resultado das urnas. "Não tem 'não aceito Aou B'". [Cotidiano B1](#)

Para ex-presidente colombiano, só legalizar drogas acaba com máfias

Mundo A15

Itamaraty tem recorde de mulheres em curso para serem diplomatas, com 42% do total [A14](#)

Portugal passará a aceitar carteira de motorista do Brasil para dirigir no país [A15](#)

Lira adia votação da PEC dos gastos por falta de quórum

Presidente da Câmara vê risco de derrota e frustra plano de Jair Bolsonaro de agilizar aprovação

Com risco de derrota, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), decidiu adiar a votação da PEC (proposta de emenda à Constituição) que autoriza o governo a criar vale para caminhoneiros e taxistas, dobrar o valor do Auxílio-Gás e ampliar o Auxílio-Brasil para R\$ 600.

A decisão contraria Jair Bolsonaro (PL), interessado em agilizar a aprovação do texto para poder instituir os benefícios sem esbarrar em restrições da lei eleitoral, a três meses do pleito.

Uma nova tentativa de votar a proposta será feita na próxima terça-feira (12).

O recuo ocorreu após um requerimento de encerramento de discussão ser aprovado por 323 votos a 91 — para aprovar uma PEC, são necessários pelo menos 308 votos, em dois turnos. Segundo Lira, havia 427 deputados presentes, número que lhe pareceu apertado.

Antes, o presidente da Casa havia abreviado a tramitação. Em vez de seguir o rito regimental de ser analisada pela Comissão de Constituição e Justiça e depois por outra comissão especial, o texto foi apensado ao da PEC de biocombustíveis, que já cumprira a etapa inicial.

Lira ainda articulou para a proposta ser aprovada sem alteração em relação à do Senado, evitando nova apreciação na Casa vizinha. O relator na comissão especial, Danilo Forte (União CE), teve de recuar para manter o acordo de que não houvesse mudanças. [Mercado A17](#)



Daniilo Verpa/Folhapress

COMERCIANTES PROTESTAM NA SANTA IFIGÊNIA CONTRA AGLOMERAÇÃO DE USUÁRIOS DE DROGA

Lojistas em ato no centro de São Paulo contra cracolândia na rua dos Gusmões, perto da av. Rio Branco; alguns carregavam pedaços de ferro e madeira [Cotidiano B3](#)

Boris renuncia no Reino Unido após derrocada

O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, renunciou ontem em meio a uma avalanche de crises e debandada de aliados de seu governo.

Eleseguem cargo até que um novo líder no Partido Conservador seja escolhido.

Mais de 50 membros da gestão deixaram a função nos últimos dias, incluindo os secretários das Finanças e de Saúde. Na quarta (6), um grupo de pessoas próximas foi até Downing Street pedir que ele cedesse à pressão.

Eleito para entregar o Brexit há quase três anos, o premiê resistiu a denúncias de festas ilegais durante lockdowns e a um voto de desconfiança no Parlamento. O golpe final foi o escândalo sexual envolvendo um aliado.

Boris sai impopular, apesar de ter sido o primeiro líder global a oferecer vacinas da Covid-19. [Mundo A12 e A13](#)

ANÁLISE Mathias Alencastro Problema nunca foi premiado, mas lidar com o Brexit [A13](#)

Bolsonaro diz que falará sobre urnas com outros países

Jair Bolsonaro (PL) afirmou que convidará embaixadores estrangeiros para falar sobre uma eletrônica — a qual questiona sem provas — e que apresentará "documentos". [Política A6](#)

Bomba caseira atinge 1º palanque público de Lula, no Rio de Janeiro

Política A8

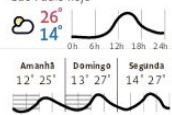
EDITORIAIS A2

A queda do bufão Sobre renúncia do premiê britânico, Boris Johnson.

Fumaça proibicionista Acerca de veto da Anvisa aos cigarros eletrônicos.

ATMOSFERA

São Paulo hoje



Fonte: www.di.matempo.com.br



Gabriel Cabral/Folhapress

BOTECO RAIZ NA ZONA SUL RENOVA PÚBLICO E ATRAI CHEFS APÓS REABERTURA

Luiz Nozoe, 91, dono do bar que existe há 60 anos e leva seu nome no Bosque da Saúde, em São Paulo, ao lado da família; o local tem recebido mais jovens e virou ponto de encontro de chefs badalados após relaxamento das restrições contra Covid [Guia C11](#)

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hédio Schwartzman,

Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano,

Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos,

Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Nardello Simões Amaral (financeiro,
planejamento e novos negócios), Marcelo Benez (comercial), Anderson Demian
(mercado leitor e estratégias digitais) e Everton Fonseca (tecnologia)

EDITORIAIS

editoriais@grupo.folha.com.br

A queda do bufão

Depois de ter conseguido levar a cabo o brexit,
Boris Johnson sucumbe a erros de conduta

Boris Johnson é vítima de sua própria personalidade. Arrebeldia partidária que forçou o premiê britânico a renunciar não se deveu à adoção de uma política pública fracassada ou a uma crise econômica, mas ao acúmulo de escândalos envolvendo a pessoa física do líder.

O mais danoso deles foi, sem dúvida, a revelação de que Johnson promoveu uma série de festas com membros de seu gabinete durante o lockdown, quando esse tipo de reunião estava proibido — e o premiê deu-se às vésperas do funeral do príncipe Philip, o que foi considerado desrespeitoso até para os padrões de bufão de Johnson.

De alguma forma, porém, ele vinha conseguindo sobreviver ao "partygate". A gota d'água, entretanto, foi o "Pinchergate" — a descoberta de que Johnson entregou cargo de confiança a Chris Pincher, sobre quem pesam acusações de assédio sexual, e mentiu ao dizer que não tinha conhecimento delas.

Apartir daí, deflagrou-se a revolta conservadora, com importantes secretários de governo renunciando a seus postos e deixando o líder insustentavelmente isolado. Curiosamente, os mesmos problemas de conduta que custaram seu emprego levaram Johnson a tal posição. Ele só se tornou premiê por causa do brexit, do qual foi apoiador de primeira hora. Não mediu esforços para promover a causa, o que incluiu fazer news sobre os custos de o Reino Unido es-

tar integrado à União Europeia. Aliás, antes de entrar para a política, ainda como jornalista lotado em Bruxelas, Johnson já produzia um noticiário sensacionalista e enviesado contra o bloco.

Chegou ao poder em 2019, em substituição a Theresa May, que vinha encontrando dificuldades para negociar os termos de saída. Pouco depois de assumir, convocou eleições, que os conservadores venceram por larga margem.

Até hoje o país discute se essa foi uma vitória do incumbente ou uma derrota dos rivais trabalhistas, então só a liderança de Jeremy Corbyn, mas o fato é que o resultado deu ao primeiro-ministro um claro mandato para negociar o divórcio com a UE — o que ele fez.

Muitas vezes, Johnson foi comparado a Donald Trump, Jair Bolsonaro (PL) e outros expoentes da mesma estirpe. A comparação só faz sentido até certo ponto.

O britânico se fantasiou de inimigo do establishment para impulsionar a carreira e nunca hesitou em mentir por seus objetivos. Mas, ao contrário de Trump e Bolsonaro, mantém vínculos com a realidade.

No início da pandemia, adotou uma posição negociacionista. Ao ver a situação agravar-se e após contrair a doença, porém, soube rever a abordagem, promovendo lockdowns e acelerando a vacinação.

Sucumbiu ao sentimento, algo aristocrático, de que as regras que valiam para todos não se aplicavam a sua pessoa. Foi um erro capital.

Fumaça proibicionista

Banir cigarros eletrônicos, como reiterou a Anvisa, não está dando certo; melhor regular e informar

Especialistas apontam várias razões de saúde para conter a disseminação de cigarros eletrônicos. Cabem, no entanto, dúvidas sobre a eficácia e objeções quanto ao fundamento da recente decisão da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de manter a proibição baixada em 2009.

Tais aparelhos produzem fumaça a partir de cápsulas contendo compostos como a nicotina. Propagandeados a princípio como instrumento para redução de danos causados pelo tabagismo convencional, nunca se comprovou que sejam menos prejudiciais ou capazes de contribuir para o abandono de cigarros de tabaco e papel.

Há indícios convincentes de que os dispositivos funcionem como porta de entrada para o hábito de fumar. Podem, assim, originar ou manter a dependência química.

Levantamento da Fiocruz na literatura médica indicou que jovens usuários de cigarros eletrônicos têm risco maior de se tornarem tabagistas na idade adulta. Segundo a Associação Médica Brasileira, cerca de 80 aerossóis/nebulizados produzem conteúdos tóxicos. Pior, alguns deles são potencialmente cancerígenos.

Apesar disso e da proibição ora reiterada pela agência federal, os produtos se encontram à venda em toda parte pelo Brasil. Entram no país por meio de contrabando, crime que as autoridades têm notória dificuldade em combater.

As danosas engenhocas se tornaram algo populares entre adolescentes. Além de simbolizar status social, carregam como atrativo a adição de sabores de fruta ou refrescantes ao líquido vaporizado.

Em mais de uma década de proibição no território nacional, autoridades se mostraram impotentes em coibir a comercialização. Renovar a proibição, apenas, não terá o condão de produzir tal resultado.

Informar, restringir e desestimular o consumo podem ser mais produtivos que tentar erradicá-lo. Com álcool e outras drogas, o proibicionismo já se comprovou ineficaz e de alto custo social.

A solução radical é regulamentar o uso adulto, dado que não cabe ao Estado determinar o que indivíduos autônomos decidem sobre o próprio corpo. Mas há que prover meios para a fiscalização de normas rigorosas quanto a teores e vendas, além de campanhas educativas sobre malefícios à saúde.



Pecados de juventude

Hélio Schwartzman

Alunos da Unicamp impediram candidatos do partido Novo de falar num evento que teria lugar na universidade. Para esse grupo de estudantes, ligados à União da Juventude Comunista, o vereador paulistano Fernando Holiday e seus correligionários são fascistas e não devem, portanto, ter espaço de fala na Unicamp.

Ninguém é obrigado a gostar de Holiday nem do Novo, mas o partido está no campo da direita democrática. E, mesmo que tivesse pendor mais autoritário, como a própria União da Juventude Comunista, que parece beber de fontes stalinistas, penso que deveria ter o direito de expor suas ideias.

De alguns anos para cá, militantes de diversas correntes políticas, mas principalmente da esquerda, resolveram trocar o debate de ideias pela despolitização, que é basicamente o silenciamento. Há dois elementos a destacar aqui. O primeiro é geracional. Os brasileiros que cresceram depois da redemocratização não viveram a experiência de ser privados da liberdade de expressão e,

por isso, não têm a exata dimensão de sua importância. É uma posição curiosa para comunistas, considerando que, nos países em que não tomaram o poder, sempre foram vítimas preferenciais da censura.

O segundo é que essas novas gerações parecem ter trocado o debate de ideias pelo posicionamento moral. Se identificamos os adversários como defensores de teses moralmente inaceitáveis, não precisamos mais conversar com eles. Pelo contrário, o correto passa a ser denunciar-lhes e calá-los. O problema é que essa estratégia não é consistente. Ainda que possamos traçar linhas vermelhas em algumas questões morais, a maior parte delas comporta debate e até negociação. Um conservador não precisa se tornar um entusiasta do aborto para aceitar a despenalização.

No mais, se não deixarmos os que pensam de forma diferente de nós exporem suas ideias, como poderíamos chegar à conclusão de que elas estão erradas?
helio@uol.com.br

Dos quartéis à campanha

Bruno Boghossian

Jair Bolsonaro pôs na mesa as cartas de sua campanha durante uma reunião na terça-feira (5). O objetivo do presidente era pedir que sua equipe fizesse propaganda do governo para aumentar as chances de reeleição, mas ele gastou metade das quatro horas de conversa para reforçar suas falsas sobre avotação. Nasala, além de ministros, estavam integrantes da cúpula das Forças Armadas, que ficaram em silêncio.

Já seria difícil explicar a participação de chefes militares num encontro convocado para melhorar o desempenho eleitoral de um político. Mas é impossível justificar a presença deles numa reunião em que a máquina do governo fabrica pretextos para tumultuar a votação.

Se as Forças Armadas rejeitam a ideia de "embarcar" na conspiração de Bolsonaro contra os eleitores, como tentam espalhar militares graduados, eles estão fazendo um péssimo trabalho. Hoje, há mais do que um ou dois generais atuando para desacreditar a noção de que o voto deve escolher o presidente do país.

O ministro da Defesa é um deles. Na reunião de terça, o general Paulo Sérgio de Oliveira reclamou da demora do Tribunal Superior Eleitoral para responder a questionamentos feitos pelas Forças Armadas sobre a segurança das urnas. No dia seguinte, evoluiu a se queixar durante uma audiência na Câmara e afirmou que os militares só entraram no circuito porque foram convidados pelo TSE.

O general falou como se as Forças Armadas desempenhassem uma função técnica de fiscalização das urnas, mas essa participação é puramente política. A corte já fez escarmentamentos aos militares, mas eles decidiram agir em conjunto com Bolsonaro para ampliar as desconfiâncias sobre o sistema de votação.

O próprio presidente já tratou com ironia dessa abordagem. "Eu acho que esqueceram que o chefe das Forças Armadas sou eu", disse, no mês passado. Na prática, o país está diante de mais um caso típico de abuso de poder: um candidato e militares aliados usam seus cargos para tentar interferir numa eleição.

Amazônia viva por um futuro melhor

Carlos Nobre*

A atual configuração geográfica da bacia amazônica é fruto de dezenas de milhões de anos de evolução geológica e biológica, que acabou gerando a maior biodiversidade do planeta: entre 10% e 15% de todas as espécies da fauna de vertebrados e das plantas vasculares estão na Amazônia, que ocupa mais de 47% da superfície terrestre continental.

Ao longo de 12 mil anos, essa floresta exuberante foi a morada dos povos originários da América do Sul, que transformaram a paisagem cultivando e manejando o solo e a biodiversidade.

Essa relação ancestral acabou produzindo uma visão de mundo e um sofisticado conhecimento ambiental fundamentais para que enfrentemos as crises ambientais, socioeconômicas e éticas da sociedade atual.

Amazônia perdeu 18% de sua floresta em pouco mais de cinco décadas. O avanço do desmatamento esteve muitas vezes relacionado

a abusos dos direitos humanos, à emergência de economias clandestinas e à grilagem de terra, estimulados pela falácia de tornar produtivas aquelas terras.

Secas, queimadas, ondas de calor, risco de epidemias decorrentes da degradação da floresta e das mudanças climáticas globais, com impactos nefastos para a saúde e o bem viver do planeta.

O modelo de desenvolvimento sustentável para a Amazônia ainda precisa ser construído e deve ser fundamentado em pilares de justiça e de inclusão social e no fortalecimento das populações indígenas e das comunidades locais, enquanto conservamos a floresta em pé e os rios saudáveis.

Nós já conhecemos os caminhos e as soluções. Agora precisamos de vontade política.

*Esta coluna foi escrita para a campanha #EducamosEleições, que celebra o Dia da Ciência. Em julho, colonistas cedem seus espaços para refletir sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Ruy Castro cedeu seu espaço desta semana.

O Brasil e a leitura

Claudia Costin

Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da FGV. Escreve às sextas

Há tempos que a pesquisa Retratos da Leitura, realizada pelo Instituto Pró-Livro desde 2007, vem mostrando que somos um país de não leitores. O brasileiro médio lê pouco, mostram sucessivas edições da pesquisa. Houve, inclusive, uma redução do percentual de leitores entre 2015 e 2019. Entre os que mais deixaram de ler estão as classes altas da região Sudeste. Além disso, só 47% das escolas tinham, em 2019, bibliotecas ou salas de leitura. Cerca de 80% dos professores afirmavam ser leitores, mas só 52% diziam estar lendo no momento.

Neste contexto, é admirável ver o afluxo de pessoas, adultos e crianças, na Bial Interacional do Livro de São Paulo que termina neste domingo. Parte dos frequentadores são alunos da rede municipal de São Paulo que receberam vouchers para comprar livros de seu interesse na visita aos estandes no Expo Centro Norte. Os professores também puderam escolher obras de sua preferência, investindo-se assim em fomentar a leitura entre mestres, que, por sua vez, formam novos leitores.

De fato, algo importante vem mudando. No primeiro semestre de 2021, as vendas de livros cresceram 46,5% em relação ao mesmo período de 2020. O interesse por livros e discussões sobre obras tanto ficcionais como de não ficção vem aumentando e até as redes sociais vêm servindo de instrumento para divulgação de preferências literárias.

E o que não tem faltado, neste retorno ao presencial da Bial Interacional do Livro que homenageia Portugal, mas trouxe também autores africanos como a Paulina Chiziane, de quem li o magnífico "Niketche", são debates literários, sessões de autógrafos e contato direto com autores. Colocar o livro no centro e expor as novas gerações a obras em diferentes formatos — afinal, o digital não é inimigo da leitura — pode ser um caminho importante para resgatar o prazer de ler.

Não avançaremos, no entanto, se não instalarmos, nas escolas, bibliotecas ou salas de leitura com acervos diversificados e interessantes, com horários reservados e incentivos para que os alunos possam frequentá-las, e se não mantivermos nas cidades bibliotecas públicas equipadas e acessíveis a todos. Mas o pior adversário do livro, infelizmente, são discursos e práticas que demonizam autores, ridicularizam obras "cheias de letras" e logram até incentivar a Biblioteca Nacional a premiar um personagem cujo "grande feito" foi o de quebrar uma placa de rua com o nome de alguém que lutava para ampliar o acesso ao conhecimento e a oportunidades.

Sem enfrentar estes verdadeiros inimigos da leitura, há poucas chances de sairmos da crise civilizatória que hoje nos engoliu.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Sete anos da Lei Brasileira de Inclusão: 'Nada sobre nós, sem nós'

A pessoa vem antes da deficiência, e a deficiência está no meio, não na pessoa

Silvia Grecco

Secretária municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo

O mês de julho, já conhecido pelas festividades da época, celebra um momento muito especial para as pessoas com deficiência. Um marco de respeito e esperança por uma sociedade cada vez mais equânime e igualitária, em que a diferença é comemorada, não que discriminada.

São sete anos da criação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), importante e necessário instrumento legal destinado a assegurar e promover, em igualdade de condições, o exercício do direito e liberdades fundamentais para essas pessoas, garantindo sua plena inserção em toda e qualquer posição na sociedade.

Sob o tema "Nada sobre nós, sem nós", legitimou-se, em 2015 — após 15 longos anos de tramitação e exercício de escuta, por todo o país, de diversos grupos ligados a essa causa —, a LBI, fruto de um sólido processo de construção coletiva.

Foi na Convenção Internacional da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, cujos objetivos maiores foram o de garantir a igualdade de oportunidades e eliminar barreiras sociais, não só de edificações como atitudinais, que a semente da LBI foi lançada, focada no entendimento da pessoa em sua totalidade e no respeito à autonomia e à liberdade de ser, de existir e de conviver em sociedade, independentemente de sua deficiência. Porque a pessoa vem antes da deficiência, e a deficiência está no meio, não nas pessoas. Esse olhar é uma conquista humana. De todos nós. Sem exclusão.

A LBI é uma conquista histórica e valorosa, com potencial para beneficiar milhões de brasileiros com todos os tipos de deficiências. Quanto mais acessos e oportunidades a pessoa com deficiência tiver, menos

serão as dificuldades consequentes de sua característica. E a LBI traz o conceito de acesso em seu cerne. É uma ruptura com qualquer obstáculo que a pessoa possa enfrentar, seja a discriminação, seja o capacitismo, seja o mau gosto de piadas e insultos irresponsáveis. Mas não basta a existência da lei se ela não é efetivada. E é isso que esta data nos provoca: continuar lutando para que esses preceitos sejam mais e mais respeitados e cumpridos. E que as políticas públicas assegurem esses direitos.

Falamos sobre direitos, mas, acima de tudo, falamos sobre pessoas. O conceito de inclusão não deveria ter que ser empregado, haja vista que as leis ditam que todos os cidadãos são iguais. Não há cidadãos de primeira ou de segunda categoria. O outro tem o direito de ser diferente de mim e nem por isso pode ser tachado como inferior. A Lei

[...]

Falamos sobre direitos, mas, acima de tudo, sobre pessoas. O conceito de inclusão não deveria ter que ser empregado, haja vista que as leis ditam que todos os cidadãos são iguais. Não há cidadãos de primeira ou de segunda categoria. O outro tem o direito de ser diferente de mim e nem por isso pode ser tachado como inferior

Maior fala de igualdade, não de discriminação. Todas as pessoas têm o direito de ser participe no grupo social. Com ou sem deficiência. É o princípio da dignidade da pessoa humana.

É mais do que tempo de as pessoas se corresponsabilizarem para que o bem seja comum. As deficiências não são apenas físicas, visíveis ou não; mas não podem ser humanas ou morais. Não podemos nos omitir. É preciso que cada um defenda o seu direito e o do outro também. A pessoa com deficiência tem direitos iguais aos meus: saúde, educação, emprego, lazer, cultura, entre outros. A deficiência é inerente à pessoa. E é da pessoa que a LBI, em cada capítulo, veio cuidar.

As deficiências estão presentes em nossas vidas, nossas casas, nossas famílias, em nosso trabalho. Na minha vida, ela veio pelo coração. Meu filho Nickollas é cego e autista. Vivo na pele as aflições que toda mãe sente pelo futuro e felicidade de seu filho. São muitas as dificuldades com que me deparo, mas não me convenço, em nenhum minuto, de que ele não pode estar onde ele quiser e fazendo o que lhe traz sorriso no rosto.

Com ele aprendi que a deficiência é a ausência de algo, mas não de vida. Como gestora da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência, luto diariamente para que todos sejam contemplados por políticas públicas que garantam os direitos de viver uma vida livre de preconceitos e de sonhos limitantes. Luto para que todas as pessoas com deficiência da cidade de São Paulo vivam possibilidades, exerçam sua cidadania e sejam visíveis à sociedade.

Viva a LBI, nosso norte. Mas ainda há muito a caminhar.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/painel-do-leitor leitor@grupofolha.com.br

Cartão para o Fórum de Leitores, 125, São Paulo, CEP 07302-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Arthur Lira abre sessão na Câmara dos Deputados para votação da PEC que amplia benefícios em ano eleitoral. Gabriela Bilo / Folhapress

PEC Kamikaze

Redução de impostos deve ser estudada, avaliar os impactos financeiros, qual setor pode ser 'sacrificado'. Aqui, neste governo, a renúncia fiscal está se dando de forma absolutamente desordenada. ("PEC faz Bolsonaro ter expectativa fiscal pior que a de Dilma", Mercado, 7/7)

Lourenço Faria Costa (Quirinópolis, GO)

Conjuntura externa, pressão do câmbio e do petróleo, sabotagem política do STF e da esquerda, tudo isso deve parecer bobagem para o gênio que escreveu o texto. (Giovani Ferreira Vargas (Gravatama, RS))

*

Eleito. Bolsonaro vai cortar sem dó este acréscimo de R\$ 200 no Auxílio Brasil e só voltará a lembrar dos pobres no segundo semestre de 2026. (Cristina Dias (Curitiba, PR))

*

Tenho 70 anos e nunca vi um governo fazer mais pelos pobres do que o de Bolsonaro. Dinheiro direito no bolso dos mais necessitados. Foi assim com o auxílio emergencial, e está sendo agora com o Auxílio Brasil. Nunca esperei ver o Brasil tão bem conduzido. (Colombo Melo (São Paulo, SP))

Cracolândia

Ocupa críticas sobre as iniciativas para resolver o problema da cracolândia desde sempre. Na colônia de Amaro de hoje, mais uma. As soluções propostas ficam lindas no papel, mas sua aplicabilidade é discutível. O problema é sério, grave e precisa ser resolvido. Mas não creio que apenas usando a violência e a crítica contumazes consigamos chegar a bom tempo. ("O banguê-banguê na cracolândia", Opinião, 7/7)

Henrique Valêncio (São Paulo, SP)

Promoção-relâmpago na CEF

"Substituto eventual de assessor executivo", além da redundância do "substituto eventual", parece o tipo de cargo bem na medida para quem só quer um bom cargo, mas não vai fazer nada, a não ser eventualmente. ("Ex-advogado de Flávio Bolsonaro teve promoção relâmpago na Caixa", Mercado, 7/7)

Bruno Medeiros (Campinas, SP)

*

Uma nação decente, um povo decente e três poderes decentes não podem aceitar essa situação. As explicações não existem, são tão falsas, inacreditáveis e vergonhosas que causam revolta inimaginável. (Carlos Roberto Souza Oliveira (Campo Grande, MS))

Mulher livre de verdade

Sei que a Folha se propõe a ser plural e dar voz a todos pensamentos, mas o artigo de Pietra Bertolazzi é uma agressão desnecessária ao jornalista Marcelo Coelho e a todos os que pensam como ele. ("Bolsonaro, o presidente da mulher livre de verdade", Tendências e Debates, 7/7)

Therezinha Lima e Oliveira (São José dos Campos, SP)

*

Não, a intenção não era "depreciar a valorosa mulher que preza pela família, pela igreja e pela comunidade", mas ironizar a que, mesmo vendendo o quindim tudo o que fez e disse Bolsonaro desde sempre, especialmente sobre essa valorosa a que a senhora se referiu, ainda vota nele. (Jove Bernardes (Belo Horizonte, MG))

Ruy Castro

Faltou, Ruy, a frase: "Não pise nas pessoas quando estiver subindo, pois você poderá encontrá-las quando estiver descendo". ("Comendo no prato em que cuspiu", Opinião, 7/7)

Helo Cardoso (Mirassol, SP)

Aborto legal

Partes do Judiciário e do Ministério Público estão desconectadas da realidade, mas o alvo é certo: pobres humildes sem instrução, que desconhecem seus direitos mais básicos. ("Promotora mandou recolher restos mortais de feto abortado por menina de 11 anos", Cotidiano, 6/7)

Jose Walter Da Mota Matos (Pouso Alegre, MG)

*

Vergonhosos a atuação da juíza e da representante do MP pois o juiz deve cumprir a lei, e o MP deve garantir que a lei seja cumprida. Agora, esse discurso de querer atribuir a culpa à vítima já é conhecido de longa data. (Dorival Macedo (Dourados, MS))

*

Com respeito às opiniões contrárias, se a vida da mãe correr risco, é justificável o aborto. O feto é também um ser vivo que merece proteção e carinho. Não tem culpa da mãe ter sido estuprada. Que se dê para adoção. O direito básico do ser humano é a vida. (José Luis Pires dos Santos (Nova Era, MG))

Preços dos combustíveis

Sugiro aos supermercados informarem, por analogia, os preços atuais e anteriores do leite, da cenoura, da carne, etc. ("Bolsonaro edita decreto para obrigar postos a exibir preço de combustíveis antes de teto para ICMS", Mercado, 7/7)

João Carlos Silva (Atibaia, SP)

*

Aideia é a de sempre: terceirizar a culpa pelos problemas e vender soluções fáceis para o eleitor. (Marcelo Fernandes (São Paulo, SP))

*

Quando voltar a subir será informado também? (Bianca Moreira (Brasília, DF))

Boris Johnson

Nos países que respeitam os seus cidadãos e primam pela moral e os bons costumes, assédio sexual gera queda do governo. No Brasil, a promoção do criminoso. ("Boris Johnson renuncia no Reino Unido após escalada de crises", Mundo, 7/7)

Aurelino Bento (Feira de Santana, BA)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ILUSTRÍSSIMA (6.JUL., PÁG. C10) A base de crédito no Brasil passou de R\$ 17 trilhões em 2010, não R\$ 17 bilhão, para R\$ 3,22 trilhões, não R\$ 3,22 bilhões, como informado no artigo "Cérebro eletrônico".

MERCADO (6.JUL., PÁG. A15) Diferentemente do Brasil na reportagem "Empresários criticam governo durante almoço com Lula", Jacyr Costa Filho não integra mais o quadro da Terceir. Atualmente é presidente do Cosag (Conselho Superior do Agronegócio) da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).

Além do combate à cleptocracia

O governo Bolsonaro fez do SUS o eixo principal de combate à Covid-19

Frederico D'Avila

Deputado estadual em São Paulo pelo PL

Acabar com corrupção não basta. É preciso destruir a obra da corrupção que se enraizou no Estado durante os 13 anos do PT no poder. É preciso reconstruir o país, tarefa para a qual o presidente Jair Bolsonaro tem dedicado todos os esforços —haja vista a ausência de um único caso comprovado de assalto aos cofres públicos desde 2019.

Só isso já seria motivo suficiente para enaltecer a atual Presidência. Mas há outras razões. O atual governo, que herdou estatais saqueadas, está modernizando o Estado. Numa transferência maciça de recursos para a iniciativa privada, fez as primeiras privatizações de aeroportos do país, entre mais de 132 leilões de infraestrutura, e vendeu a Eletrobras (conhecido antro de corrupção e aparelhamento partidário). Bolsonaro ainda fez renascer o transporte ferroviário, concluiu obras inacabadas e traçou um volume sem precedentes de investimentos privados.

O Brasil teve acesso a novos mercados internacionais para os seus produtos agrícolas e, fundamental para a segurança alimentar brasileira e mundial, foi extremamente ágil para impedir que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia interrompesse o fornecimento regular de fertilizantes para o país, que é o quarto consumidor mundial desses produtos.

Segurança alimentar, aliás, foi a prioridade do governo Bolsonaro durante a pandemia. Alguns gover-

nantes trancaram a população dentro de suas casas, fechando estabelecimentos, impedindo cidadãos de trabalhar. Enquanto isso, o presidente Bolsonaro criou o auxílio emergencial, agora Auxílio Brasil, maior rede de proteção social do país. O presidente, com isso, quebrou o falso dilema entre preservar a saúde e garantir o orçamento familiar dos brasileiros.

O governo comprou mais de 300

milhões de doses de vacina. Todos que quiseram se vacinar puderam fazê-lo graças ao governo federal, sem coação. O governo fez a sua parte. E, ao contrário dos governos do PT, que enfraqueceram o SUS ao deliberadamente deixarem de corrigir a tabela de procedimentos, o atual governo fez do SUS eixo principal de combate à Covid-19, embora a muitos governantes tenham tentado usar o sistema para instalar o caos sanitário e culpar o Governo Federal.

Justiça social, que não é monopólio de ninguém, também tem sido a marca desse governo, que concedeu 3,4 mil títulos de propriedade a famílias que viviam precariamente em assentamentos. Trata-se do maior programa de reforma agrária já feito neste país. A iniciativa deu dignidade a uma população que, fragilizada, era usada como massa de manobra pelo MST, movimento que foi reduzido a um grupelho. Na segurança pública, os homicídios registraram, no ano passado, o menor número desde que começaram a ser medidos, em 2007.

Os fatos acima são pouco conhecidos porque o presidente se nega a torrar, em publicidade oficial, o mesmo valor da era Lula-Dilma. Em resumo, em 2018, o então deputado Jair Bolsonaro se propôs a libertar o Brasil das amarras econômicas e da cleptocracia enraizada no governo. E exatamente o que está fazendo.

[...]

Segurança alimentar foi a prioridade do governo Bolsonaro durante a pandemia. Alguns governantes trancaram a população dentro de suas casas, fechando estabelecimentos, impedindo cidadãos de trabalhar. Enquanto isso, Bolsonaro criou o auxílio emergencial, agora Auxílio Brasil, maior rede de proteção social do país

política

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

O baile todo

O governador de SP, Rodrigo Garcia (PSDB), tem dito a aliados que deve ter mais de um pré-candidato ao Senado o apoiando para a reeleição e que não pretende se desgastar com os partidos ao escolher apenas um. Dessa forma, PSDB, União Brasil e MDB poderão ter representantes próprios, todos com Garcia — o TSE decidiu em junho que coligações podem ter mais de uma candidatura ao Senado. A disputa pela vice deve ficar ainda mais tensa, já que MDB e União brigarão por só um espaço.

LISTA José Aníbal e Fernando Alfredo são cogitados pelo PSDB para disputar o Senado, e Milton Leite é o pré-candidato do União Brasil. Henri Ozi Cukier, do Podemos, também faz parte da coligação. O MDB atualmente não tem representante para a disputa. A assessoria de comunicação de Garcia diz que ele discutirá a composição da chapa no momento apropriado.

FORASTEIRO Apresentado nesta quinta (7) como vice de Tarcísio de Freitas (Republicanos) na disputa para o Governo de SP, Felício Ramuth (PSD) fez duras críticas ao ex-ministro em abril à rádio CBN Vale. Carioca, Tarcísio transferiu-se do município para São José dos Campos, para disputar a eleição.

COISA FEIA "Ele já começa mal quando declara um domicílio eleitoral que não é verdadeiro. Não sei o que a legislação diz, mas parece que o Ministério Público já está apurando. Acho que é um mau exemplo", disse Ramuth na entrevista.

NOSTALGIA Alguns aliados de Jair Bolsonaro (PL) cogitam fazer a convenção que o oficializará como candidato a reeleição em Juiz de Fora (MG), onde ele recebeu a facada há quatro anos. A ideia era fazer uma conexão sentimental com aquele momento. No fim, o comando da campanha entendeu que a ideia seria de mau gosto. O evento deve ocorrer no Rio em 24 de julho.

PRUDÊNCIA Petistas queriam que o ato com Lula (PT) dia 12 de julho fosse em um lugar simbólico, como a Universidade de Brasília, ou Ceilândia, região mais populosa da capital. Devido ao temor de atentado, no entanto, optou-se pelo Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em que é possível ter um detector de metal.

OLHA EU AQUI O pré-candidato a presidente Felipe D'Ávila (Novo) intensificou a busca por eleitores que ficaram órfãos após a assistência de Sérgio Moro (União Brasil). No último sábado (2), ele fez uma live com cerca de 500 "moristas".

PENSA EM MIM Entre os participantes estavam representantes de grupos como Médicos Contra a Corrupção, Ona Livre e Somos Muda Brasil. Também conversou com o pré-candidato Jorge Pontes, delegado aposentado da Polícia Federal.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01022-900 | (11) 3224-3222

Ondulman: embudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000

Atendimento ao assinante: (11) 3224-3090 | 0800-725-8080

Assine a Folha: assine.folha.com.br | 0800-015-8000

Edição Digital

DO-40 13ª MES

DO-40 12ª MES

A PARTIR DO 13ª MES

Edição Impressa

seg, a sáb.

MG, PR, RJ, SP

DO, SC, MT

ES, GO, DF, MS, RS

AL, BA, PE, SE

Outros estados

Circulação Diária (IVC)

353.501 exemplares (maio de 2022)

Digital Ilimitado	Digital Premium
R\$ 1,90	R\$ 1,90
R\$ 9,90	R\$ 9,90
R\$ 29,90	R\$ 39,90

Venda avulsa	Assinatura semestral*
seg, a sáb.	dom.
R\$ 5	R\$ 7
R\$ 5,50	R\$ 8
R\$ 6,50	R\$ 8,50
R\$ 9,25	R\$ 11
R\$ 10	R\$ 11,50
	R\$ 1.764,90

*A vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%



O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), durante sessão

Gabriela Billo/Folhapress

Supremo prioriza julgamento que pode liberar Lira para eleições deste ano

Presidente da Câmara foi condenado em 2ª instância por improbidade; corte avaliará se nova lei pode ser aplicada de forma retroativa

José Marques e Felipe Bächtold

BRASÍLIA É SÃO PAULO Na semana em que regressará às atividades normais após o recesso, no início de agosto, o STF (Supremo Tribunal Federal) terá entre as suas pautas prioritárias uma ação que pode ajudar o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), a não ser barrado pela Lei da Ficha Limpa na sua tentativa de reeleição.

Ação decidirá se a nova Lei de Improbidade Administrativa deve ser aplicada de forma retroativa. Ela entrou na pauta após vitória institucional do próprio Lira ao Supremo.

Condenado em segunda instância por improbidade administrativa em Alagoas, ele deve se beneficiar de uma eventual mudança nas regras que incide sobre processos anteriores a 2021, quando a legislação foi sancionada. Com o reconhecimento da retroatividade, ele pode se livrar definitivamente das acusações.

O julgamento foi pautado para 3 de agosto, sob relatório do ministro Alexandre de Moraes. O processo não trata especificamente do caso de Lira, mas terá repercussão em todas as ações em situação semelhante que tramitam na Justiça.

Os ministros debaterão a respeito da retroatividade da nova Lei de Improbidade, em especial a mudança nos prazos de prescrição — agora mais curtos — e a necessidade de um elemento subjetivo, dolo (intenção), para a configuração da irregularidade.

Na nova legislação, foi eliminada a sanção por irregularidades "culposas" — agora é preciso a acusação comprovar que houve dolo (quando há intenção ou se assume o risco de cometer o ilícito).

Diferentemente do que ocorre na esfera penal, a Lei de Improbidade não prevê a

possibilidade de prisão, mas sim o ressarcimento aos cofres públicos e a perda dos direitos políticos.

Com isso, o julgamento no Supremo deve afetar dezenas de condenações expedidas sob as antigas regras.

Moraes também relata outros processos pautados para o mesmo dia que tratam da possibilidade de procuradores dos estados (ou seja, os funcionários que fazem a advocacia dos estados, sem relação com os procuradores do Ministério Público) apresentarem ações de improbidade.

Junto com outros líderes da Câmara do Deputado, Lira tomou café da manhã no último dia 30 no Supremo e fez pedidos a Fux a respeito da Lei de Improbidade.

O deputado afirmou ao presidente do STF, segundo nota do próprio tribunal, que é necessário o julgamento de ações que tratam sobre casos de improbidade e que já foram liberadas por Moraes para entrarem na pauta.

De acordo com o presidente da Câmara, é necessário para o Parlamento que exista diferenciação de quando há dolo ou quando houve erro de gestão. A corte vai declarar a validade ou não das mudanças.

O STF afirmou que Lira foi genérico sobre o tema e não tratou de processos específicos ao pedir para pautar os casos. A corte também disse que o presidente da Câmara não pediu que o julgamento aconteça antes do fim do período de registro; e que não se discutiu no encontro possíveis beneficiários da ação.

O relato foi referendado por outros líderes do Parlamento que estiveram no café da manhã.

Antes do deputado, líderes do Senado fizeram a mesma solicitação a Fux.

Lira foi condenado em dois processos relacionados à Ope-

ração Taturana, deflagrada em 2007 pela Polícia Federal para apurar suspeitas de desvios na Assembleia Legislativa de Alagoas, onde ele exerceu mandatos de 1999 a 2011.

Em um dos processos, o presidente da Câmara dos Deputados teve condenação confirmada em segunda instância, o que gera a inelegibilidade prevista na Lei da Ficha Limpa. Em 2018, ele conseguiu liminar de efeito suspensivo para concorrer na eleição, na qual foi eleito para seu terceiro mandato no Congresso.

Nessa condenação, o Tribunal de Justiça de Alagoas considerou que o presidente da Câmara e outros deputados estaduais cometeram irregularidades na quitação, com dinheiro público da Assembleia, de empréstimos pessoais feitos no Banco Rural.

O caso, que permanece sob sigilo, está agora no STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Questionado, Arthur Lira afirmou, por meio de sua assessoria, que a mudança legislativa foi aprovada por maioria na Câmara dos Deputados e no Senado, com o "objetivo de corrigir distorções e inadequações na lei que, nos últimos 30 anos, castigou o bom gestor, tornando réus vários prefeitos, principalmente pelo seu uso político indevido."

Foi Lira quem tomou a iniciativa, em junho de 2021, de tirar o projeto de modificações na Lei de Improbidade de uma comissão especial onde era discutido e levou-o diretamente para votação em plenário, sob protestos de representantes do Ministério Público e de entidades anticorrupção.

Neste ano, a Justiça de Alagoas já declarou prescrição, com base nas novas regras, de um outro processo contra o presidente da Câmara.

Procurado, o ministro Luiz Fux disse, por meio de nota, que o tema foi tratado em reuniões com líderes do Senado e da Câmara em junho e que, nos encontros, não foi abordado quem poderia ser afetado com o julgamento.

"Nas duas ocasiões, os parlamentares apresentaram pleito em nome da classe política e a definição do tema, que tem sido objeto de debates importantes em todos os BRs, principalmente na diferenciação entre dolo e culpa, o que gera insegurança jurídica."

O presidente do Supremo também afirmou que, segundo parlamentares, candidatos eleitos tem em vista a não tomar posse ou serem cassados no curso do mandato. "Não houve pleito específico de data para julgamento."

Um julgamento que se arraste até depois do prazo de registro de candidaturas, em 15 de agosto, pode gerar questionamentos para candidatos condenados em segundo grau por improbidade.

Nesse caso, a mais provável é que esses políticos argumentem que seus casos estão congelados com a indefinição do Poder Judiciário e que, portanto, devem ser liberados para a disputa.

Com a discussão sobre o assunto no Supremo, recursos contra antigas condenações em instâncias inferiores foram paralisados, na espera de uma decisão definitiva sobre os critérios de prescrição estabelecidos na nova lei.

"Um determinado político pode alegar, com fundamento, que, como os processos estão suspensos, ele está impedido de discutir essa causa de inelegibilidade; e que, portanto, não pode ser prejudicado", diz o advogado eleitoral Francisco de Almeida Prado Filho.

O presidente da Associação Nacional dos Procuradores da República, Ubiratan Gazetta, afirma que a decisão do Supremo Tribunal Federal pode anular a vasta maioria dos processos que tramitavam antes da vigência da atual lei, mas que é preciso encerrar uma situação de indefinição.

"É importante que a gente saia deslimbo de agora, de insegurança, especialmente sobre a retroatividade ou não."

Um determinado político pode alegar, com fundamento, que, como os processos estão suspensos, ele está impedido de discutir essa causa de inelegibilidade; e que, portanto, não pode ser prejudicado

Francisco de Almeida Prado Filho advogado eleitoral

O BTG reconhece você.
Obrigado por fazer
o mesmo por nós.

Além da melhor equipe de
Research, o BTG Pactual
também foi eleito a melhor
equipe de Trading da
América Latina.

O ranking produzido pela Institutional Investor é o mais relevante do segmento e permite que todo o mercado financeiro selecione os profissionais por sua excelência analítica e assertividade.

É uma honra e um orgulho receber esse reconhecimento.

**Institutional
Investor**

Dê um BTG
na sua vida.
btgpactual.com



Bolsonaro fez ataques ao TSE e teve apoio da Defesa em reunião ministerial

A menos de 3 meses das eleições, encontro desacreditou urnas e deixou campanha em 2º plano

Marianna Holanda e Matheus Teixeira

BRASILIA A reunião do primeiro escalão do governo convocada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) nesta semana contou com a participação de um parlamentar crítico às urnas eletrônicas e serviu para o chefe do Executivo reforçar os ataques ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) —postura que recebeu apoio de ministros.

Para reforçar o discurso contra o sistema de votação, o encontro ocorreu na terça-feira (5) no Palácio do Planalto, contou com uma fala do deputado Filipe Barros (PL-PR), que rebateu a PEC (proposta de emenda à Constituição) do comprovante do voto impresso na Câmara.

O parlamentar apresentou supostas fragilidades do sistema de votação e repetiu teses que foram desmentidas pelo TSE. O tema, aliás, já rendeu a abertura de inquérito contra o parlamentar e o presidente por vazamento de dados sigilosos durante uma entrevista em agosto do ano passado.

Segundo relatos, o deputado foi convidado pelo próprio presidente para participar da reunião ministerial.

Em seus discursos, Bolsonaro recorreu a fórmulas que já usa publicamente no sentido de questionar o sistema eletrônico de votação. Ele voltou a repetir que teme que haja uma espécie de complô contra si, segundo disseram à Folha pessoas que acompanharam o encontro.

O chefe do Executivo disse ainda que pode até perder a eleição em uma democracia, mas que não poderia perder a democracia numa eleição. Ele alegou que não pode participar de uma disputa com ela já perdida, cobrando para que as eleições sejam, nas suas palavras, "limpas".

As pesquisas de intenção de voto dão ampla vantagem para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). No último Datafolha, Lula aparece 9 pontos à frente de Bolsonaro.

Bolsonaro tem condicionado, em suas declarações públicas, a legitimidade das eleições ao TSE acatar sugestões das Forças Armadas, que participam da comissão de transparência da comissão de controle.

Na reunião, o ministro da Defesa, general Paulo Sérgio, falou sobre as propostas feitas ao TSE. Ele disse que vai cobrar uma espécie de cronograma para que o tribunal responda os questionamentos que, segundo ele, ainda não tiveram retorno.

Ao se sentar na reunião ministerial, estavam os comandantes das três Forças. Segundo relatos, eles se mantiveram em silêncio no encontro.

Procurada, a Defesa afirmou que não procede que o ministro disse que "irá impor um calendário ao TSE". Mas a pasta confirmou que o ministro fez referência às propostas dos militares, cujo teor é de conhecimento público.

O ministro da Defesa se referiu, no encontro no Planalto, a dúvidas levantadas por militares que participam da comissão de transparência das eleições no TSE.

Ao convidar as Forças Armadas a participar da comissão de transparência, o então presidente do TSE, Luís Roberto Barroso, queria blindar o tribunal de ataques de Bol-

sonaro. Ocorreu o contrário. O convite foi visto por integrantes de tribunais superiores como um tiro no pé. Bolsonaro tem usado a participação dos militares para tentar respaldar sua estratégia de desacreditar as urnas eletrônicas.

O objetivo inicial da reunião ministerial era tratar da unificação do discurso dos ministros para a campanha —com atenção para os cuidados da lei eleitoral. Para isso, houve uma apresentação do general Braga Netto, o ex-ministro da Defesa que deve ser

serviço de Bolsonaro.

Na mesa, Braga Netto esteve

sentado ao lado do presidente.

Ainda que o objetivo tenha sido outro, boa parte da reunião foi dedicada a reverberar questionamentos às urnas e ao TSE. Depois de Paulo Sérgio, outros ministros se

gurem no assunto, como os chefes da AGU (Advocacia-Geral da União), Bruno Bianco, e da CGU (Controladoria-Geral da União), Wagner Rosário.

Bianco é responsável por representar o Executivo perante o STF (Supremo Tribu-

nal Federal) e costuma evitar embates públicos com a corte. Na reunião fechada, o AGU disse que as eleições não pertencem a um Poder, mas à população brasileira.

Rosário, por sua vez, se queixou da atuação de Barroso e Bruno Dantas, do TCU (Tribunal de Contas da União), no Congresso, quando os parlamentares votaram, e rejeitaram, a PEC do voto impresso.

A reunião ministerial durou cerca de quatro horas. De acordo com relatos, o assunto das urnas eletrônicas dominou mais da metade do encontro. No tempo restante, Bolsonaro cobrou mais engajamento de seus ministros na defesa do governo.

Bolsonaro afirmou que é necessário haver mais empenho e um maior alinhamento no discurso dos integrantes da Esplanada. Ele também determinou aos auxiliares que defendam o governo como um todo —e não falem apenas sobre atribuições de suas respectivas pastas.

A proposta de discurso unificado foi levada por Braga

Netto à reunião. Ele tem atuado como ponte entre a campanha e o governo. A intenção dos que trabalham para reeleger Bolsonaro é que quando os ministros forem inaugurados uma obra, por exemplo, não falem apenas dela, mas de outros feitos do governo.

Presidente diz que falará com outros países sobre urnas

BRASILIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou que irá convidar os embaixadores de todos os países para participar, na próxima semana, de uma reunião em que vai falar sobre "como é o sistema eleitoral brasileiro". O chefe do Executivo disse que levará "documentos" relativos às eleições de 2014, 2018 e 2022.

O presidente costuma levantar suspeitas, sem provas, sobre as urnas eletrônicas. Em sua live semanal nesta quinta-feira (7), afirmou que "desconfia" do trabalho do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

"O assunto será um Power Point, nada pessoal meu, para nós mostrarmos tudo que aconteceu nas eleições de 2014, 2018, documentado, bem como essas participações dos nossos ministros do TSE, que são do Supremo, sobre o sistema eleitoral", disse.

Ele fez referência a Luís Roberto Barroso, Edson Fachin e Alexandre de Moraes —o primeiro foi presidente do TSE até fevereiro e o segundo presidiu até agosto, quando dará lugar ao terceiro.

A ideia de Bolsonaro é rebater afirmações feitas por Fachin em uma reunião realizada no fim de maio com diplomatas estrangeiros. O presidente do TSE promoveu um seminário intitulado "Sessão Informativa para Embaixadas: o sistema eleitoral brasileiro e as Eleições de 2022".

Na ocasião, disse que a comunidade internacional deve estar "alerta" às "acusações levianas" contra o sistema eleitoral brasileiro.

Bolsonaro também rebateu afirmação de Fachin de que o Brasil pode passar por um episódio mais grave que o Capitólio (leia mais abaixo), quando apoiadores do ex-presidente dos EUA Donald Trump invadiram o Congresso para tentar reverter o resultado das urnas.

"Você sabe o que está em jogo, você sabe como você deve se preparar —não para um novo Capitólio— ninguém quer invadir nada, mas para nós sabermos o que temos que fazer antes das eleições", disse o presidente. MT

Campanha de reeleição será lançada no Maracanãzinho

A convenção do PL que oficializará a candidatura do presidente Jair Bolsonaro (PL) à reeleição será no próximo dia 24 no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o general Braga Netto também deve ser oficializado candidato a vice do mandatário. A ideia inicial era fazer o evento em São Paulo, mas a coordenação da campanha não encontrou um local adequado e acabou mudando de plano. Diante da dificuldade, chegou a ser cogitado fazer o ato em Brasília, no Ginásio Nilson Nelson. Prevaleceu, no entanto, a opção pela capital fluminense. O evento cairá num domingo e deve ocorrer pela manhã. Havia uma preferência por SP devido à avaliação de que seria mais fácil atrair um grande público. No RJ, porém, a expectativa é que também seja possível fazer um evento lotado.

Joaquim Barbosa vê vassalagem militar sobre golpistas do presidente

Cristina Camargo

SÃO PAULO O ex-presidente do STF (Supremo Tribunal Federal) Joaquim Barbosa criticou na madrugada desta quinta-feira (7) as declarações do ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, sobre a segurança das urnas eletrônicas.

"Disse o general: 'As Forças Armadas estavam quietinhas em seu canto e foram convidadas pelo TSE...'. Ora, general, as Forças Armadas devem permanecer quietinhas em seu canto, pois não há espaço para elas na direção do processo eleitoral brasileiro. Ponto", afirmou Barbosa.

A declaração de Nogueira foi dada em audiência na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara.

O ministro do presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou que as Forças Armadas não estão preocupadas com uma possível ação violenta de grupos contrários ao processo eleitoral brasileiro em uma reeleição da invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, após a derrota de Donald Trump.

Para Barbosa, insistir na agenda de "pressão desabrida e cínica sobre a Justiça Eleitoral" é uma clara atitude de "vassalagem em relação a Bolsonaro".

"É sinalizar que o Brasil caminha paulatinamente rumo a um golpe de Estado. Pense nisso, general", disse, no Twitter.

O ex-presidente do STF ressaltou que a Justiça Eleitoral é independente e concebida para "subtrair o processo eleitoral ao controle dos políticos e dos militares de casaca".

Os ataques ao sistema eleitoral e as ameaças golpistas são rotina para Bolsonaro.

Em live no mês passado, por exemplo, o presidente afirmou que o TSE tem tomado "medidas arbitrárias contra o Estado Democrático de Direito" e atacado "a democracia". "Não querem transparência no sistema eleitoral", disse.

Por isso, como mostrou a Folha, organizações e ativistas que já trabalham com a previsão de que Bolsonaro executará um plano golpista nas eleições tentam articular uma reação orquestrada à ameaça de ruptura democrática.

Centenas de entidades da sociedade civil, movimentos sociais e políticos, profissionais do direito, militantes e acadêmicos atuam, em público e nos bastidores, para traçar o roteiro de uma resposta imediata a ataques efetivos contra a ordem eleitoral.

A maior parte das ações se dá em conjunto com o TSE, que ampliou o contato com vários segmentos para barrar a investida autoritária. O esforço conta também com iniciativas que querem se manter discretas para driblar perseguições do bolsonarismo.

Brasil pode ter evento pior que a invasão do Capitólio, diz Fachin

Rafael Balagó

WASHINGTON O ministro Edson Fachin, presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), disse que o Brasil pode ter, nas eleições deste ano, um episódio ainda mais grave do que a invasão do Congresso dos

EUA, em 6 de janeiro de 2021. "Nós poderemos ter um episódio ainda mais agravado do 6 de janeiro daqui do Capitólio. Nós entendemos que há seis condições fundamentais para evitar que isso aconteça no Brasil", disse Fachin, durante uma conversa no Wilson Center, em Washington, na quarta (6). Ele, no entanto, não detalhou como o caso brasileiro poderia ser pior.

As seis condições citadas pelo ministro para evitar esta situação são: que a Justiça Eleitoral, a sociedade civil, o Parlamento, as Forças Armadas, a imprensa e a comunidade internacional atuam para proteger a democracia brasileira, dentro dos papéis que cabem a cada uma delas.

"Se houver a dissolução de um dos Poderes, o perigo poderá ir para o outro lado da rua", disse, ao comentar a importância de o Congresso defender o processo eleitoral. "A sociedade brasileira, dia 2 de outubro, colocará um espelho diante de si. Se almeja a guerra de todos contra todos ou almeja a democracia e, a partir daí, faça suas escolhas."

O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa após reunião com políticos

Pedro Ladeira - 19 abr 18 / Folhapress

Adriano Machado / Reuters

Netto à reunião. Ele tem atuado como ponte entre a campanha e o governo. A intenção dos que trabalham para reeleger Bolsonaro é que quando os ministros forem inaugurados uma obra, por exemplo, não falem apenas dela, mas de outros feitos do governo.

SOMOS GPTW!



Assaí Atacadista. Certificado como um excelente lugar para trabalhar.

**Great
Place
To
Work®**

Certificada

Jun/2022 - Jun/2023

BRASIL

Um dos maiores empregadores do segmento privado do país, com mais de **60 mil** colaboradores.

Inauguração de cerca de **50 lojas** em 2022, gerando mais de **15 mil** novos empregos.

Mais de **2 milhões** de horas de capacitação em mais de **3.600** cursos.



assaí.com.br



assaíatacadistaoficial



assaíatacadistaoficial



assaioficial



Assaí Atacadista



assaioficial

política



Público durante evento com ex-presidente Lula (PT) na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro

Bomba caseira explode em ato com Lula no centro do Rio

Suspeito foi detido e petista evita falar sobre caso, que não deixou feridos

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Um ato com apoiadores do ex-presidente Lula na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, foi alvo na noite desta quinta-feira (7) de um artefato explosivo que agravou a tensão na pré-campanha do petista, alvo de seguidos episódios de ataques nos últimos meses.

A bomba caseira, aparentemente feita de garrafa PET, foi lançada do lado de fora da área isolada em frente ao palanque, antes da chegada de Lula. Segundo a Polícia Militar do

Rio, "um homem infiltrado no ato" foi detido e conduzido à delegacia após ter arremessado "um artefato explosivo de festas juninas" na área cerca do palco.

O suspeito foi autuado em flagrante por crime de explosão. Aos policiais civis ele admitiu ter jogado uma garrafa com explosivo de festa junina e urina. A explosão ocorreu ao lado dos banheiros químicos — e seguida de um cheiro ruim sobre a área.

Participantes se afastaram correndo do ponto onde a bomba foi jogada, que estava

mais esvaziado do que a parte central da praça.

Após três estampidos, a apresentadora do ato pediu calma aos espectadores. Não houve correria generalizada. Logo em seguida, foram profícos gritos contra o presidente Jair Bolsonaro (PL).

A assessoria de Lula disse que "estouraram dois artifícios de fogos, causando barulho, jogados de fora para dentro da área do ato".

"Mas ninguém se feriu nem houve tumulto", afirmou.

Nas últimas semanas, a campanha de Lula foi alvo de outros

ataques, incluindo um cerco ao carro do petista em Campinas (SP) e um episódio com drone em Minas Gerais, além da invasão de um evento com o ex-presidente.

A Cinelândia abrigou nesta quinta, sob forte esquema de segurança, o primeiro palanque em praça pública desde o lançamento oficial da pré-candidatura de Lula à Presidência da República.

Uma área de aproximadamente 5.000 metros quadrados foi cercada na praça central da cidade, próximo ao palco montado. O setor tem ca-

pacidade para 7.000 pessoas.

A área isolada ocupou toda a parte frontal do Palácio Pedro Ernesto, sede da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

No palanque, Lula ignorou a disputa ao Senado no Rio entre o PT e o PSB e também evitou comentar o ataque ocorrido antes de sua chegada.

Nem Lula nem os demais políticos que discursaram mencionaram o ataque.

A disputa pelo espaço como candidato ao Senado gerou constrangimentos no evento. O presidente da Assembleia Legislativa, André Ceciliano (PT), e o deputado federal Alessandro Molon (PSB) trocaram ataques indiretos em discursos e disputaram espaço nos materiais de campanha no ato.

Ceciliano teve espaço privilegiado no palanque, com vídeo e jingle sendo apresentados nos telões. Ele discursou com a presença de Lula no palco e atacou "corações" que deixaram o partido em momentos de crise. Foi uma indireta a Molon, que deixou a sigla em 2015.

A equipe de Molon, por sua vez, enviou militantes com placas com seu nome junto de Freixo e Lula. Também fez uma projeção na fachada de um prédio à vista do palco.

O deputado do PSB discursou antes da chegada de Lula e não ficou no palco após a chegada do ex-presidente.

Em seu discurso, Lula não se posicionou na disputa. Fez questão apenas de apresentar Freixo como seu único candidato a governador, mas nada falou sobre o Senado.

O ex-presidente também afirmou que, caso eleito, irá reverter os sigilos de cem anos impostos por Bolsonaro "no primeiro decreto que eu fizer", e que o país precisa "gostar de livros, e não de armas, de amor, e não de ódio".

Uma hora e meia antes do evento já havia confusão e empurra-empurra para entrar no espaço mais próximo ao palco.

Desde o lançamento de sua pré-candidatura, o ex-presidente tem privilegiado atos em locais com algum controle de acesso, como centro de convenções ou estacionamento de estádios.

Em Salvador, Lula caminhou na rua na celebração do dia da Independência da Bahia, em 2 de julho, mas discursou no

estacionamento do estádio da Fonte Nova.

A segurança do ex-presidente foi reforçada após o protesto de um bolsonarista durante o ato de lançamento das diretrizes do programa de governo da chapa Lula-Alckmin.

Ao todo, três manifestantes driblaram o esquema de segurança e entraram no salão do evento, restrito a convidados. Não havia detectores de metal na entrada do salão. Os cerca de 150 convidados não foram submetidos à revista.

A abordagem do manifestante, que se aproximou de Lula e Alckmin sem que fosse detido por um segurança, provocou um alerta na cúpula petista.

Após o incidente, a necessidade de novos protocolos de segurança foi discutida com o próprio candidato.

Foi a segunda vez que a estrutura de segurança foi facilmente burlada. A primeira vez aconteceu no casamento do petista, no dia 18 de maio. Incidentes também têm ocorrido do lado de fora dos locais de eventos.

No dia 15 de junho, apoiadores de Lula foram atingidos por um líquido de forte odor lançado por um drone que sobrevoou os arredores do Unir (Centro Universitário do Triângulo), onde horas depois Lula se reuniria com o ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD).

Bolsonaristas têm acompanhado a agenda do ex-presidente. No dia 5 de maio, durante viagem a Campinas, eles cercaram o carro em que o petista deixava um condomínio onde tinha almoxarife.

Sempre refratário a esquemas mais ostensivos de segurança, Lula tem sido convencido da necessidade de reforçar suas proteções em eventos públicos e restritos. Segundo petistas, sua segurança pessoal também ganhou reforço.

Para os grandes eventos, já há um rígido protocolo. O público é cadastrado pelas delegações de partidos.

Chegando aos estádios e centros de convenções, os participantes são submetidos a detector de metal, passando, em seguida, por uma fila montada segundo ordem alfabética. Identificados, recebem pulseiras de identificação. Nos locais, é proibido o uso de cartazes e bandeiras com mastro que possam ferir militantes.

Carro de juiz que mandou prender ex-ministro Milton Ribeiro é atacado com fezes e ovos

Cézar Feitoza

BRASÍLIA O juiz federal Renato Borelli, que decretou a prisão do ex-ministro Milton Ribeiro em junho, foi alvo de um ataque nesta quinta-feira (7). O carro do juiz foi atingido por fezes de animais, ovos e terra, em Brasília. O ataque ocorreu enquanto Borelli dirigia o veículo, saindo de casa em direção ao trabalho.

O material foi arremessado no para-brisa. Mesmo com a visibilidade prejudicada, Borelli conseguiu seguir até um local seguro. Ele não se feriu.

O ataque foi relatado ao TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região). O caso foi revelado pelo O Antagonista e confirmado pela Folha.

Renato Borelli é juiz federal da 15ª Vara de Justiça Federal de Brasília. Foi ele quem autorizou a Operação Acesso Pago da PF (Polícia Federal), que prendeu Milton Ribeiro e outros quatro, em 22 de junho, por suspeitas de corrupção no Ministério da Educação.

Logo após a prisão, Borelli recebeu centenas de ameaças de grupos de apoio ao governo Jair Bolsonaro (PL), que foram comunicadas à PF.

A corporação, no entanto, ainda não abriu o inquérito para investigar o caso porque aguarda mais informações da Justiça Federal. O ataque desta quinta ainda não havia sido comunicado à Polícia Federal.



Carro do juiz atacado em Brasília

MPE cobra partidos por número inflado de negros na Câmara

SÃO PAULO

OMPE (Ministério Público Eleitoral) notificou, nesta quinta (7), os diretórios de todos os partidos políticos no estado de São Paulo e cobrou esclarecimentos sobre erros nos dados raciais no registro de candidatos a deputado federal.

Na ação, o MPE solicita que as legendas retifiquem dados de parlamentares com mandato em curso e adotem medidas para evitar a inserção errada de novos dados.

A ação do órgão ocorre após reportagem da Folha revelar que registros irregulares inflam o número de negros na Câmara dos Deputados. O caso foi representado no Ministério Público Eleitoral, com base no texto do jornal, pela Unefro Brasil.

A reportagem mostra que ao menos 38 deputados que se autodeclararam negros (como pretos ou pardos) na eleição de 2018 teriam dificuldade de passar por uma banca de heteroidentificação, como as que avaliam se uma pessoa pode se inscrever como cotista num vestibular.

Oito deles confirmaram para o jornal que são brancos e que houve erro no registro da candidatura. Os demais não se manifestaram. Segundo o procurador regional eleitoral Paulo Taubemblatt, que encaminhou o ofício às legendas, a medida é uma recomendação, e as consequências vão depender do que ocorrer depois.

"Eu determinei que se aguardasse por 15 dias e que se notificasse o representante, mas os partidos não precisavam responder. Foram cientificados e notificados quanto aos novos efeitos jurídicos da autodeclaração", diz.

Na ação, o órgão cobra que filiados recebam orientação para preencherem adequadamente os dados de cor e raça no registro do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e que os diretórios orientem sobre as possíveis consequências de eventual fraude.

Em nota, o Ministério Público Eleitoral lembra que os dados relacionados a cor e raça dos candidatos terão efeitos jurídicos e econômicos relevantes a partir das eleições deste ano.

A emenda constitucional 111/2021 estabelece que a partir deste ano votos dados a candidatas mulheres ou a candidatos negros para a Câmara serão contados em dobro na definição dos valores do fundo partidário e do fundo eleitoral. A medida será válida até 2030.

O tamanho da fatia do fundo partidário e do fundo eleitoral não é o único problema decorrente de distorções na base do TSE. A repartição do dinheiro dentro das próprias agremiações termina afetada, já que a lei estabelece distribuição proporcional à quantidade de candidaturas de pessoas negras e brancas.

Taguara Ribeiro

Bolsonaro dá o golpe da ilegalidade

Nem todo voto no 'Mito' é fascistoide, mas todo fascistoide vota no 'Mito'

Reinaldo Azevedo

Jornalista, autor de "O País dos Petralhas"

Tivéssemos tradição na literatura surrealista — há bons autores, não uma escola —, seria a hora de lançar mãos à obra. Jair Bolsonaro, sob a sombra do seu "esquema militar" e ameaçando arregimentar outros arruaqueiros como ele próprio, decidiu jogar o governo, o sistema político e as eleições na mais escancarada ilegalidade. Há um golpe em curso, que não depende dos soldados de Paulo Sérgio Nogueira, ministro da Defesa. Seu palco de operações é o Congresso Nacional, e o general atende pelo nome de Arthur Lira (PP-LA), presidente da Câmara, que apelidei, em razão de suas artimanhas car-

nívoras, não da má vontade do escriba, de Tiranolira Rex. A PEC que impôs o teto da alíquota de ICMS para combustíveis, energia, telecomunicação e transporte público é ilegal. Fere o pacto federativo, além de determinar perda permanente de receita para estados e municípios. Definir produtos ou serviços como essenciais para violar a Constituição é patranha amadora. Mas triunfou. Tiranolira tem as emendas do relator. E elas lhe facultam, em companhia de Bolsonaro, o comando do governo mais corrupto da história. Até o chilique monocrático e "liberaloide" de Paulo Guedes

ao reduzir por decreto o IPI, sob o pretexto de incentivar a produção, poderia ser questionado na Justiça. A decisão ignora que o governo renunciou a uma arrecadação que não é sua. Mais de metade desse dinheiro iria para estados e municípios por intermédio dos fundos de participação. Eis a turma que promete mais Brasil e menos Brasília. É uma gente que seria apenas debochada não fosse também a incultura em sentido amplo, muito especialmente a democrática. A PEC "Ai, que Medo de Lula" — pronuncia-se a expressão com acento à Narcisca Tamborideguy — representa um

momento único do Legislativo Brasileiro. Jamais um só texto violou tantos códigos legais ao mesmo tempo: a Lei Eleitoral, a Lei de Responsabilidade Fiscal e a Constituição. Essa gente escarnece das instituições e prepara uma armadilha para a oposição. Se esta se opuser de peito aberto às "generosidades", Bolsonaro moveria a máquina de difamação para acusar os adversários de prejudicar os mais pobres, os camponeses, os taxistas, os idosos... Deve-se, nesse caso, fazer o oposto de certo poeta: não perder a vida por delicadeza... Também é inconstitucional a manobra para não instalar

a CPI do MEC, que foi transformado em templo da ignorância e da indecência. Por lá se falavam línguas estranhas, mas não por obra do Espírito Santo. Era só o argentino capotado da estupidez, da cupidade e da ignorância se manifestando e punindo os mais pobres. Rodrigo Pacheco (PSD), presidente do Senado, que já elogiou aqui, cedeu ao deslize reacionário e ilegalista. O presidente da República e a cúpula do centrão — convertida ao golpismo legislante, com as emendas do relator nas mãos — estão chamando para a briga do STF, que não deve ceder a provocação. Se o fizesse, o caos poderia se sobrepor ao desordem. Bolsonaro atinge o estado da arte das manobras a que se dedica a extrema direita mundo afora: manietar o Poder Judiciário na certeza de que se exerceu suas prerrogativas, criar-se-iam as circunstâncias para a dispersão que chamam "libertadora". Não por acaso, continua a incentivar o ataque dos cães

contra os tribunais. Eis aí a resposta que o próprio presidente dá àqueles que, em 2018, o escolheram como instrumento possível contra o PT, na esperança de que o estado de direito se encarregaria de mudar os hábitos alimentares do lobo, tornando-o vegetariano. Tratou-se de uma leitura verdadeiramente herbívora da realidade e do futuro. E há os que já esqueceram tudo sem aprender nada. Uma nota de rodapé: é evidente que nem todo mundo que vota no "capitão" é fascista — eu emprego o termo "fascistoide". Mas não é menos evidente que todos os fascistoídes votam no "capitão". Isso significa alguma coisa? Significa. Outra nota de rodapé: é absolutamente legítimo nos gozarmos de Bolsonaro, de Lula, de Ciro Gomes, de Simone Tebet ou de J. Pinto Fernandes. Ocorre que há os que dão de ombros também para a incitação golpista em nome de sua "radical independência intelectual". E isso também significa.

DOM, Elío Gaspari, Janio de Freitas | SEG, Celso R. de Barros | TER, Joel P. da Fonseca | QUA, Elío Gaspari | QUI, Conrado H. Mendes | SEX, Reinaldo Azevedo, Sílvia Almeida, Angela Alonso | SÁB, Demétrio Magnoli



Porto de Atilaia do Norte, município no Amazonas onde foram mortos Bruno Pereira e Dom Phillips

Juiza do AM envia caso Bruno e Dom para a Justiça Federal

Ministério Público pediu transferência por ligação com direitos indígenas

José Marques e João Gabriel

BRASÍLIA A juíza responsável pelo processo sobre o homicídio do indígena Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, Jacinta Silva dos Santos, da comarca de Atilaia do Norte (AM), decidiu enviar o caso para a Justiça Federal. A magistrada atendeu a um pedido feito pelo Ministério Público do Amazonas, que considerou que o caso é de competência federal. Segundo ela, o relatório das investigações feitas pela Polícia Civil e pela Polícia Federal concluiu que a motivação do crime estaria relacionada com os direitos indígenas, tema de responsabilidade da Justiça Federal. Na decisão, a magistrada citou um trecho de relatório das investigações da Polícia Federal, que afirma que "o homicídio ocorreu devido a uma rixa antiga de pescadores ribeirinhos locais e Bruno Pereira, em virtude das fiscalizações realizadas por ele na área da terra indígena Vale do Javari enquanto exercia funções na Funai, e mesmo depois como colaborador da Unijavá".

"Os relatos indicam que Bruno já tinha sido ameaçado em razão da atuação na defesa de comunidades indígenas localizadas naquela região", afirma o relatório. A polícia havia solicitado na quarta (6) que se convertesse a prisão temporária dos três investigados em prisão preventiva (sem termo determinado), o que deve ser analisado por um juiz federal. Ainda há a possibilidade de a Justiça Federal entender que o caso não é de sua competência. Também nesta quinta, a coordenação regional da Funai (Fundação Nacional do Índio) no Vale do Javari decidiu suspender o atendimento ao público por razões de segurança. Ofício protocolado pela manhã afirma que a decisão aconteceu após servidores da fundação serem abordados por duas pessoas, que se diziam colombianos, "fato que gerou medo e pânico diante da situação", no último dia 9. O caso foi registrado em um boletim de ocorrência. Segundo o relato dos servidores, os dois queriam saber informações acerca da morte do "jornalista inglês", Dom Phillips.

O ofício emitido pela coordenação regional do Vale do Javari cita também a morte do indígena Maxciel Pereira da Silva, em 2019, a falta de medidas para garantir a segurança dos servidores na região. Diz ainda que há um "sentimento de exposição, vulnerabilidade e insegurança" e "risco real de atos de violência física" até contra as pessoas atendidas pela fundação. "Resolvemos suspender as atividades de atendimento ao público e restringir nossos trabalhos apenas a questões internas e de caráter emergencial, até que sejam tomadas as devidas providências", afirma o texto. Bruno e Dom foram assassinados quando desciam o rio Itaquai, ao lado da terra indígena Vale do Javari, rumo a Atilaia do Norte. Os suspeitos são pescadores ilegais de piracuru. Quase um mês depois, o caso ainda causa comoção em Atilaia do Norte, município de pouco mais de 20 mil habitantes no extremo oeste do Amazonas. Foram presos suspeitos de participação no crime até aqui Amarildo Oliveira, o Pe-

lado, seu irmão, Osney da Costa de Oliveira, e Jefferson da Silva Lima, conhecido como Pelado da Dinha, que confessou o crime em seguida, segundo a polícia. O primeiro a confessar participação nos assassinatos foi Pelado, segundo informação divulgada pela PF. Ele vivia na comunidade São Gabriel, na margem do rio Itaquai, fora da terra indígena. A confissão de Pelado ocorreu na noite de 14 de junho. No dia seguinte, ele foi levado pelos policiais à área isolada onde foram encontrados os primeiros pertences de Bruno e Dom. Os corpos dos dois foram achados no mesmo dia 15, a partir das indicações feitas por Pelado. No último domingo (3), a Defensoria Pública da União e o Ministério Público Federal protocolaram um pedido de indenização por danos morais coletivos contra a União no valor de R\$ 50 milhões a serem revertidos em favor dos povos indígenas isolados e de recente contato. O pedido, segundo a coluna Painei, foi feito em uma ação que já corre desde 2018.

Polícia investiga projétil que perfurou janela da Redação da Folha

SÃO PAULO A Polícia Civil de São Paulo iniciou investigação para apurar incidente ocorrido no final da noite da última quarta-feira (6) na sede da Folha, na região central da cidade. Por volta das 22h30, um projétil atingiu e perfurou uma das janelas da Redação, no quarto andar do prédio. Jornalistas que estavam no local ouviram um estampido no momento em que o projétil atravessou o vidro. Ninguém foi atingido. Policiais do 77º Distrito Policial, de Santa Cecília, estiveram na sede do jornal no início da tarde desta quinta-feira (7) e iniciaram as investigações. Em seguida, técnicos responsáveis pela perícia foram ao local do incidente para a sequência da apuração — um projétil esférico foi encontrado nas imediações. Mais cedo, advogadas da Folha foram ao distrito policial e registraram boletim de ocorrência. Delegado titular do distri-

to, Severino Pereira Vasconcelos disse que o estampido ouvido pelas testemunhas indica que o projétil possa ter saído de uma arma de cartucho. Segundo ele, porém, somente as investigações de campo e o trabalho de perícia irão apontar a causa e as possíveis motivações do caso. Não há prazo para a conclusão das investigações. Em nota, a Secretaria Especial de Comunicação do Governo de São Paulo disse considerar "inacreditável qualquer tipo de ataque ou intimidação aos jornalistas, aos veículos de comunicação e à liberdade de imprensa". "Jornalismo responsável e independente, como o praticado pela Folha de S. Paulo, faz parte da essência da democracia e dos valores da sociedade paulista", afirmou a pasta, que disse acompanhar o trabalho da área de inteligência da Polícia Civil para esclarecer o disparo do projétil.

Facebook reduz conteúdo político no Brasil a 3 meses das eleições

SÃO PAULO A três meses da eleição, o Facebook vai reduzir a frequência de conteúdos políticos no feed de notícias da rede social. A Meta, dona da plataforma, anunciou a mudança para o Brasil em comunicado nesta quinta (7). A mudança na distribuição de conteúdo passa por testes desde fevereiro de 2021 e é uma resposta ao retorno de usuários que queriam ver menos política na plataforma, de acordo com a empresa, que vem implementando

amedida em todos os países. "A partir de hoje daremos mais ênfase a comentários e compartilhamentos para determinar a distribuição de conteúdo político no Facebook no país", diz a companhia, também dona de WhatsApp e Instagram. O Brasil tem 142 milhões de usuários que acessam a rede todos os meses. A mudança poderá ser percebida de forma gradual ao longo das próximas semanas. Paula Soprano

ONGs pressionam redes sociais por medidas contra fake news

SÃO PAULO Um grupo de 90 organizações, institutos e pesquisadores pressionam as plataformas de redes sociais por novas medidas para a integridade da eleição deste ano. Um documento foi encaminhado a empresas de tecnologia nesta quinta-feira (7) com 38 recomendações sobre integridade, transparência, segurança a grupos marginalizados, combate à desinformação sobre a Amazônia e o meio ambiente e regas para mitigação de erros das plataformas na eleição. Assinam grupos como Coalizão Direitos na Rede, Abrapi (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), Centro Popular de Direitos Humanos, Instituto Mariel Franco, Vladimir Herzog, Observatório Político e Eleitoral, Interviwe e Oxfam. A carta, que também será enviada ao TSE, pede que as redes tenham políticas específicas para as eleições e que os processos de moderação as contemplem. PS



Gilberto Kassab (PSD), à esq., e Tarcísio de Freitas (Republicanos) em evento do PSD nesta quinta

PF vai investigar mudança de domicílio eleitoral de Tarcísio

Apuração deve durar ao menos 30 dias; ex-ministro diz que não foi notificado

Artur Rodrigues

SÃO PAULO A Polícia Federal vai investigar o domicílio eleitoral do pré-candidato ao governo paulista Tarcísio de Freitas (Republicanos), em um trâmite que inclui prazo de 30 dias para o término da apuração, informou o Ministério Público do Estado de São Paulo.

O pedido de investigação foi feito pela Promotoria Eleitoral de São José dos Campos (SP) após representações citando reportagem da Folha, que revelou que Tarcísio não mora no imóvel que indicou à Justiça Eleitoral na cidade do interior paulista.

A reportagem pediu esclarecimentos à Promotoria sobre as próximas etapas da investigação. O órgão informou que após a requisição do inquérito “as apurações ficam sob responsabilidade da autoridade policial, não se podendo prever ou antecipar diligências a cargo da Polícia Federal”.

O caso é investigado pela PF porque a Justiça Eleitoral, em sua natureza, é federal.

A equipe do ex-ministro da Infraestrutura afirmou à Folha nesta quarta-feira (6) que “o MP provocou por pré-candidato da União Brasil, encaminhou pedido para a autoridade policial que conduziu a apuração dos fatos”, Tarcísio ainda não foi formalmente notificado sobre a denúncia deste inquérito”, disse.

Nesta quinta-feira (7), em evento que oficializou o apoio do PSD à chapa de Tarcísio para o Governo de São Paulo, pré-candidato disse estar tranquilo com os questionamentos sobre seu domicílio eleitoral e chamou as denúncias de “dor de cotovelo”. “É só para inquietar e criar problema”, afirmou ele.

“A gente tem que perceber que domicílio eleitoral é um conceito mais amplo. Pressupõe, por exemplo, relação de trabalho. Eu fui ministro da Infraestrutura, fiz a concessão da Nova Dutra, do aeroporto de São José dos Campos. Pressupõe vínculo afetivo. Eu tenho parentes morando em São José dos Campos, sempre foi a minha base”, argumentou. “Tenho do-

mício [naquela cidade] constituído por meio de contrato de aluguel”.

Pré-candidato ao Governo de São Paulo apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), o ex-ministro informou à Justiça Eleitoral um apartamento em bairro nobre de São José dos Campos que, segundo os papéis, foi alugado diretamente de seu cunhado.

A legislação exige a residência mínima de três meses no novo domicílio (no caso de Tarcísio, o estado) para a transferência do título de eleitor. O contrato de aluguel foi firmado em setembro de 2021, e a transferência do documento, antes registrado em Brasília, foi feita em janeiro.

Dessamaneira, Tarcísio, que

nasceu no Rio de Janeiro e vivia em Brasília, ficou apto a concorrer ao governo paulista. Alienação dele com o estado, porém, é alvo de questionamento por adversários.

A Folha foi até o apartamento indicado pelo ex-ministro da Infraestrutura e viu do portão que o apartamento estava desocupado, em reforma.

Questionado, Tarcísio afirmou que “em razão dos diversos compromissos profissionais e de pré-campanha”, tem mantido base na capital, pois precisa se deslocar constantemente por todo o estado de São Paulo.

No entanto, o pré-candidato afirmou que tem residência reconhecida pela Justiça Eleitoral em São José dos Campos, onde familiares vivem há mais de 20 anos.

De acordo a Promotoria, houve “diversas denúncias” após a publicação da reportagem da Folha no dia 17 de junho. Segundo o órgão, as apurações têm prazo de um mês, mas elas podem ser prorrogadas a critério da autoridade policial.

A reportagem também procurou a Polícia Federal, que afirmou que “não se manifesta a respeito de possíveis inquéritos em andamento”. Entre as pessoas que fizeram a denúncia sobre o caso está Renato Battista (União Brasil), integrante do MBL (Movimento Brasil Livre) e pré-candidato a deputado estadual, conforme revelou a Folha.

“É claro que qualquer brasileiro pode vir a residir em São Paulo e, uma vez fixando residência, concorrer a um cargo eletivo representando o povo paulista ou o estado. O que não é possível é que um cidadão que aqui não reside simule uma residência — muitas vezes alugando um imóvel às pressas — apenas para concorrer a um cargo público”, dizia em sua representação.

Assim como a Folha, depois da publicação da reportagem, Renato Battista foi até o apartamento e também ouviu que o imóvel está em obras, conforme vídeo publicado por

ele em rede social no dia 29 de junho.

A questão do domicílio eleitoral de Tarcísio ganhou fôlego após o Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo decidir que o ex-juiz Sérgio Moro (União Brasil) não poderia concorrer pelo estado, por considerar irregular a transferência do título de eleitor do também ex-ministro de Bolsonaro.

Anteriormente, o Ministério Público havia arquivado questionamento sobre a falta de vínculos do candidato com o estado. Em nota, afirmou que a documentação apresentada já havia sido julgada satisfatória pela Justiça Eleitoral, entendimento que reiterou desta vez a reportagem.

“Vale ressaltar que Tarcísio de Freitas comprovou a existência de parentes na cidade, comprovou locação de imóvel em prazo hábil, promoveu a juntada de título de cidadania, outorgado pela Câmara Municipal, lembrando que o artigo 23 da Resolução TSE 3.659/2021 exige apenas a comprovação alternativa, não cumulativa de quaisquer dos vínculos”, diz nota do Ministério Público, enviada no mês passado.

O TRE-SP (Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo) também rejeitou um questionamento da direção do PSOL a respeito do domicílio eleitoral de Tarcísio de Freitas.

O relator do caso, desembargador Símar Fernandes, apontou “intemperismo político”, pois não foi cumprido o prazo para a reclamação, e ausência de irregularidade. O posicionamento foi seguido pelos demais membros da corte.

Na época do novo pedido feito por adversários, a equipe do ex-ministro diz que a iniciativa da oposição desrespeita decisões prévias e foi recebida como mais um sinal de incômodo com o fortalecimento de sua pré-candidatura.

A questão do vínculo de Tarcísio com o estado também tem sido explorada por adversários. A pré-campanha do governador Rodrigo Garcia (PSDB) tem usado o slogan “paulista raiz” para se referir ao laticiano, uma indireta à situação de Tarcísio.

Kassab busca descolar Bolsonaro de seu apoio a ex-ministro em SP

Bruno B. Soraggi

SÃO PAULO O presidente do PSD, Gilberto Kassab, justificou apoio ao pré-candidato Tarcísio de Freitas (Republicanos) por ele “ser honesto” e “o melhor para São Paulo” e desconversou sobre o fato de o presidente Jair Bolsonaro (PL), patrocinador do pleito do ex-ministro, estar frequentemente colocando em xeque o processo eleitoral.

“São Paulo merece o Tarcísio. E o Tarcísio merece, por sua história, ser governador de São Paulo”, disse Kassab a jornalistas durante o evento no qual a aliança entre PSD e Tarcísio foi oficializada.

“Ele [Tarcísio] é bem preparado, tem capacidade de gestão. De todos aqueles que se apresentaram para ser candidato, ele é o melhor”, afirmou. O evento ocorreu na sede do PSD paulista, no centro de São Paulo, na manhã desta quinta-feira (7).

Questionado sobre os flertes antidemocráticos de Bolsonaro, o ex-prefeito de São Paulo justificou que o apoio se dá no plano estadual e que questões nacionais ficam para o plano nacional. “Nós estamos falando de candidato a governador e, portanto, nosso candidato a governador será o Tarcísio”, argumentou Kassab.

“Estamos aqui neste momento consolidando o entendimento com o pré-candidato Tarcísio, o e o foco é justamente a gestão de São Paulo, a importância do estado de São Paulo. As questões nacionais são consideradas e colocadas em outro patamar, no patamar de discussões nacionais”, emendou.

Kassab acrescentou que o PSD “já concluiu tudo o que seu processo de escolha [de apoio]”, já temos encaminhamento em todos os estados. As questões regionais são desvinculadas da questão nacional”.

Antes, ao discursar no evento, Kassab afirmou que o elo é um momento muito importante para o PSD. “Representa uma contribuição muito grande ao estado de São Paulo. Vai oferecer o que há de melhor”.

Sobre o candidato ao Senado pela sua coligação após a desistência do apresentador José Luiz Datena (PSC), Tarcísio afirmou que vai “testar nomes” para ver “qual terá mais apuração”. “Temos partidos de direita e esquerda e todos eles têm excelentes quadros”, disse, sem citá-los nem sendo estudad.

A cerimônia também oficializou Felício Ramthun (PSD) como vice na chapa de Tarcísio. Ex-prefeito de São Jo-

sé dos Campos, Ramthun celebrou o apoio do seu partido à chapa, mas disse que essa aliança entre PSD e os demais partidos da coligação é feita “sem qualquer compromisso com o futuro”.

“É programática e pragmática. Vamos conseguir construir um plano de governo juntos para que a gente consiga transformar o estado de São Paulo”, disse ele. “Quando falo sobre compromissos futuros, quis dizer um pouco sobre o fisiologismo, tão comum na política. Na troca de cargos, espaços, tudo será conquistado de acordo com a capacidade de trabalho”, explicou.

Tarcísio afirmou que o papel do vice na chapa vai ser “de transformação, vai somar muito”. “Vai ser melhor do que o papel do atual vice [Rodrigo Garcia, vice de João Dória], que virou governador e concorreu para essa tragédia que estamos vivendo hoje”, disse.

Os detalhes do acordo foram fechados em um encontro de Kassab com o presidente nacional do Republicanos, Marcos Pereira.

Kassab também conversou com o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, e com Gilberto Nascimento (PSC), além do próprio Tarcísio.

No evento desta quinta, o presidente do PSD negou a possibilidade de ser suplente de candidato a senador escolhido pela chapa — possibilidade também aventada quando Datena ainda era o postulante.

“Não vou participar das eleições deste ano, tenho a missão partidária. [Ser suplente de senador] não é nenhuma motivação, nenhuma reivindicação. Meu nome está à disposição, mas não é meu projeto. Meu projeto é ajudar a eleição do Tarcísio e ajudar a consolidação do partido”, apontou.

“Estamos aqui neste momento consolidando o entendimento com o pré-candidato Tarcísio, e o foco é justamente a gestão de São Paulo. As questões nacionais são consideradas e colocadas em outro patamar”

Gilberto Kassab (PSD)
presidente do partido

Vantagem de Haddad no 2º turno diminui, aponta pesquisa Quaest

SÃO PAULO O ex-prefeito Fernando Haddad (PT) segue à frente na disputa ao Governo de São Paulo, segundo pesquisa Quaest divulgada nesta quinta-feira (7).

No principal cenário de 1º turno, Haddad marca 35% contra 14% de Tarcísio de Freitas (Republicanos) e 12% de Rodrigo Garcia (PSDB). Tarcísio, ex-ministro da Infraestrutura que tem o apoio do presidente Jair Bolsonaro (PL), e Rodrigo, atual governador do estado e que foi vice de João Dória, estão tecnicamente empatados.

A seguir, aparecem Felício Ramthun (PSD) e Vinicius Pórt (Novo). Indícios são 12% e brancos, nulos e aqueles que não pretendem votar somam 24%.

A pesquisa foi realizada de 1 a 4 de julho, com 1.640 en-

trevistados. A margem de erro é de 2,4 pontos percentuais, para mais ou para menos. Os números de registro na Justiça Eleitoral são SP-55318/2022 e BR-2964/2022.

A pesquisa da Quaest é financiada pela corretora de investimentos digital Genial Investimentos, que é controlada pelo banco Genial.

Fernando Haddad também lidera as projeções de segundo turno contra os seus principais oponentes. Mas a vantagem sobre eles caiu entre as pesquisas de maio e essa de julho.

Na disputa entre Haddad e Tarcísio, a vantagem passou de 22 pontos em maio (45% a 23%) para 16 pontos em julho (44% a 28%). Já em relação a Rodrigo a vantagem saiu de 23 pontos (44% a 21%) para os atuais 15 (42% a 27%).

União Brasil anuncia apoio a Rodrigo Garcia em SP e cobra vaga de vice

Bivar colocou aliança em dúvida, mas voltou atrás após governador decidir dividir seu palanque



O governador de São Paulo e pré-candidato à reeleição Rodrigo Garcia (PSDB) em evento em São Paulo Roberto Casimiro - 1º jul.22/Fotoarena/Ag. O Globo

Carolina Linhares

SÃO PAULO A União Brasil, partido com maior fundo eleitoral e mais tempo de TV, anunciou nesta quinta-feira (7) seu apoio ao governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), que busca a reeleição.

A aliança será formalizada durante evento na capital paulista, no sábado (9), com a presença de Rodrigo e do presidente da União Brasil, Luciano Bivar, que concorre ao Planalto.

A adesão ocorre no mesmo dia em que o principal adversário do governador na corrida estadual, o ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos),

anunciou uma coligação com o PSD e apresentou o ex-prefeito Felício Ramuth (PSD) como seu candidato a vice.

O líder da corrida estadual, Fernando Haddad (PT), também deve anunciar o reforço do PSD em sua campanha no fim de semana. O ex-governador Márcio França (PSB) já avisou a aliados que desistiu de concorrer ao Palácio dos Bandeirantes e vai disputar o Senado na chapa do petista. A última pesquisa Datafolha mostra Haddad com 34%, e Tarcísio e Rodrigo empatados com 13%.

Como mostrou a Folha, Rodrigo abriu palanque para Bivar em busca de consolidar a

aliança com a União Brasil. O governador afirmou que, apesar de o PSDB ter fechado apoio a Simone Tebet (MDB), ele não ficará preso à emedebista e irá fazer campanha também para Bivar.

A União Brasil reivindica também a vaga de vice na chapa de Rodrigo — a ideia é indicar o ex-secretário Henrique Meirelles. O MDB, que também faz parte da coligação tucana em São Paulo, pretende indicar o ex-secretário Edson Aparecido (MDB) para o posto.

Tucanos que integram a campanha de Rodrigo esperam contemplar os dois principais partidos aliados nas vagas de vice e para o Senado. Eles

afirmam que a chapa ainda não está decidida, mas o objetivo é chegar a um acordo com União Brasil e MDB, como foi feito no caso da divisão do palanque do governador entre os presidentes de ambas as siglas.

A coluna Painel mostrou que não houve resistência do MDB à decisão de Rodrigo de abrir o palanque para Bivar. O assunto foi conversado entre a cúpula da União e Balaia Rossi, presidente do MDB. Os partidos devem dividir outros palanques regionais, como Goiás, com Ronaldo Caiado (União Brasil), e Mauro Mendes (União Brasil), em Mato Grosso.

O presidente do PSDB, Bru-

“

Rodrigo Garcia e Eduardo Leite contam com total autonomia e confiança da direção nacional para promover todas as alianças regionais que julguem necessárias

Bruno Araújo
presidente do PSDB

no Araújo, também deu aval para os palanques duplos não só em São Paulo, mas também no Rio Grande do Sul, onde Eduardo Leite (PSDB) ainda espera formalizar uma coligação com o MDB.

“Vemos com absoluta naturalidade a abertura de palanque em São Paulo e Rio Grande do Sul para o pré-candidato Luciano Bivar, da União Brasil, partido com que temos importantes alianças regionais em várias unidades da Federação”, disse Araújo à reportagem.

Ele afirma que a formação de palanques duplos com base nas coligações locais é algo correto no país. “Rodrigo Garcia e Eduardo Leite contam com total autonomia e confiança da direção nacional para promover todas as alianças regionais que julguem necessárias para o fortalecimento do projeto de seus estados”, completou.

Rodrigo, que integrou o DEM até 2021, tem uma série de aliados na União Brasil, partido que surgiu da fusão do DEM e do PSL. A aliança era tida como certa, mas foi colocada em xeque pelo próprio Bivar depois que o PSDB decidiu apoiar Tebet e não a ele.

O presidente da União chegou a afirmar que não apoiaria o tucano em São Paulo e admitiu abrir conversas com Haddad e Tarcísio, mas voltou atrás. “Após longo período de conversas, o União Brasil e o PSDB chegaram a um acordo para as eleições estaduais. O União Brasil vai apoiar a reeleição de Rodrigo e discutirá o nome de vice na chapa”, afirma uma nota da União Brasil.

“O evento [no sábado] também vai marcar o apoio de Rodrigo Garcia a Bivar como candidato a presidente em São Paulo”, completa.

No programa Roda Viva, da TV Cultura, na última segunda-feira (4), o atual governador de São Paulo afirmou que a aliança nacional PSDB-MDB não vincula suas alianças no estado e abriu espaço para Bivar, apesar de garantir que Simone Tebet terá palanque.

“Estou com disposição total de participar das ações da campanha do Luciano Bivar. [...] Terá meu apoio”. Questionado sobre a divisão entre Bivar e Tebet, Rodrigo respondeu: “Não vamos encontrar na política um caminho seguro para que essas forças da terceira via tenham na minha candidatura um espaço de diálogo e de exposição das suas ideias em São Paulo”.

Silvio Almeida

Excepcionalmente, a coluna não será publicada nesta semana.

No plantão, presidente do STJ libera Arruda para disputar eleição

Fabio Serapião

BRASÍLIA O ministro Humberto Martins, presidente do STJ (Superior Tribunal de Justiça), suspendeu os efeitos da condenação por improbidade administrativa que tornava inelegível o ex-governador do Distrito Federal José Roberto Arruda (PL).

A decisão foi tomada durante o plantão do STJ porque, de acordo com o ministro, a defesa de Arruda demonstrou a “necessidade concreta e urgente de concessão do efeito suspensivo ao recurso interposto”.

Arruda chegou a ser preso e foi condenado em processos derivados da operação Caixa de Pandora, de 2009, quando foi filmado recebendo um maço de dinheiro. O ex-governador alegou que os valores seriam utilizados em ações sociais, como a compra de panetones.

Após conceder a liminar, o ministro Humberto Martins citou que está pendente no STJ (Supremo Tribunal Federal) a votação da ação que vai definir se a nova Lei de Improbidade Administrativa aprovada no Congresso deve ser aplicada de forma retroativa.



Arruda durante campanha de 2014 para governador do DF Civaldo Barbosa - 13 ago.14/Agência O Globo

“Está evidenciado o perigo da demora e o risco de irreversibilidade da decisão, uma vez que ficou caracterizada situação emergencial que justifica a concessão de

liminar, que é exatamente a possibilidade do julgamento, ao final, ser-lhe favorável no Superior Tribunal de Justiça, tendo sido impedido de participar das eleições de 2022,

justifica o ministro do STJ em sua decisão provisória.

Como Arruda pode ser beneficiado pela decisão do Supremo Tribunal Federal, cuja votação está marcada pa-

ra o dia 3 de agosto, no retorno do recesso, o presidente do STJ entendeu que ele pode ser prejudicado caso não concedesse a liminar.

No Supremo Tribunal Fede-

ral, será debatido se a nova redação da lei, como a mudança nos prazos de prescrição e a necessidade do dolo (intenção) para enquadramento, vale para casos de condenações já proferidas, como é o caso de Arruda.

O prazo de prescrição é um dos argumentos da defesa de Arruda na tentativa de anular suas condenações.

Como mostrou a Folha, apostando na reversão de suas condenações, o ex-governador já se movimentava nas últimas semanas para articular uma chapa e tinha afirmado em conversas com apoiadores que desejava disputar a eleição de 2022.

Atualmente, o governador Ibaneis Rocha (MDB) tem a maioria dos partidos em sua base e a entrada de Arruda na disputa pode impactar no palanque de Jair Bolsonaro, de quem é correligionário.

Arruda nos últimos meses já se reuniu com lideranças do PP, Republicanos, PSD e Cidadania. Ele chegou a conversar com o próprio Jair Bolsonaro. Sua esposa, a ex-ministra do governo Bolsonaro Flávia Arruda, é pré-candidata ao Senado.

Leia mais na pág. A4



Primeiro-ministro Boris Johnson volta ao número 10 da Downing Street, em Londres, sede do governo britânico, após fazer seu discurso de renúncia

Henry Nicholls/Reuters

Boris Johnson, do brexit ao 'partygate', renuncia ao cargo

Premiê britânico cede à pressão, mas deve permanecer no poder até nova eleição

Daigo Oliva

SÃO PAULO Boris Johnson, o primeiro-ministro do Reino Unido que ascendeu ao poder por meio de uma imagem de bafão, com os cabelos organizados e gravatas tortas, renunciou nesta quinta-feira (7).

Em meio a uma avalanche de crises e abandonado por aliados, ele indicou que permanecerá no cargo até que um novo líder do Partido Conservador seja escolhido — o que deve acontecer nos próximos meses —, ainda que o movimento seja rechaçado pela oposição trabalhista e por membros de sua legenda.

"O processo de escolha de um novo líder deve começar", disse Boris em frente ao número 10 de Downing Street. "E hoje indiquei um novo gabinete para governar, assim como eu farei até a escolha acontecer", continuou ele.

Críticos haviam especulado que a derrocada aconteceria antes, mas, resistente, Boris sobreviveu a uma série de crises, e a saída agora se deve menos a um caso específico e mais ao acúmulo das controvérsias de seu governo.

Do negacionismo diante do surgimento da Covid à descoberta de que sabia e nada

fez para tirar um hoje acusado de assédio sexual da tarefa de garantir a disciplina parlamentar de seu partido, o premiê deixa o cargo impopular e constrangido por aliados, como a debandada em série de seu governo mostra.

Nos últimos dias, dois secretários de peso, Rishi Sunak e Sajid Javid, das Finanças e da Saúde, puxaram a fila de renúncias, seguida por mais de 50 membros de sua gestão. A pressão cresceu na quarta (6), quando um grupo de pessoas próximas a ele, entre as quais outros ministros, foi até Downing Street para pedir que Boris enfim cedesse, encerrando um período de quase três anos à frente do Reino Unido.

No discurso de renúncia, Boris disse que há uma espécie de instinto de rebano no poderoso em Londres. "Na política, ninguém é nem remotamente indispensável, e nosso sistema brilhante trará outro líder, igualmente comprometido em levar este país adiante em tempos difíceis", seguiu o premiê, que pediu que a população se lembrasse do quão triste estava por deixar "o melhor emprego do mundo".

Eleito para entregar o brexit, a separação dos britânicos da União Europeia, o conservador cumpriu a promessa.

Também foi o primeiro líder no mundo a entregar vacinas contra o coronavírus à população, numa virada que chegou a apagar os trancos iniciais, quando demorou a decretar lockdown e outras restrições, levando o país a ser um dos mais atingidos pela pandemia no continente europeu.

Mas, de todos os rótulos, o que mais grudou foi o de mentiroso. O "partygate", episódio no qual vazamentos em série revelaram festas na sede do governo num momento da Covid em que os ingleses estavam proibidos de se reunir em ambientes fechados, deixou explícita a maior crítica feita pela oposição e até por membros de seu partido, a de que ele negava fatos que sempre se revelavam verdadeiros.

Foram dezenas de comemorações, de festa de Natal a festa de aniversário — do próprio premiê. Funcionários do gabinete chegaram a realizar um convívio na véspera do funeral do príncipe Philip (1921-2021), o que depois gerou um pedido de desculpas feito por Boris à rainha Elizabeth 2ª.

Pouco mais de um mês atrás, Boris escapou de um voto de desconfiança. Precisa do apoio de 180 dos 359 parlamentares de sua sigla — obteve 211 votos, mas viu 148

Zelenski liga para britânico e se diz triste com sua renúncia

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenski, ligou nesta quinta-feira (7) para o primeiro-ministro britânico de saída, Boris Johnson, para expressar seu desalento diante da renúncia do líder conservador.

"Todos nós recebemos esta notícia com tristeza. Não só eu, mas toda a sociedade ucraniana, que é muito solidária com você", disse Zelenski, segundo o comunicado divulgado por seu gabinete. Pouco antes, o perfil oficial da Ucrânia no Twitter havia publicado uma mensagem de agradecimento ao premiê britânico por seu apoio nos momentos mais difíceis da guerra. (AFP)

correligionários se posicionarem contra ele. Em tese, a conquista garantiria um ano sem que ninguém pudesse acionar o mecanismo para derubá-lo outra vez, mas bastou uma nova crise para que especulasse em uma revisão das regras. Só a ameaça de uma nova votação acabou impulsionando a renúncia do premiê.

Nascido em Nova York, Alexander Boris de Pfeiffer Johnson, 58, passou o final da infância e o começo da adolescência em Bruxelas, onde fica a sede da União Europeia. Filho de um ex-funcionário da Comissão Europeia, aprendeu a falar francês, alemão, italiano e espanhol, além de ter estudado latim e grego, que por vezes usou em citações.

Ainda que tenha chegado ao poder na onda de populistas de direita, não tinha muitas semelhanças com o americano Donald Trump, a quem analistas costumavam relacionar. Além do perfil intelectualizado, não é moralista, não discrimina pessoas LGBTQIA+ e já admitiu ter experimentado maconha e cocaína, ou seja, diverge frontalmente da pauta mais conservadora.

Antes de tornar futuro ex-primeiro-ministro, formou-se na Universidade de Oxford, e, em 2021, deixou uma longa carreira como jornalista e escritor para ser eleito deputado. Depois, entre 2018 e 2019, foi prefeito de Londres e, na sequência, por dois anos, chanceler do governo de Theresa May, a quem sucedeu.

Durante seu mandato, a política externa foi um traco forte de Boris, que por vezes usou a Guerra da Ucrânia como escudo para desviar das crises. Um dos líderes mais vocais

contra a Rússia de Vladimir Putin, visitou Kiev duas vezes, prometeu armas e ajuda ao país ora invadido. Mal os rumores de que ele iria renunciar surgiram na imprensa, Moscou se apressou para afirmar, por meio de seu porta-voz, Dmitri Peskov, esperar que "pessoas mais profissionais, que decidam pelo diálogo", assumam o poder no Reino Unido. "Ele não gosta de nós, nós não gostamos dele."

É muito improvável que a posição britânica vá mudar, mas o líder ucraniano, Volodymyr Zelenski, perde um grande aliado. "Ao povo da Ucrânia, digo que eu sei que nós, no Reino Unido, continuaremos apoiando sua luta pela liberdade pelo tempo que for necessário", afirmou Boris.

No plano doméstico, Boris renunciou no momento em que ventos independentistas voltam a soprar da Escócia e com o Protocolo da Irlanda, fruto do divórcio entre UE e Reino Unido, ainda a resolver. O resultado da contenda em torno do mecanismo para evitar uma "fronteira dura" entre as Ilhas pode azedar de vez a relação do Reino Unido com o bloco europeu, sinal de que o brexit deixou cicatrizes.

Em meio a tantas questões e escândalos, por muito tempo Boris foi visto como sobrevivente. Em seu governo, foi de fato um. Permaneceu no poder até quando todos já davam a derrota como certa. Ficou mais do que os críticos imaginavam e menos do que o seu alter ego no romance que escreveu, "Seventy Two Virgins", conseguiu. Na obra, ele triunfa ao tentar ofuscar as más notícias que o aguiardavam. Para Boris, não deu.

Secretário de Defesa do Reino Unido é favorito para a sucessão

Mayara Paixão

GUARULHOS Após saída de Boris Johnson, o favorito para sucedê-lo no cargo de premiê do Reino Unido é Ben Wallace, secretário de Defesa, mostra pesquisa do instituto YouGov divulgada nesta quinta (7).

O levantamento ouviu 716 membros do Partido Conservador, ao qual pertence Boris, entre terça (5) e quarta-feira (6), quando o processo de desgasto do governo já havia se intensificado com a debandada de dezenas de parlamentares e de ao menos dois ministros importantes.

Cerca de 13% disseram que votariam em Wallace, enquanto outros 12% afirmaram que a escolha seria Penny Mordaunt, que também chegou a

pasta e hoje comanda o Ministério do Comércio. Na sequência, Rishi Sunak, que renunciou ao cargo de ministro das Finanças, com 10%, e a chanceler Liz Truss, com 8%.

O ex-secretário de Saúde Jeremy Hunt, que em 2019 disputou com Boris a liderança do partido, aparece em oitavo lugar, com 5%, ao lado de Nadhim Zahawi, escolhido para substituir Sunak. Sajid Javid, ex-secretário da Saúde que também abandonou o governo, fica com 4%.

Com a renúncia de Boris, os conservadores darão início a um processo de seleção que envolve uma série de votações entre postulantes à liderança até que só restem dois possíveis nomes. Então, todos os filiados votam nos

finalistas, e o mais votado, obviamente, torna-se o premiê.

Já nesta quinta, o deputado conservador Tom Tugendhat, atual presidente da comissão de relações exteriores do Parlamento, tornou-se o primeiro a anunciar sua candidatura à sucessão de Boris.

A pesquisa do YouGov mostra Wallace como preferido em todas as mais prováveis disputas — e com margens amplas. Seu concorrente mais próximo seria Sunak. Neste cenário, 51% dizem que apoiariam o secretário de Defesa, enquanto 30% ficariam com o ex de Finanças. Outros 19% não souberam responder.

Três dos nomes ventilados pelos conservadores sugerem a possibilidade de o Reino Unido, pela primeira vez,



O secretário de Defesa do Reino Unido, Ben Wallace
Daniel Leal - 6 jun 22 / AFP

ter um premiê não branco. Sunak nasceu na Inglaterra, mas seus pais são indianos. Já Javid é descendente de imigrantes do Paquistão. Zahawi, por sua vez, nasceu em Bagdá, no Iraque, filho de pais curdos.

O instituto também perguntou quais as principais características que os votantes levariam em conta para decidir seu apoio. As três mais mencionadas foram competência para o cargo de premiê (55%), capacidade para unir o desgastado Partido Conservador (54%) e capacidade para vencer as eleições de 2024 (53%). A maioria — 84% — também diz desapoiar a possibilidade de o sucessor convocar eleições gerais antecipadas.

Wallace foi um dos que se mantiveram no gabinete de

Boris e pouco se pronunciou sobre a debandada dos colegas. Até que, no Twitter, escreveu: "Alguns de nós temos a obrigação de manter o país seguro, não importa quem seja o primeiro-ministro; o partido tem um mecanismo para mudar os dirigentes, e esse mecanismo que aconselha os colegas a usarem".

O favorito ganhou projeção nos últimos meses por comandar a Defesa britânica em meio à Guerra da Ucrânia. Wallace, 52, foi nomeado na pasta da Defesa em 2019. Formou-se na Real Academia Militar de Sandhurst e serviu na Irlanda do Norte, Alemanha e América Central. Começou a carreira política na assembleia da Escócia, até que em 1999 chegou a Westminster.

Queda de premiê é face visível de degradação pós-divórcio com UE

Vitória avassaladora dos conservadores em 2019 e acordo para o brexit abriram falha estrutural na política britânica

OPINIÃO

Mathias Alencastro

Boris Johnson provavelmente chegou ao final desta quarta (6), quando os deputados de seu partido foram até Downing Street pedir a sua saída, como no dia do plebiscito do brexit: com um discurso para defender a permanência do Reino Unido na União Europeia e outro para celebrar a saída do país. Mestre na arte da intriga, Boris tem uma aura que deriva da sua ausência de bússola moral. Ele era só a face mais visível e deveras exótica do processo de degradação institucional britânico iniciado pelo brexit.

Não por acaso, personagens que participam de sua queda também foram protagonistas do principal acontecimento político da Europa neste século. Entre eles destacam-se Michael Gove, ex-ministro e traidor con-

maz que conseguiu ser demitido dos três últimos governos, e o teatral Jacob Rees-Mogg, um dos únicos deputados que se recusaram a abandonar Boris até o final.

Os potenciais candidatos conservadores a premiê perderam parte do capital político nos últimos meses. Rishi Sunak, promissor secretário das Finanças que se apresenta como produto da imigração, foi obrigado a revelar as ligações familiares com empresa indiana de tecnologia.

O oianglo-iraquiano Nadhim Zahawi o sucedeu dias atrás apenas para esperar a última faca nas costas de Boris.

Habituals slogans da política britânica, como "o pior emprego do mundo" e "de tédio não morreremos" aplicam-se à perfeição ao mundo centenário e hipercodificado da política de Westminster.

Se o Partido Conservador há muito é conhecido como o "nasty party", o partido no-

jento, devido aos golpes sujos de seus membros, o nível de canibalismo político que o caracteriza atualmente não pode ser apenas explicado pela sua cultura interna. Ele também é atribuído aos vícios do processo do brexit, que deixou a política britânica presa em contradições. A vitória avassaladora dos conservadores nas eleições de 2019, seguida pela assinatura do acordo de saída da UE, abriu uma falha estrutural.

Por um lado, os conservadores estabeleceram uma nova hegemonia a partir da conquista de bastiões industriais que votavam na esquerda desde a Segunda Guerra. A legenda, antes elitista e urbana, teve de compor com uma base de deputados que dependem do eleitor atraído pelo nacionalismo do brexit.

Por outro, o Partido Trabalhista, principal força da oposição, perdeu sua base na Escócia, que apoiou com

força a sigla independentista local. Desde então, suas lideranças se tornaram espectadores impotentes.

Por mais que seja politicamente insustentável, a hegemonia conservadora é forte demais para ser derrubada. Esse problema de fundo é o motor da crise que sacode os conservadores. As polémicas sobre as festas ou a vida privada de Boris são só as manifestações mais folclóricas.

Mas o impasse não é sinônimo de apatia do Estado. Com política externa hiperreativa, o Reino Unido desenvolveu uma identidade única por brexit na era Boris, destacando-se por proatividade na Guerra da Ucrânia, provocações intermináveis à UE e agenda comercial agressiva.

Mas essas vitórias pírricas, conquistadas com manobras políticas que consolidam a reputação do premiê de parceiro à hegemonia regional, também expõem a atual situação de discussão sobre o projeto de país. O Reino Unido, essencialmente, precisa escolher entre dois destinos. O japonês, de um país envelhecido e autônomo do ponto de vista geopolítico, que consegue renovar o seu parque industrial e se manter relevante como contraponto à hegemonia regional, ou o italiano, caracterizado por um modelo político que impede a sua renovação e acelera a sua decadência.

O problema para o Reino Unido nunca foi como se livrar do premiê Boris Johnson. É o que fazer do brexit.

Como será eleito o novo líder do Partido Conservador?

Para disputar a eleição, o candidato deve ser indicado por ao menos oito colegas

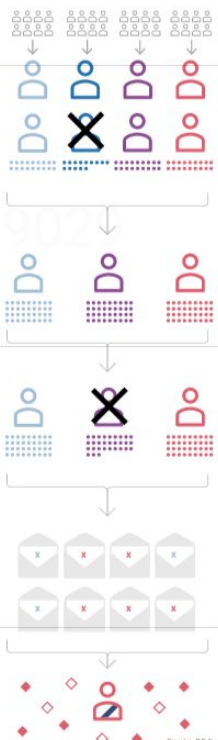
1 Parlamentares conservadores votam. Candidatos que recebem menos de 18 votos são eliminados

2 Conservadores votam de novo. Candidatos que recebem menos de 36 votos são eliminados

3 Mata-mata. Se os candidatos remanescentes superarem essa cifra, aquele com menos votos é eliminado. Processo continua até que restem dois candidatos

4 Voto por correspondência. Envolve mais setores do Partido Conservador e chega a um único nome

5 Novo líder é eleito. Vencedor se torna líder do partido e primeiro-ministro, conforme maioria parlamentar



Novo líder britânico deve ser 15º a passar pela rainha Elizabeth

Em algumas semanas, Boris Johnson será levado até o Palácio de Buckingham para entregar à rainha Elizabeth 2ª, 96, a carta oficial de renúncia ao governo do Reino Unido. Depois, seguindo o rito, ela chamará à sua residência o novo premiê britânico — provavelmente escolhido pelo Partido Conservador, atualmente no poder — e o nomeará novo líder do país. Esta deve ser a 15ª vez que Elizabeth, no trono desde 1952, dará a bênção a um novo chefe de governo. A mais longa rainha do Reino Unido conviveu com líderes que hoje já estão nos livros de história, como Winston Churchill, premiê durante a Segunda Guerra, e Margaret Thatcher, primeira mulher a ocupar o cargo, responsável por diminuir o papel do Estado enquanto aumentava os mecanismos de mercado. Até agora, Elizabeth acompanhou dez mandatos de conservadores e quatro de trabalhistas. Sem interferir nos governos, claro, pois a rainha deve se manter politicamente neutra.

Escândalo sexual foi empurrão final em série de crises que enterraram governo

Thiago Amâncio

SÃO PAULO As definições de resaca moral foram atualizadas no Reino Unido depois de uma noite de um deputado inexpressivo politicamente se tornar o empuurrão final a causar a renúncia do premiê Boris Johnson.

Não faltaram escândalos nos ombros do primeiro-ministro nos quase três anos em que ocupou o cargo, da reforma em seu apartamento oficial com doação privada não declarada até as festas na sede do governo durante os períodos mais severos de lockdown no país. Boris conseguiu sobreviver a todos, de uma maneira ou de outra, inclusive a um voto de desconfiança convocados por seus correligionários.

Mas foi a festa de aniversário de 30 anos dos Amigos Conservadores do Chipe, entidade ligada à ex-colônia britânica, o golpe final. O evento aconteceu no último dia 29 no Carlton Club, clube privado e primeira sede do próprio Partido Conservador, com a presença de uma série de parlamentares, entre os quais Chris Pincher, 52, até então um

dos articuladores políticos do governo no Parlamento.

Pincher bebeu tanto que, sem condições de ir embora, precisou ser colocado em um táxi e levado para casa antes que a festa acabasse. Entre uma coisa e outra, dois homens procuraram outra articuladora política do partido, Sarah Dines, e afirmaram terem sido apalpadados pelo parlamentar durante a festa.

A colega avisou o chefe, Chris Heatn-Harris, e quando Pincher acordou no dia seguinte já havia uma investigação contra ele. No final da noite, ele renunciou ao cargo ao governo com uma carta em que assumia a bebedeira além da conta e se desculpava com o governo.

Mas a reação chamou atenção porque aquela não era a primeira vez em que Pincher havia sido acusado de assédio enquanto membro do governo. Em 2017, ele renunciou após um ativista conservador dizer que ele tinha cometido ato do tipo em 2001.

A reincidência de Pincher foi o que apertou o calo do premiê, porque Boris foi acusado de mentir ao dizer que não sabia do comportamento do aliado, a quem trouxe de volta ao governo em 2019.

No New York Times parlamentares conservadores afirmaram que Pincher era "institucionalmente eficiente", sufocando dissidências para garantir apoio aos projetos do premiê. Ele foi um dos responsáveis por angariar respostas necessárias para que Boris sobrevivesse ao voto de desconfiança no mês passado, num esforço batizado pelo próprio governo de "Operação para Salvar o Cachorro" (Operation Save Big Dog).

Apesar do sucesso no voto de desconfiança, a fritura já era irreversível. Ele até teve um soluço de popularidade no começo da Guerra da Ucrânia, quando seus índices de aprovação subiram um pouco, mas não foram suficientes para salvá-lo, sobretudo após resultados ruins para o Partido Conservador nas urnas em eleições locais.

MUNDO OUVIU

Livros, filmes, séries, podcasts e o que mais houver para tentar entender o mundo

Podcast faz perfil delicioso de Boris, homem brilhante e de caráter terrível

João Batista Natali

SÃO PAULO Boris Johnson, o premiê agora de saída, era há alguns anos um jornalista do Daily Telegraph quando uma colega o procurou para discutir uma coluna que preparava sobre uma convenção do Partido Conservador.

Ela expôs em detalhes seus planos, e ele deapalpitou. Qual surpresa dela quando, no dia seguinte, ao abrir o jornal, suas ideias estavam redigidas sob a assinatura de Boris. Rachel Sylvester, hoje colunista do Times, conta o incidente e descreve o político como um

homem brilhante, mas dono de um caráter terrível.

Sylvester participou de um debate em junho que a BBC publicou como podcast. O tema era justamente o premiê, que renunciou nesta quinta (7) à liderança dos conservadores após uma série de escândalos.

Vejamos dois desses incidentes. O primeiro ocorreu há alguns meses, quando um delegado da Polícia Metropolitana de Londres tocou a campanha do número 10 de Downing Street, residência oficial do chefe do governo, e entregou ao morador uma advertência, porque ele, du-

rante a pandemia, contrariou o direito do próprio governo e promoveu festas com a aglomeração de convidados.

O segundo é mais político que moral. Há um mês, os 359 deputados conservadores se reuniram para votar a deposição de Boris. Decidiram mantê-lo por 21 a 148. Uma das letúrgias desse período era a de que 148 deputados já representavam uma maioria ética para colocá-lo no olho da rua.

Mas Boris não apenas sobreviveu como não se sentiu arranhado quando, dias depois, os conservadores perderam duas eleições em distritos colo-

cados antecipadamente em desastrosas eleições locais. "O primeiro-ministro desafia a lei da gravidade", disse a mediadora da BBC. Ele deveria ter caído. Agora caiu.

Entre os fatores que seguravam Boris havia o charme. Os eleitores gostam de seu jeito desalinhado. "É um sedutor que gosta de usar alinguagem", diz Sylvester, que lembra um episódio da infância de Boris. Ele tinha dez anos quando mãe sofreu uma crise psicótica e foi internada. Ele sentiu muito só e percebeu que precisaria seduzir as pessoas com palavras inteligentes.

Boris não gosta que falem mal dele. Tanto que ofereceu uma gorjeta de 100 mil libras para que o ensaísta Andrew Gimson não escrevesse uma biografia dele. Gimson, um

dos convidados do podcast, escreveu "O primeiro-ministro de um Troublemaker at Number 10" (retrato de um criador de confusões no número 10).

O último participante da conversa foi Tim Montgomerie, blogueiro para simpatizantes do Partido Conservador e ex-assessor do premiê. Ele descreve o estilo meio católico com que Boris conduziu a própria agenda, chegando atrasado a reuniões e esquecendo de levar cópias de documentos importantes.

Apesar desse conjunto de fatos, Boris funciona. Ele foi por dois mandatos prefeito de Londres, e mesmo os adversários trabalhistas não encontraram muitos defeitos em sua gestão. Participou muito discretamente da queda de sua predecessora, Theresa May,

que não conseguia fazer o Parlamento aprovar um conjunto de leis pelas quais se esperava o brexit, a saída britânica da União Europeia.

Boris foi um dos entusiastas do divórcio e se comprometeu a acabar de vez com essa história. Foi o que fez. Os partidários da UE não o operdoam. Como pandemia, investiu pesadamente para que não faltasse dinheiro aos trabalhadores obrigados a permanecer em casa. Ele teria sido até mais irresponsável em termos fiscais, o que agradou o eleitorado trabalhista, disse um dos participantes do podcast.

The Real Story: The Rocky Road Ahead For Boris Johnson
Episódio de podcast. Duração: 49 min. (em inglês). Disponível em <https://www.bbc.com/sounds/play/w3-z33nc>

Itamaraty tem recorde de mulheres em curso que forma diplomatas

Participação feminina chega a quase 42% entre os 36 aprovados e se torna maior índice do Instituto Rio Branco

Nathalia Garcia

BRÁSILIA A nova turma do Instituto Rio Branco, onde começa a carreira de diplomata no Brasil, terá neste ano a maior participação feminina da história da instituição: dos 36 admitidos, 15 são mulheres.

O índice de cerca de 42% atingiu o mais alto patamar com a nomeação de duas candidatas aprovadas no sistema de cotas em 2017 e admitidas depois de um acordo judicial.

Considerando apenas o concurso público deste ano, 13 das 34 vagas foram ocupadas por mulheres (38% do total). Trata-se do mais alto percentual nos últimos 30 anos. A média de candidatas aprovadas no processo seletivo é de 23,54%, de acordo com o Itamaraty.

Em 2018, a proporção foi ainda menor. Há quatro anos, o concurso selecionou apenas três mulheres em uma turma de 27 pessoas — 11% de participação feminina. Desde então, a disparidade de gênero diminuiu a cada novo concurso.

Uma das aprovadas para iniciar a carreira diplomática neste ano é a paraibana Adri-

ana Gabínio, 27. "É um número histórico de mulheres, estou extremamente feliz, não só por mim, mas por todas as minhas colegas", afirma ela. "A foto da nossa turma é muito bonita, com mulheres diferentes, bem a cara do Brasil".

No concurso de 2022, foram selecionadas seis mulheres negras, das quais cinco por meio do sistema de cotas e uma na ampla concorrência.

Além delas, a turma terá mais duas cotistas admitidas

42%

dos candidatos admitidos para a nova turma do Instituto Rio Branco deste ano são mulheres, o maior índice da história da instituição

23%

é a média de candidatas aprovadas no processo seletivo do Rio Branco nos últimos 30 anos

depois de imbróglio judicial. Para Gabínio, isso serve de motivação para futuras candidatas. Ela própria conta que a atuação direta de diplomatas brasileiras como Laura Delamônica, Fernanda Mansur e Maria Luiza Viotti, teve papel importante em sua trajetória.

Ela começou a estudar para o concurso do Itamaraty em 2018, por ocasião do centenário de ingresso no ministério de Maria José de Castro Rebelo Mendes, a primeira mulher no Brasil a entrar na carreira.

Irene Vida Gala é uma das diplomatas brasileiras que tem se empenhado para "fazer propaganda de mulher no Itamaraty". Para ela, a participação feminina recorde resultou de um esforço coletivo do grupo de mulheres diplomatas para abrir portas para outras colegas, sem contar com apoio da própria instituição.

"Se na próxima seleção a gente confirmar um número maior de mulheres, a gente pode afirmar que realmente é uma tendência em função de um esforço de publicização da presença da mulher no espaço diplomático", afirma.

Com 37 anos de carreira diplomática, a subchefe do escritório do Itamaraty em São Paulo conta que, na época de seu ingresso, havia uma discussão sobre o uso do gênero feminino na menção ao cargo de terceiro-secretário quando era ocupado por uma mulher.

Na pasta, esse é o primeiro cargo de umidiplomata. É possível progredir até o grau de embaixador (ministro de primeira classe). As regras para avançar seguem requisitos como tempo mínimo na classe, período de serviço no exterior, experiência em cargos de chefia em alguns casos e uma votação entre pares e chefes.

Para Vida Gala, as progressões ainda são pouco transparentes, e faltam critérios objetivos de promoção. Segundo ela, a predominância masculina no meio faz com que haja uma concentração de poder que dificulta a evolução das mulheres na carreira.

A dificuldade se deve à ausência de mulheres em cargos de comando, afirma a diplomata aposentada Maria Celina de Azevedo Rodrigues, presidente da Associação e do Sindicato dos Diplomatas Brasileiros. "Essas posições são as que decidem e votam nas pessoas que vão ser promovidas."

A sub-representação de mulheres é um problema estrutural, segundo Vida Gala. "Uma carreira machista como a nossa tira das mulheres a possibilidade de sonhar com espaços de poder privilegiados."

O Itamaraty nunca foi liderado por uma mulher, mas há mudanças no horizonte. No Brasil, o ministério registrou na lista de promoções de junho um percentual recorde de mulheres em todos os postos da carreira, acima de 30%.

Congresso dos EUA quer investigar interferência militar no pleito do Brasil

Rafael Balago

WASHINGTON Uma emenda apresentada ao NDAA, o Orçamento anual de Defesa dos Estados Unidos, pede que o governo americano investigue se as Forças Armadas do Brasil estão interferindo nas eleições presidenciais.

"Em até 30 dias após a promulgação desta lei, o Secretário de Estado deve submeter um relatório ao Congresso sobre todas as ações tomadas pelas Forças Armadas do Brasil em relação às eleições presidenciais do país, marcadas para outubro de 2022", prevê a emenda 893, incluída na proposta de lei orçamentária para o ano fiscal de 2023, que foi finalizada nesta semana. O documento cita pontos a serem investigados: interferência na contagem de votos, manipulação para tentar reverter o resultado e participação em campanhas de desinformação para questionar o sistema eleitoral e os resultados por meio de protestos, redes sociais ou outros meios de comunicação.

Caso alguns desses pontos sejam constatados, o Brasil poderia ser enquadrado na Seção 7, c-08, que prevê o fim da assistência de segurança dos Estados Unidos a países em que haja golpe de Estado ou ataques de militares à democracia, o que poderia colocar em risco a condição do Brasil de aliado extra-OTAN, obtida em 2019.

A posição faz do Brasil um parceiro preferencial, com acesso facilitado à compra de equipamento militar, alguns a preço de custo, além de cooperação para treinamento e novas pesquisas.

A emenda 893 foi proposta pelo deputado democrata Tom Malinowski, de Nova Jersey, junto com os também democratas Albio Sires (Nova Jersey), Joaquín Castro (Texas), Susan Wild (Pensilvânia), Ihan Omar (Minnesota) e Hank Johnson (Geórgia). A proposta, assim como o Orçamento de Defesa, precisa ser aprovada pelo Congresso, num processo a ser concluído até outubro, quando começa o ano fiscal.

Militares brasileiros passaram a questionar o sistema eleitoral em 2021. Em agosto, Luís Roberto Barroso, então presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), convidou as Forças Armadas a participarem da Comissão de Transparência das Eleições, que reúne membros do Congresso e da Polícia Federal, entre outras entidades.

Nesta comissão, os militares fizeram 88 questionamentos ao sistema de votação, além de sugestões de mudanças nas regras do pleito. Quase todas as propostas foram rejeitadas pelo TSE. Em alguns casos, técnicos

do tribunal apontaram erros de cálculos e confusões de conceitos dos militares.

Em nota, o Ministério da Defesa disse não haver interferência dos militares nas eleições brasileiras. "O ministério reitera que as Forças Armadas participam, a convite do TSE, da Comissão de Transparência das Eleições (CTE). Nesse trabalho, as Forças Armadas apresentam propostas técnicas para atender ao propósito do TSE de aperfeiçoar a segurança e a transparência do processo eleitoral. A participação dos militares na CTE se dá de maneira colaborativa e segue as resoluções do TSE", afirma o comunicado.

Os questionamentos feitos pelos militares são usados pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) para reforçar dúvidas sobre o sistema eleitoral brasileiro, algo que ele fez diversas vezes ao longo do mandato. Bolsonaro disputa a reeleição, e esses questionamentos podem ser usados como razão para não aceitar uma derrota nas urnas, repetindo uma tática usada pelo ex-presidente americano Donald Trump em 2020.

O republicano se recusou a reconhecer o resultado, pressionou autoridades a mudar números e incitou uma turba a defendê-lo. Seus apoiadores invadiram o Congresso em janeiro de 2021 para tentar impedir a confirmação da vitória do presidente democrata Joe Biden. A ação é investigada pelo FBI e por uma comissão do Congresso.

"A atenção dos democratas, inclusive daqueles mais conservadores, vem de uma preocupação real que o que passou nos Estados Unidos se repita no Brasil com uma tentativa de golpe. Eles entendem que o risco existe e não querem que os EUA estejam por trás disso", avalia Juliana Moraes, conselheira de relações institucionais do Washington Brazil Office, entidade que pesquisa a relação bilateral entre os dois países.

“

A atenção dos democratas, inclusive daqueles mais conservadores, vem de uma preocupação real que o que passou nos Estados Unidos se repita no Brasil com uma tentativa de golpe

Juliana Moraes
conselheira de relações institucionais do Washington Brazil Office



PRESIDENTE DOS EUA ENTREGA MEDALHA DA LIBERDADE A ENFERMEIRA DE NOVA YORK

Sandra Lindsay foi uma das 17 pessoas a receber, nesta quinta-feira (7), a maior distinção civil dos EUA, em cerimônia na Casa Branca. Ela atuou na linha de frente contra a Covid-19 e foi a primeira americana a receber a vacina contra a doença

Saul Loeb/AFP

TODA MÍDIA

Nelson de Sá

nelson.sagroup@folha.com.br



Imprensa londrina se divide entre 'vá embora já' e 'legado heroico'

O Times de Londres levou à manchete desde logo que o anúncio de Boris Johnson era, na verdade, o admiendo de sua saída. Recorreu ao ex-primeiro-ministro John Major para o enunciado digital "Vá embora já, pelo bem da nação, diz Major a Johnson".

O Guardian acordou depois, com "Partiu, mas não foi — Johnson anuncia saída, mas se apegou ao poder". No impresso, "Acabou (quase)". A estatal BBC foi cortada. Johnson permanecerá, mas só como interino, concorda o gabinete.

O tom se estendeu às capas de parte dos tabloides desta sexta, que começaram a surgir à noite, adaptando expressão dos tempos da campanha pelo brexit, "Sair quer dizer sair". Mas veículos mais próximos, como o Daily Mail e Telegraph, partiram em sua defesa. O primeiro mancheteu no site imagens "dentro do bunker de Boris", com "fotos tocantes" da família e da equipe, "Tudo terminou em lágrimas".

O Telegraph, onde trabalhava antes como jornalista, levou à manchete digital que

"No fim ele foi seu próprio inimigo, mas o legado heroico de Boris está assegurado", acrescentando que "a maioria será eternamente agradecida pelo brexit". No impresso, avisou que será um "longo adeus".

O Mail, em seu segundo destaque na home, afirmou que "O Partido Conservador vai se arrender de ter esfaqueado Boris, o único homem capaz de ter entregue o brexit, derrotado o socialismo e derrubado o Muro Vermelho do Partido Trabalhista". A indignação se manteve na capa impressa, "O que diabos eles fizeram?"

RÚSSIA VAI VENCENDO Economia russa caminha para uma recessão bem mais superficial

do que muitos analistas esperavam", destaca a Bloomberg, devido à crescente exportação de energia, que "mitigou o impacto das sanções dos EUA e Europa". Especificamente, "JP Morgan, Citigroup e outros grandes bancos estão reduzindo suas projeções de queda na produção deste ano para apenas 3,5%. Uma recessão leve, diz o primeiro.

APERITIVO "Então agora ele está vindo", destaca a alemã Süddeutsche Zeitung, sobre a reunião de chanceleres do G20 com a presença do russo Sergei Lavrov, na Indonésia. "Da um aperitivo" para a cúpula com Vladimir Putin, que acontece logo em seguida.

POLARIZAÇÃO

Nesta sexta (8), o Guardian destaca que 'quase' acabou para o primeiro-ministro, pois está indefinido "quando ele realmente partirá"; e o Daily Mail critica a "histeria coletiva" dos próprios partidários que derrubaram Boris, que vão "lamentar o dia"



Jose Gomez - 2. Abr. 21/Reuters

Juan Manuel Santos

Apenas a legalização das drogas poderá desmantelar máfias

Ex-presidente da Colômbia defende que abordagem de guerra fortalece o narcotráfico e cria um Estado paralelo

ENTREVISTA

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Há pouco menos de um mês da posse do presidente eleito da Colômbia, Gustavo Petro, um de seus antecessores, o Nobel da Paz Juan Manuel Santos afirma estar 100% com o esquerdista no que se refere às suas abordagens aos temas da paz e da justiça reparatoria —por ora, aplicadas apenas a ex-combatentes e militares envolvidos no conflito com a guerrilha das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Santos também defende que a abordagem tradicional de guerra às drogas só tende a fortalecer o narcotráfico. “A solução é a legalização das drogas”, afirma o ex-presidente em entrevista à Folha.

Santos estará em São Paulo nesta sexta-feira (8) para participar do evento Virada ODS, que discute os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Brasil e Colômbia têm vivido um drama comum, o assassinato de defensores da Amazônia, assim como um avanço de máfias para apoderar-se dos recursos da floresta. Como vê o tema e a necessidade de uma ação conjunta entre os dois países? As mortes de guardiões da selva, ambientalistas, ecologistas, jornalistas e pessoas preocupadas com o destino da Amazônia são uma tragédia enorme. São perdas imensas de pessoas que queriam parar com o desmatamento, com os poucos

“Essas máfias estão adquirindo muito poder e controlam regiões às quais o Estado não chega. Os próprios cidadãos deixaram de pedir ajuda ao Estado e procuram as máfias, que, sim, resolvem seus problemas, mas atuam como um Estado paralelo criminoso”

recursos que eles possuíam. A tarefa principal é combater as máfias, do narcotráfico, do contrabando, da mineração e da pesca ilegal, que estão atuando em toda a Amazônia e em outros ecossistemas na América Latina. Essas máfias transnacionais têm um poder enorme, basta ver o caso do promotor paraguaio morto em Cartagena, supostamente por uma facção criminosa brasileira. Se não estamos sendo capazes de colaborar entre os países da região para evitar um crime aberrante como este, estamos fazendo algo muito mal. Essas máfias estão adquirindo muito poder e controlam regiões às quais o Estado não chega. Os próprios cidadãos deixaram de pedir ajuda ao Estado e procuram a má-

fias, que, sim, resolvem seus problemas, mas atuam como um Estado paralelo criminoso. Eu tenho uma posição bastante radical, produto de minha própria experiência.

Qual é sua posição? Por muitos anos, fui ministro da Fazenda e da Defesa. Não tenho problemas em assumir que apliquei as receitas da guerra mundial contra as drogas. Trabalhei em destruir plantações de coca com químicos que são destrutivos para a natureza, fiz apreensões de drogas, mandei extraditar mais de 1.400 narcotraficantes. E, mesmo assim, o negócio do narcotráfico continuou. O que isso me ensinou? Que essas soluções não debilitam as máfias. E que a solução é a legalização das drogas.

O senhor promoveu essa ideia em várias ocasiões, e as críticas foram duríssimas. É mais fácil militar a favor desse tipo de causa depois de ter sido presidente? Quando propus sendo presidente, diziam que eu queria envenenar as crianças. Mas trata-se do mesmo que fez os Estados Unidos quando legalizaram o álcool. É algo possível. Com Fernando Henrique Cardoso, agora estamos fazendo uma campanha mundial para abolir a proibição da comercialização de drogas, de um modo que seja baseado em evidências, na saúde, nos direitos humanos. Estou convencido de que essa é a única forma de tirar o negócio e o poder das máfias.

O senhor falará sobre o combate à pobreza em São Paulo. A pobreza aumentou nos últimos 4 anos na Colômbia. Em seus dois mandatos, caiu de 37,2% a 27%. Qual a fórmula

Juan Manuel Santos, 70
Foi presidente da Colômbia de 2010 a 2018 e ministro do Comércio Exterior, da Fazenda e da Defesa em outras gestões. Recebeu o Nobel da Paz em 2016 por conseguir o acordo de paz com as Farc durante seu governo

la? Nós decidimos adotar uma forma de medir a pobreza diferente da tradicional, um modo multidimensional. Consiste não em medir quanto ganha uma família ou uma pessoa, mas sim quais são as necessidades básicas que estão ou não satisfeitas. Essa forma de medir nos permitiu atacar a pobreza de uma maneira mais exata.

Esse método é mais realista. Se uma pessoa ganha US\$ 100 ou US\$ 800, isso não garante que tenha acesso à saúde ou à educação, dependendo de como e de onde vive. Mas se medimos o que está faltando às pessoas, regionalmente, então chegamos a um cálculo mais exato, e o governo pode focalizar seu esforço e seu investimento público onde de fato a eleição necessários.

A Folha esteve em uma das audiências da Justiça Especial para a Paz (JEP). A justiça reparatoria pode ser aplicada em outros casos? Eu creio que esse modelo é valioso, mas não pode ser aplicado igualmente a guerrilhas e a facções criminosas. São casos diferentes. O que defendo é uma submissão à Justiça e que, sim, as penas não sejam necessariamente de prisão. No caso das Farc, nos baseamos na ideia de que o mais importante eram os familiares das vítimas. Sessões em que membros da guerrilha assumem delitos diante das vítimas são exímias. O que as vítimas mais desejam é serem recompensadas e reconhecidas. Daí o poder desse sistema para a reconciliação.

Nós já aprendemos muito, desde os tribunais de Nuremberg, da Bósnia, do Sudão. Creio que é o momento de admitir que, em casos como o colombiano, é fundamental atingir o consenso para a não repetição dos crimes. Não vejo por que não fazer algo distinto em outros casos, guardadas particularidades.

Acredita que o novo governo da Colômbia está mais perto de atingir esses objetivos que a opção perduradora das eleições? Eu apoio em 100% o novo presidente da Colômbia em sua determinação de implementar o processo de paz e de ter a JEP como um modelo para a pacificação do país. Se alguém se der o trabalho de ler o acordo de paz de 2016, verá que ele propõe várias soluções. Além da paz e da violência, a questão da terra. A Colômbia é muito desigual, com 80% da concentração de terras em mãos de poucas famílias. A reforma agrária é dos primeiros artigos do acordo. Também tratamos da inclusão de indígenas, dos afro-colombianos, das mulheres. Se o acordo, seu governo gerará uma transformação. E Petro sabe disso, por isso acredita nos estar no caminho certo. **Leia mais em Cotidiano, na pág. B4**

Juan Manuel Santos
Nobel da Paz em 2016
Santos (8), das 14h às 14h45. Palco Combate à Pobreza, Paz e Mudanças Climáticas, no Pavilhão da Bienal do Parque do Ibirapuera.

Portugal promulga lei que autoriza dirigir no país portando carteira de motorista do Brasil

Giuliana Miranda

LISBOA Portugal começará a aceitar a CNH (Carteira Nacional de Habilitação) brasileira como documento válido para dirigir no território do país. A decisão foi promulgada nesta semana pelo presidente Marcelo Rebelo de Sousa e passará a valer depois que for publicada no Diário da República, o Diário Oficial luso. Até então, para dirigir legalmente, era necessário fazer a troca da habilitação brasileira pela portuguesa. As autoridades concediam um prazo de 90 dias, a contar da data

da autorização de residência em Portugal, para que os estrangeiros fizessem a requisição. Durante o período, a CNH brasileira poderia ser usada. Depois desse prazo inicial, e por um limite de até dois anos, os brasileiros seguiam com a possibilidade de pedir a troca, mas já não tinham o direito de dirigir usando o documento original. Ao fim do período de dois anos, sempre contados a partir da data da autorização de residência, perdia-se o direito à troca automática, sendo necessária também a aprovação em uma prova prática de direção.

Embora os países tenham um acordo que permite trocar a habilitação de maneira simplificada, o processo em geral se arrasta por meses até ser concluído. A mudança também esbarra na necessidade de os estrangeiros estarem com a situação migratória regularizada para emitir a habilitação portuguesa. Com a sobrecarga no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), e comum que processos de regularização por atividade de trabalho —a via mais comum de imigração brasileira para Portugal— arrastem-se por dois ou

três anos. Durante o período, até que tenha a CNH válida ficava impedido de dirigir. Mesmo proibidos, muitos imigrantes acabam se arriscando ao volante, sobretudo fora dos centros urbanos, onde a oferta de transporte público é deficiente. Conduzir um carro sem habilitação adequada gera uma série de punições, incluindo multas e possível apreensão do veículo. Quando a medida agora chancelada entrar em vigor, a CNH brasileira poderá ser usada em Portugal até o fim de sua validade, quando, então, deverá ser substituída

pelo documento português. Moradora de Lisboa, a carioca Vivian Andreozzi comemorou a mudança. Quando o SEF emitiu sua autorização de residência, a validade de sua carteira de motorista já havia expirado. Assim, ela teve de viajar ao Brasil, já que a renovação da CNH não pode ser feita por procuração. “Estava preocupada, porque o meu título de residência já está para vencer e também não conseguia fazer o pedido de renovação automática [o sistema para emitir documentos para estrangeiros regularizados também enfrenta atrasos]. Foi muito bom acordar hoje e saber que vou poder dirigir em Portugal”, afirma. A mudança foi aprovada pelo Conselho de Ministros em 15 de junho, quando o gover-

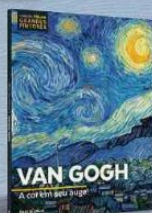
no também anunciou o lançamento de um grande pacote de novos vistos para o país. O direito de dirigir com o documento do país de origem, que já valia para a União Europeia e para o Reino Unido, entre outros, também foi conquistado pelos demais integrantes da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste. As nações que fazem parte da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) também passam a ter esse direito. Brasileiros que visitem Portugal a turismo podem dirigir normalmente com a CNH por até 45 dias, sem a necessidade de obter documentação adicional.



NA COMPRA
DO VOLUME 1
grátis
3 PÔSTERES
COM OBRAS
DE VAN GOGH

coleção **FOLHA** GRANDES PINTORES

APENAS
R\$ 22,90
CADA LIVRO



Já nas bancas



Já nas bancas



Já nas bancas



Já nas bancas



Já nas bancas



Já nas bancas



Já nas bancas



Já nas bancas



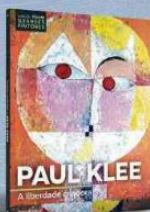
Vol. 9 - 10/jul



Vol. 10 - 17/jul



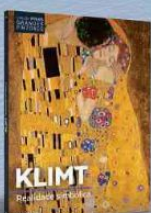
Vol. 11 - 24/jul



Vol. 12 - 31/jul



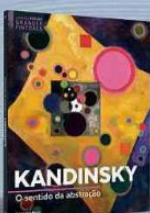
Vol. 13 - 7/ago



Vol. 14 - 14/ago



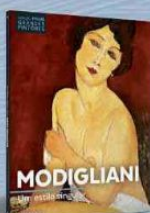
Vol. 15 - 21/ago



Vol. 16 - 28/ago



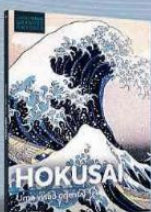
Vol. 17 - 4/set



Vol. 18 - 11/set



Vol. 19 - 18/set



Vol. 20 - 25/set



Vol. 21 - 2/out



Vol. 22 - 9/out



Vol. 23 - 16/out



Vol. 24 - 23/out



Vol. 25 - 30/out



Vol. 26 - 6/nov



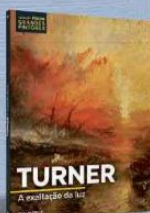
Vol. 27 - 13/nov



Vol. 28 - 20/nov



Vol. 29 - 27/nov



Vol. 30 - 4/dez

30 livros de arte para ler, compreender e se inspirar

A genialidade e a beleza das pinturas dos maiores artistas de todos os tempos estão reunidas na **Coleção Folha Grandes Pintores**. São 30 livros que revelam centenas de obras de arte de grandes nomes como Van Gogh, Monet, Leonardo da Vinci, Frida Kahlo e muitos outros em textos leves, de fácil compreensão e gostosos de ler. Não tem como não se apaixonar.

Peça sua coleção completa

Ligue 11 3224 3090
(Grande São Paulo)
ou 0800 775 8080
(outras localidades)

DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO
FERIADOS, DAS 8h ÀS 14h

FRETE GRÁTIS*

PAGUE EM
12x
até
sem juros
no cartão*

Compre por aqui
ESCANEE O QR CODE



folha.com.br/grandes-pintores

*DISPONÍVEL NAS BANCAS DE SP, RJ, MG, PR, SC E DF. PARA DEMAIS ESTADOS, A VENDA SERÁ VIA SITE OU TELEFONE.
FRETE GRÁTIS VÁLIDO PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PR. PARA OUTRAS LOCALIDADES, CONSULTE FOLHA.COM.BR/GRANDESPINTORES.
CONFIRME AS DATAS DE ENTREGA NO SITE. PARCELAMENTO VÁLIDO PARA TODOS OS ITENS DESTA COLEÇÃO.

FOLHA
DE S. PAULO





Plenário da Câmara na sessão que discutia a PEC que prevê benefícios a um custo estimado em R\$ 41,25 bilhões Gabriel A. Biliá/Folhapress

Em revés para Bolsonaro, Lira adia votação da PEC que amplia benefícios

Quórum baixo trazia risco de derrota; nova tentativa de aprovar texto será feita na terça (12)

Danielle Brant

BRASÍLIA Com risco de derrota, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), decidiu adiar a votação da PEC (proposta de emenda à Constituição) que autoriza o governo a criar um vale para caminhoneiros e taxistas, dobrar o valor do Auxílio Gás e ampliar o Auxílio Brasil para R\$ 600 até o fim do ano, entre outros benefícios, a um custo estimado em R\$ 41,25 bilhões. Para isso, o texto institui um estado de emergência, permitindo que o presidente Jair Bolsonaro (PL) fure o teto de gastos e abra os cofres públicos sem esbarrar em restrições da lei eleitoral a três meses do pleito.

A postergação da votação da PEC é um revés para o Planalto, que tem pressa para começar a fazer os pagamentos dos benefícios, dada a proximidade da eleição. Bolsonaro está em segundo lugar nas pesquisas, atrás de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A decisão foi tomada após um recenseamento de apoio. O texto foi aprovado por 303 votos a 91 — para

aprovar uma PEC, são necessários pelo menos 308 votos, em dois turnos. Ao encerrar a sessão, havia 427 deputados presentes, de acordo com Lira. Uma nova tentativa de votar o texto será feita na terça (12).

“Não vou arriscar nem essa PEC nem a próxima PEC com esse quórum na Câmara hoje, de 427”, disse Lira.

O adiamento também é uma derrota para o presidente da Câmara, aliado de Bolsonaro. Para acelerar a votação, Lira abreviou a tramitação da proposta. Em vez de seguir o rito regimental de ter a admissibilidade analisada pela CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) para, só então, ser encaminhado a uma comissão especial para análise do mérito, o texto foi apensado à PEC de biocombustíveis, que já tinha passado pela etapa inicial e estava em comissão especial.

Além disso, Lira articulou para que o texto fosse aprovado sem alteração em relação ao do Senado, a fim de que não precisasse passar por nova apreciação na Casa vizinha. O artigo 21 da LRF diz que não é permitido adotar medidas que resultem “em aumento da despesa com pessoal nos 180 dias anteriores ao final do mandato do titular do Poder Executivo”. Como o atual mandato presidencial se encerra em 31 de dezembro, restam apenas 177 dias.

A pressão por um reajuste nos rendimentos dos servidores começou depois de o presidente Jair Bolsonaro prometer um aumento apenas para os policiais de carreiras federais, o que desencadeou reações em diversas categorias. Funcionários do Banco Cen-

As medidas aprovadas no Senado

AUXÍLIO BRASIL

• Amplia o piso de R\$ 400 para **R\$ 600** até o fim do ano; 18,15 milhões de famílias já estão hoje no programa

• Zera a **fila de espera**; governo prevê que pode elevar público contemplado a 19,8 milhões de famílias

AUXÍLIO GÁS

Ampliar o valor para **R\$ 120**, pagos a cada bimestre; em junho, 5,7 milhões de famílias receberam R\$ 53, equivalente a 50% do preço médio do botijão de 13 kg

CAMINHONEIROS AUTÔNOMOS

Cria um **auxílio de R\$ 1.000**

IDOSOS

Autoriza repasse de **R\$ 2,5 bilhões** para bancar **gratuidade** no transporte público urbano

ETANOL

Autoriza até **R\$ 3,8 bilhões** em subsídios

TAXISTAS

Cria **auxílio** até o limite de **R\$ 2 bilhões**

ALIMENTA BRASIL

Autoriza repasse extra de **R\$ 500 milhões** para programa que financia a aquisição de alimentos de **agricultores familiares** para doação a **pessoas carentes**

Quais são os riscos eleitorais?

A lei eleitoral proíbe a implementação de novos benefícios no ano de realização das eleições, para evitar o uso da máquina pública em favor de um dos candidatos. As únicas exceções são programas já em execução ou quando há calamidade pública ou estado de emergência.

Qual é a solução do governo?

Instituir um estado de emergência, regulamentado via PEC, permitindo a criação do novo benefício a caminhoneiros e a ampliação dos benefícios já existentes, mesmo sendo ano eleitoral

ram a seus estados puderam votar remotamente por meio do aplicativo Infoleg. Mesmo assim, não foi possível obter o quórum necessário. Na comissão especial, o texto foi aprovado por 36 votos a 1 em uma sessão que durou

André Mendonça nega pedido para suspender tramitação

O ministro André Mendonça, do STF (Supremo Tribunal Federal), negou nesta quinta-feira (7) um pedido de liminar (decisão urgente) do deputado Nereu Crispim (PSD-RS) para suspender a tramitação da PEC (proposta de emenda à Constituição). Mendonça justificou que uma eventual apreciação da PEC pela Câmara não impede a sua posterior anulação, se for o caso, por violação do devido processo legislativo. Por isso, argumentou que não há motivo para conceder uma decisão urgente que impeça sua tramitação.

seis horas e meia. No colegiado, o Novo, que se manifestou contra a proposta, foi o único partido a votar “não”. A PEC dos benefícios sociais foi apensada à PEC 15, que acrescenta uma garantia de situação tributária vantajosa para os combustíveis não poluentes ao artigo da Constituição que trata sobre o direito de todos os brasileiros a um ambiente ecologicamente equilibrado.

O texto não estabelece exatamente as alíquotas dos tributos que devem incidir sobre os biocombustíveis. Esses percentuais devem ser estabelecidos por meio de lei complementar.

A PEC que amplia benefícios sociais, por sua vez, tem custo total de R\$ 41,25 bilhões — maior que os R\$ 38,75 bilhões apensados originalmente.

A proposta prevê a ampliação temporária do Auxílio Brasil em R\$ 200, levando o mínimo a R\$ 600 até o fim do ano. O custo da medida é estimado em R\$ 26 bilhões para concessão do benefício por cinco meses — de agosto a dezembro. O texto também autoriza o governo a zerar a fila do Auxílio Brasil. Para dobrar o valor do Auxílio Gás, o custo é de R\$ 1,05 bilhão.

A proposta prevê auxílio financeiro de R\$ 2 bilhões a taxistas, concedido entre 1º de julho e 31 de dezembro. A PEC também destina R\$ 54 bilhões para a criação de um auxílio de R\$ 1.000 a caminhoneiros autônomos com vigência entre 1º de julho e 31 de dezembro.

O texto aumenta em R\$ 500 milhões a suplementação do programa Alimenta Brasil, que financia a aquisição de alimentos para doação a famílias de baixa renda. Há ainda R\$ 2,5 bilhões em transferência para estados e municípios subsidiária em seus sistemas de transportes públicos.

A oposição critica a proposta — na comissão especial, no entanto, votou a favor. A ampliação de benefícios sociais é uma pauta de partidos de esquerda.

Legislação barra reajuste de vale-alimentação para servidores

Lucas Marchesini

BRASÍLIA Um aumento do auxílio-alimentação para os servidores públicos federais não é mais possível desde que iniciou o mês. A LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) impede qualquer reajuste no último semestre de um governo.

A possibilidade de elevar o R\$ 4,58 para R\$ 900 o valor do auxílio-alimentação do Executivo federal tinha sido aventado pelo ministro da CGU (Controladoria-Geral da União), Wagner Rosário, em 24 de junho, em um evento fechado da Semana de Discussões do Plano Operacional para 2023.

A medida seria um paliativo após o governo não conceder o reajuste de 5% nos salários de todo o funcionalismo público, descartado por Jair Bolsonaro (PL) em 13 de junho. Quando lhe foi perguntado sobre a possibilidade de

um reajuste ainda neste ano, o Ministério da Economia respondeu que, “de acordo com a legislação pertinente, reajustes de qualquer natureza estão vedados até o final do exercício”. A CGU não comentou o assunto e encaminhando a demanda para a Economia.

O artigo 21 da LRF diz que não é permitido adotar medidas que resultem “em aumento da despesa com pessoal nos 180 dias anteriores ao final do mandato do titular do Poder Executivo”. Como o atual mandato presidencial se encerra em 31 de dezembro, restam apenas 177 dias.

A pressão por um reajuste nos rendimentos dos servidores começou depois de o presidente Jair Bolsonaro prometer um aumento apenas para os policiais de carreiras federais, o que desencadeou reações em diversas categorias. Funcionários do Banco Cen-

tral entraram em greve, que só foi encerrada no início deste mês diante do fim do prazo legal para conceder o reajuste.

Um aumento no salário dos servidores foi descartado diante da preferência de Bolsonaro pelas medidas contidas na PEC (proposta de Emenda à Constituição) dos bilhões, aprovada no Senado e cuja análise na Câmara foi adiada nesta quinta-feira (7).

O texto zera a fila do Auxílio Brasil e aumenta o seu valor para R\$ 600 mensais até o fim de 2022, dobra o vale-gás e cria um auxílio para caminhoneiros autônomos, entre outras medidas. A conta supera os R\$ 50 bilhões.

As medidas são uma tentativa de Bolsonaro melhorar suas chances eleitorais. A última pesquisa do Datafolha revelou que a tendência no momento é de vitória de Lula (PT) no primeiro turno.

Senado avaliza consignado no Auxílio Brasil

Renato Machado

BRASÍLIA O Senado aprovou nesta quinta-feira (7) medida provisória que autoriza a concessão de empréstimos consignados para beneficiários do programa social Auxílio Brasil — substituto do Bolsa Família.

Os empréstimos consignados podem ser concedidos até o limite de 40% do valor do benefício. O texto também libera esse crédito para quem recebe o Benefício de Prestação Continuada e aumenta a margem dos créditos consignados para aposentados e pensionistas.

A medida provisória foi

aprovada de maneira simbólica pelos senadores. Como havia sido aprovada pela Câmara dos Deputados, agora segue para a sanção do presidente Jair Bolsonaro (PL).

O texto aprovado pelos senadores diz que beneficiários de programas federais de transferência de renda poderão autorizar a União a fazer descontos nos benefícios em favor de bancos para amortização de empréstimos, com o limite de 40%.

O limite de 40% previsto para os beneficiários de programas de transferência de renda também passará a ser aplicado para os funcionários celetistas e servidores públicos civis e militares, ativos e inativos. Apenas será necessário destinar exclusivamente 5% para a amortização de despesas de cartão de crédito ou para saques por meio de cartão consignado de beneficiários.

Piso para enfermagem é aprovado em comissão da Câmara

A comissão especial da Câmara dos Deputados aprovou nesta quinta-feira (7) uma proposta de emenda à Constituição que estabelece o piso salarial nacional para enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem e parteiros. O texto foi aprovado em votação simbólica e, agora, segue para o plenário da Casa. O objetivo da PEC, que já foi aprovada no Senado, é dar segurança jurídica a um projeto de lei que prevê o piso salarial a esses profissionais. A proposta já foi aprovada no Congresso, mas a Câmara dos Deputados ainda não levou a sanção presidencial, pois havia recebido de veto de Jair Bolsonaro (PL) ou mesmo ações judiciais.

mercado

PAINEL S.A.

Calculadora

A CNI anuncia nesta sexta (8) uma elevação em suas projeções de crescimento do PIB no ano para 1,4%. A previsão anterior era de 0,9%. A revisão, segundo a CNI, reflete a atividade mais forte no primeiro semestre. A entidade menciona recuperação do mercado de trabalho e rendimento médio real crescente, a despeito da inflação elevada. A expectativa de taxa de desemprego média no ano foi revisada de 12,9% para 10,8%, e o crescimento da massa salarial real, de 1,4% para 1,6%.

MOTORISTA O conflito da indústria nacional contra a importação no mercado de ônibus elétricos foi levado ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), por líderes sindicais nesta quinta (7).

PONTO Pacheco recebeu João Carlos Gonçalves, o Juruia (Força), Sérgio Nobre (CUT) e Arnaldo Silva (Industrial), que foram pedir apoio à pauta e a falar de risco de demissões. Eles levaram um documento que critica um pedido de protocolo neste ano ao Ministério da Economia pela ICCT (organização de eficiência energética em transporte) para zerar o imposto de importação de ônibus elétricos.

FREIO Para o presidente da Indústria, a medida estimularia e importação de veículos da China e inibiria investimentos no Brasil, atrapalhando o debate sobre eletrificação de frota pela indústria nacional. Ele diz que cada ônibus impacta quatro empregos diretos.

MALA Com a pressão da disparada no combustível de aviação, o preço médio das passagens no Brasil mantém a tendência de alta. O aumento supera 20% entre janeiro e abril, ante o mesmo período da pandemia, em 2019, conforme os novos dados da Anac. O valor médio da tarifa doméstica nos primeiros quatro meses do ano chega a R\$ 580,41.

VOO Segundo a Anac, no primeiro quadrimestre, 6% das passagens custaram mais de R\$ 1,500. Cerca de 33% ficaram entre R\$ 300 e R\$ 500, e 58% custaram até R\$ 300.

DESPENSA Mudança na frequência de idas ao supermercado, redução do número de produtos no carrinho e restrições de superfluos, comportamentos típicos dos períodos de aperto na renda parecem ter se consolidado no varejo no primeiro semestre.

BOLSO Segundo a Dotz, empresa de pontos em programas de fidelidade, a frequência de ida às lojas subiu 9%, com uma média 15% menor de produtos no carrinho em maio, ante o mesmo mês de 2021. A quantidade de biscoitos na compra caiu 7%, enquanto o preço subiu 21%.

com Paulo Ricardo Martins e Gilmar Santos

INDICADORES

JUROS

Jun. em % ao mês

7,73	8,00	4,05	8,55
------	------	------	------

● Mínimo ● Máximo

Cheque especial Empréstimo pessoal

Fonte: Fipe/Infocri

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência junho

Autônomo e facultativo

Valor mín. R\$ 1.212,00 20% R\$ 242,40

Valor máx. R\$ 7.087,22 20% R\$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem receber sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recebe por conta própria vence em 15 jul.

MEI (Microempreendedor)

Valor mín. R\$ 1.212 5% R\$ 60,60

Assalariado

Até R\$ 1.212,00 7,5%

De R\$ 1.212,01 até R\$ 2.427,35 9%

De R\$ 2.427,36 até R\$ 3.641,03 12%

De R\$ 3.641,04 até R\$ 7.087,22 14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 30 jul. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada parcela salarial que compõe o salário de contribuição.

Joana Cunha
painel@grupofolha.com.br

GARFOS EFACAS Aguarda entre moradores de bairros residenciais e dark kitchens, conglomerados de cozinhas de restaurantes que funcionam para delivery, teve novos capítulos nos últimos dias. A Prefeitura de São Paulo suspendeu o alvará para a construção de um desses estabelecimentos na região do Panambi. A decisão menciona divergências entre os projetos.

FOGÃO A responsável pela obra é a São Paulo Ventura 14 Participações, ligada à Kitchen Central, alvo de críticas de movimentos como o "Kitchen Central Aqui Não!". Em sua defesa, a empresa diz que "o projeto da unidade Panambi atende requisitos de preservação da área verde acima dos mínimos exigidos".

BULLYING O episódio é uma vitória para moradores que pressionam pela aprovação de um projeto de lei que regularia dark kitchens. O caso passou por audiência pública. Vizinho de uma dark kitchen, um morador do Brooklin disse que o filho foi chamado de "bacon" na escola por que cheirava a gordura.

WIFI Na estreia da introdução do 5G em Brasília, a Eletrolarshow, evento do setor de eletroeletrônicos, vai focar a internet das coisas. A maior parte dos 2.000 lançamentos apresentados neste ano se ligará a esse mercado e ao conceito de casa conectada.

NO MAPA O evento, marcado para 11 e 14 de julho no Transamérica Escape Center, terá a presença de compradores de 150 redes regionais do varejo, que representam 20 mil pontos de venda no país.

MOTO De olho no aumento do número de entregadores de aplicativo, a CUT criou um posto de apoio aos profissionais do ramo em Brasília.

CAPACETE O espaço, com recheio de celular, banheiros e salas para alimentação e repouso, poderá ser usado tanto por trabalhadores de delivery quanto por outros profissionais que atuam nas ruas, como táxis e ambulantes. A demanda pelo local foi identificada em levantamento com a categoria, segundo a central.

Crédito de carbono fica mais caro e segura queda do preço de combustíveis

Distribuidoras são obrigadas a comprar os certificados para compensar a emissão de poluentes no consumo dos produtos

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO A cotação dos créditos de carbono do setor de combustíveis no Brasil bateu os R\$ 202 no dia 30, jogando pressão sobre os preços da gasolina e do diesel num momento em que os governos federal e estaduais abrem mão de receitas para tentar aliviar o bolso do consumidor. O valor dos títulos, que são chamados de Cbíos, mais que triplicou em 2022. Em um ano, ficou sete vezes mais caro. Segundo as distribuidoras de combustível, hoje representam entre R\$ 0,15 e R\$ 0,20 do preço final da gasolina e do diesel.

O setor de combustíveis acusa os produtores de etanol e biodiesel de especulação, emitindo um volume de títulos inferior à demanda. Estes, por sua vez, dizem que os preços refletem aperto no cenário de oferta e demanda dos certificados.

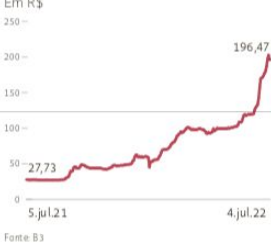
As distribuidoras de combustíveis são obrigadas a comprar os certificados para compensar a emissão de poluentes no consumo dos produtos. O objetivo é transferir recursos da venda de combustíveis fósseis para a produção de energia renovável, barateando seu custo e incentivando o consumo.

Os Cbíos começaram a ser negociados em 2020, em um momento conturbado após o início da pandemia e em meio a um embate entre o setor de combustíveis e os produtores de etanol e biodiesel. Com a queda no consumo, o governo chegou a reduzir as metas logo no primeiro ano do programa.

Cada título equivale à emissão de uma tonelada de carbono na atmosfera. As metas de cada distribuidora são calculadas de acordo com o volume de combustíveis fósseis que cada uma põe no mercado. Em 2022, elas terão que comprar 36 milhões de títulos.

No início do ano, quando os títulos se aproximavam de R\$ 80, o setor de combustíveis pediu intervenção do governo no mercado, mas não foi atendido. As empresas reclamam que o modelo de negociação dos títulos representa hoje transferência de riqueza do consumidor para usinheiros.

Evolução da cotação média dos Cbíos



"A existência da obrigação de compra pelas distribuidoras e a não obrigação pelos emissores de ofertar os Cbíos à venda é uma das distorções que identificamos no modelo atual", diz a Brasilcom, associação que reúne distribuidoras de pequeno e médio porte.

A entidade diz que os custos adicionais com a compra dos certificados precisam ser repassados ao consumidor e estima um impacto de R\$ 0,15 por litro atualmente. Assim, diz, o consumidor paga mais caro para financiar os produtores de biocombustíveis.

Do outro lado, a avaliação é que os preços refletem um mercado mais apertado. Para a Ubrabio (União Brasileira do Biodiesel e do Bioquerosene), o volume de certificados caiu pela redução da mistura obrigatória de biodiesel a 10%, quatro pontos percentuais a menos do que o previsto para o ano.

A União do Indústria da Cana-de-Açúcar, o MME (Ministério de Minas e Energia) e a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis) não haviam respondido a pedidos de entrevista até a publicação deste texto.

Em teleconferência para detalhar o balanço do primeiro trimestre, o presidente da Raizen, Ricardo Mussa, disse que a oferta de certificados neste ano é suficiente, mas as metas de aquisição ficam mais agressivas em 2023, o que está levando compradores a antecipar aquisições.

"Olhando para a frente, o que vamos ver é um mercado

do mais justo para o Cbio, e os preços estão refletindo isso", afirmou. Em 2022, as distribuidoras terão que comprar 36 milhões de certificados. Para 2023, a meta chega a 42 milhões de títulos.

Refinaria privada vende diesel mais barato que Petrobras

RIO DE JANEIRO A queda das cotações internacionais do petróleo levou a maior refinaria privada do Brasil a anunciar cortes nos preços da gasolina e do diesel. Operada pelo fundo árabe Mubadala, a Refinaria de Mataripe, na Bahia, praticava preços mais altos do que a Petrobras.

O preço da gasolina foi reduzido em 5,2%, e o do diesel S-10, com menor teor de enxofre, em 9%, segundo a Acelen, empresa criada pelo Mubadala para operar o ativo comprado da Petrobras por R\$ 10,1 bilhões, que está sob gestão privada desde dezembro de 2021.

Considerando o valor médio dos reajustes, a empresa passa a vender diesel mais barato do que o preço médio praticado pela Petrobras: R\$ 5,26 ante R\$ 5,61 por litro. A gasolina, porém, continua mais cara: R\$ 4,32 ante R\$ 4,05.

Nos últimos dias, diante de temores sobre recessão global, as cotações internacionais do petróleo despencaram, passando a oscilar em torno dos US\$ 100 (R\$ 535) por barril. O cenário eliminou a defasagem nos preços internos dos combustíveis.

Nesta quinta (7), segundo dados da Abicom (Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis), o preço médio nas gasolinas brasileiras está no mesmo patamar da paridade de importação, conceito usado pela Petrobras em sua política de preços.

Já o diesel está R\$ 0,27 mais caro do que o custo estimado para importar o produto. É o segundo dia consecutivo sem defasagens negativas. A Petrobras, porém, ainda não comunicou ajustes nos preços praticados por suas refinarias.

Bolsonaro edita decreto para obrigar postos a exibir valores antes de teto para ICMS

Marianna Holanda

BRASÍLIA O governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) vai obrigar os postos a exibir de forma clara e ostensiva os preços dos combustíveis praticados em estabelecimentos antes da lei que impôs teto de 17% no ICMS.

De acordo com o Planalto, a finalidade é permitir que os consumidores possam comparar los com os valores cobrados no momento da compra. A medida foi feita por meio de decreto.

A determinação ocorre a menos de três meses do pleito, e o aumento no preço dos combustíveis e a inflação são vistos como principais obstáculos à campanha de reeleição.

Bolsonaro está em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto. De acordo com o mais recente Datafolha, Lula soma 19 pontos de vantagem, com 47% das intenções de voto

ante 28% do mandatário.

A data escolhida pelo governo para que os preços fiquem expostos em postos de gasolina é 22 de junho — um dia antes de o presidente sancionar a lei que fixa um teto para as alíquotas de ICMS sobre combustíveis.

"Os postos revendedores de combustíveis automotivos deverão informar aos consumidores de forma correta, clara, precisa, ostensiva e legível", afirma a Secretaria-Geral da Presidência em um comunicado sobre a iniciativa.

O Planalto frisou que um decreto de 2021 já determina a divulgação de informações aos consumidores referentes aos preços dos combustíveis.

"Com o decreto ora editado, complementar ao decreto nº 10.634, de 2021, o consumidor poderá comparar os preços praticados no posto com os preços antes da redução dos tributos", diz.

“O objetivo final é oferecer ao cidadão comum um instrumento de transparência que lhe permita identificar, de maneira fácil, rápida e prática, os postos que estão comercializando combustíveis com menores preços e, portanto, decidir onde abastecer o seu veículo”

O objetivo é oferecer ao cidadão comum um instrumento de transparência que lhe permita identificar, de maneira fácil, rápida e prática, os postos que estão comercializando combustíveis com menores preços e, portanto, decidir onde abastecer o seu veículo

Secretaria-Geral da Presidência

O objetivo final é oferecer ao cidadão comum um instrumento de transparência que lhe permita identificar, de maneira fácil, rápida e prática, os postos que estão comercializando combustíveis com menores preços e, portanto, decidir onde abastecer o seu veículo.

Além de acordo com o texto, a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) e os órgãos de defesa do consumidor orientarão os postos sobre a medida e garantirão ao consumidor a transparência dos preços dos combustíveis.

Na nota do Palácio do Planalto, não fica claro se haverá alguma punição em caso de descumprimento. Para integrantes do governo, a medida não terá efetividade no combate ao aumento do preço dos combustíveis. Trata-se mais de uma iniciativa simbólica, avaliam.

mercado

Brasil, ressaca depois do estelionato

Sem os anabolizantes eleitorais de Bolsonaro, tombo da economia 'na real' vai ser maior

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O consumo e o emprego no segundo trimestre andaram quase no mesmo ritmo do início do ano, segundo indicadores emendas de grandes bancos que tentam antecipar as medidas bem mais amplas e "oficiais", as do IBGE. Não dá para dizer grande coisa do PIB, que depende muito de números de investimentos e comércio exterior. Mas, em termos de temperatura econômica "nas ruas", a situação não mudou grande coisa.

Na economia do dia a dia e de percepções de curto prazo, que interessam mais à política,

esses indicadores de instituições financeiras sugerem que não teria havido impacto negativo na situação eleitoral de Jair Bolsonaro — ao contrário.

Por ora, as previsões de PIB no vermelho (tamanho da economia encolhendo) no 3º trimestre também ainda não parecem à vista. Podem ser ainda mais adiadas, graças às reduções de impostos e aos aumentos de gastos, como o aumento do Auxílio Brasil e outros previstos na PEC dos Bilhões, "Kamikaze" ou o nome que se dê.

Essa proposta de emenda

à Constituição deve ser aprovada e sancionada na semana que vem. O governo decidiu adiar a votação por precaução (nesta quinta, 7, não havia folga suficiente de votos, deputados presentes o bastante).

Os indicadores de condições financeiras da economia, porém, continuam a azedar. Isto é, o óleo que faz o motor da economia girar mais suave ou rapidamente está acabando ou queimando. Juros no Brasil, juros no mundo, risco Brasil, preço do dólar, preço de commodities, preço das ações nas

Bolsas, tudo tem piorado.

O real voltou a se desvalorizar rapidamente, as taxas de juros no atacado de mercado de dinheiro subiram (a "curva a termo"), preços de commodities relevantes para o Brasil começaram a andar de lado ou a cair, as taxas de juros das economias ricas ainda vão aumentar (na eurozona, o show nem começou ainda).

Afina milagres ou reversões abruptas, não há como evitar uma desaceleração econômica aqui no Brasil também, em algum momento entre este se-

gundo semestre e o primeiro do ano que vem, com algum risco de pequena recessão em 2023. Além de tudo isso, da crise crônica, há outros problemas encomendados recentemente para 2023, como receitas menores e gastos maiores, estados e municípios tendo de apertar os cintos, graças às baixas do ICMS (e o primeiro corte virá, claro, nos investimentos em obras e equipamentos).

A incerteza a respeito de como vão ser consertados os recomendados estragos novos e velhos deve colar mais areia no motor, assim como a desmoralização extra da política econômica por causa dos estelionatos do bolsonarismo.

Em resumo, isso quer dizer que a ressaca pós-eleitoral vai ser maior. O problema vai ser parecido tanto no caso de eleição de Bolsonaro como em caso de vitória da oposição, de Lula da Silva (PT), mais prova-

velmente. Bolsonaro terá apenas o problema adicional de confirmar inteiramente o estelionato, cortando o Auxílio Brasil, elevando impostos fazendo o arrocho adicional necessário, ou de dobrar a aposta, adubando a ruína.

Recorde-se que ainda estão no programa de promessas o reajuste dos salários dos servidores e pressão maior de gastos (ou de gastos ineficientes) com o aumento do valor do pacote de emendas parlamentares, para ficar no básico.

Além do mais, a conta de juros da dívida pública vai aumentar para valer a partir do trimestre final deste ano, com o que o déficit do governo será maior. Caso o IPCA passe a aumentar menos mesmo, o aumento de receitas e a engordar artificial do PIB devidos à inflação vão ter fim. A dívida pública voltará a crescer de modo preocupante. Isso não vai prestar.

Poupança tem fuga de R\$ 50,5 bi no semestre

Saída de recursos é a maior da série histórica e supera os R\$ 36 bi perdidos em todo ano passado, aponta o BC

Nathalia Garcia

BRASÍLIA As retiradas em cadernetas de poupança superaram depósitos em R\$ 50,5 bilhões no primeiro semestre, segundo dados divulgados pelo Banco Central nesta quinta-feira (7).

Esse é o maior volume de resgate para o período na série histórica do BC, iniciada em janeiro de 1995. O recorde negativo anterior era do primeiro semestre de 2016, quando houve saque líquido de R\$ 42,61 bilhões.

Em 2015, a saída registrada nos primeiros seis meses do ano foi de R\$ 38,54 bilhões. Na época, a economia brasileira atravessava recessão.

A captação negativa do semestre supera o resultado do ano passado com um todo. Em 2021, a modalidade teve saque de R\$ 35,35 bilhões.

O fluxo de recursos na poupança passou a acumular retiradas significativas em 2021, quando o poder de compra do brasileiro caiu significati-

vamente diante de uma inflação de dois dígitos e um intenso choque de juros.

Segundo o IBGE, o IPCA atingiu 11,73% no acumulado de 12 meses até maio. Com a entrada dos dados de junho, o IPCA-15 passou a acumular alta de 12,04% em 12 meses ao subir 0,69%.

Além do impacto da inflação na renda dos consumidores, a poupança perde competitividade diante de outros tipos de investimento com o alto nível da taxa básica de juros (Selic), que atualmente está em 13,25% ao ano.

A poupança registrou captação negativa em cinco dos seis meses do ano. Maio foi a única exceção. Houve saque líquido de R\$ 3,76 bilhões em junho, quando as saídas de recursos na modalidade somaram R\$ 312,369 bilhões, e os depósitos totalizaram R\$ 308,61 bilhões.

Com o resultado de junho e o rendimento de R\$ 6,31 bi-
lhões creditados no mês, o saldo da poupança (ou seja, o vo-

Captação líquida da poupança no 1º semestre



Fonte: Banco Central

lume total aplicado) atingiu R\$ 1,013 trilhão, ante R\$ 1,011 trilhão em maio.

A divulgação anterior do relatório de poupança havia sido feita em abril devido à greve dos servidores do BC, que chegou ao fim na terça-feira (5). Com isso, os dados de maio e junho foram publicados pela autoridade monetária com defasagem.

Atualmente, a caderneta de poupança rende 0,50% ao mês (ou 6,17% ao ano), mais a TR (taxa referencial). O indicador é calculado pelo BC com base nas taxas de juros das Letras do Tesouro Nacional e tem flutuação diária. A regra da poupança mudou em dezembro do ano passado com a elevação da Selic acima de 8,5% ao ano.

Em meio à escalada da Selic, a TR, que ficou nula de setembro de 2017 até o fim de 2021, também sobe. Quando o juro está menor ou igual a 8,5% ao ano, o investimento é limitado a 70% da taxa, mais TR.

Conselho do FGTS aprova juros menores para habitação

SÃO PAULO | REUTERS O Conselho Curador do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) aprovou, nesta quinta-feira (7), medidas que o setor da construção espera serem capazes de destravar o programa habitacional Casa Verde e Amarela, impactado pela alta de custos e pela queda da renda de famílias, pressionada pelo aumento da inflação.

Também foi aprovada a redução dos juros para o programa Pró-Cotista, voltado para quem não se enquadra no Casa Verde e Amarela.

Segundo o secretário Nacional de Habitação do Ministério do Desenvolvimento Regional, Alfredo Santos, haverá redução até o final do ano da taxa de juros. Para imóveis avaliados em até R\$ 350 mil, os juros cairão para 7,66% ao ano. Para acima desse valor e de até R\$ 1,5 milhão, a taxa será de 8,16% ao ano. O programa Pró-Cotista permite financiamentos entre 5 e 20 anos e não tem limite de renda familiar.

Os limites de renda familiar mensal bruta para conseguir financiar um imóvel pelo Casa Verde e Amarela foram ampliados. A subfaixa 1 do programa habitacional, de renda entre R\$ 2.400 e R\$ 2.600, teve o teto ampliado para 1,2. A faixa 2, de R\$ 2.600 a R\$ 2.800, também aprovou a elevação de valores do grupo intermediário — que subiu de R\$ 2.600 a R\$ 4.000 para R\$ 3.000 a R\$ 4.400 — e do grupo de renda maior, que passou de R\$ 4.000 a R\$ 7.000 para R\$ 4.400 a R\$ 8.000.

Insegurança alimentar afeta 61 milhões de brasileiros, e 15 milhões passam fome, diz ONU

Douglas Gavras

SÃO PAULO No Brasil, 61,3 milhões (3 em cada 10 habitantes) convivem com algum tipo de insegurança alimentar, sendo que 15,4 milhões se encontravam em situação grave — passando fome —, no período de 2019 a 2021, aponta relatório das Nações Unidas.

Pelos países com dados comparáveis relacionados pela ONU, o Brasil é o que tem mais pessoas em algum grau de insegurança alimentar (moderada ou grave) nas Américas e o quinto no mundo, no período até 2021.

Houve um aumento significativo na comparação com o período de 2014 a 2016, quando 37,5 milhões passavam por algum nível de insegurança alimentar e 3,9 enfrentavam o nível grave.

Os dados são do relatório "O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo em 2022", divulgado na quarta (6) por cinco agências da ONU.

Segundo a organização, o estado de insegurança alimentar moderada ocorre quando as pessoas enfrentam incertezas sobre sua capacidade de obter alimentos e são forçadas a reduzir, algumas vezes durante o ano, a qualidade ou quantidade de alimentos que consomem.

Já a insegurança alimentar

grave ocorre quando, em algum momento do ano, a pessoa ficou sem comida e passou fome por um dia ou mais.

No mundo, o número de pessoas que são afetadas pela fome aumentou para 828 milhões no ano passado — um crescimento de 46 milhões desde 2020 e de 150 milhões desde o início da pandemia.

Os dados relativos ao período da pandemia de Covid-19 preocupam: após ficar sem alterações desde 2015, o percentual de pessoas no mundo afetadas pela fome saltou em 2020 e continuou subindo no ano seguinte, atingindo 9,8% da população mundial, ante 8,8% em 2019 e 8,2% em 2020.

Cerca de 2,1 bilhões não conseguiram pagar por uma alimentação saudável em 2020, aumento de 112 milhões em relação a 2019, refletindo os efeitos da inflação nos preços dos alimentos decorrentes dos impactos econômicos da pandemia e das medidas tomadas para contê-la.

Olhando para a frente, as projeções são que cerca de 670 milhões (8% da população mundial) ainda enfrentarão fome em 2030 — mesmo que uma recuperação econômica seja levada em consideração.

No momento em que este relatório está sendo publicado, a Guerra da Ucrânia, envolvendo dois dos maiores pro-

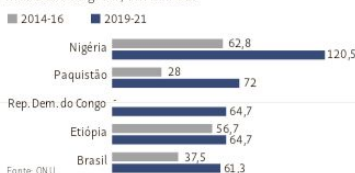


Geladeira vazia em casa na região de Parelheiros, bairro na periferia de São Paulo

Karim e Xavier - 18.nov.21/Folhapress

Falta comida

Pessoas em insegurança alimentar moderada ou grave, em milhões



Fonte: ONU

dutores globais de cereais básicos, oleaginosas e fertilizantes, está interrompendo as cadeias de suprimentos internacionais e elevando os preços de grãos, fertilizantes, energia, bem como alimentos terapêuticos prontos para uso por crianças com má nutrição grave", diz a ONU.

Com a disparada dos preços e a queda na renda, a falta de comida tem preocupado cada vez mais os brasileiros e sido tema recorrente nas conversas de família e em pesquisas divulgadas recentemente.

No mês passado, foi divulgado que 33 milhões de pessoas passam fome no país, segundo apontou a segunda edição do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, da Rede Pensar — um patamar semelhante ao que havia sido registrado há três décadas.

Além disso, pesquisa Datafolha feita em 22 e 23 de junho, apontou que, para 26% dos entrevistados, a comida disponível nos últimos meses era abaixo do suficiente, enquanto 62% julgaram ser suficiente e apenas 12% diziam acreditar ser mais do que o suficiente.

Embora as pesquisas tratem do mesmo tema, as metodologias são diferentes, o que impede a comparação entre elas. As estimativas da FAO são baseadas na Escala de Experiência de Insegurança Alimentar e consideram duas categorias: insegurança alimentar moderada ou grave (combinada) e apenas inseguran-

ça alimentar grave.

A pesquisa da Rede Pensar é uma amostra de domicílios usando quatro categorias de gravidade da insegurança alimentar: segurança alimentar; insegurança alimentar leve; insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar grave.

Já a Datafolha é uma amostra com a população brasileira adulta (16 anos ou mais). Outro ponto é que, no Datafolha, a resposta se dá pelo que o entrevistado entende por "falta de comida", em uma única pergunta.

O documento da ONU é uma produção conjunta da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), do Fida (Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola), do Unicef (Fundação das Nações Unidas para a Infância) e do WFP (Programa Mundial de Alimentos da ONU) e da OMS (Organização Mundial da Saúde).

O relatório também inclui orientações de como os governos podem reformular políticas públicas em apoio à agricultura, para reduzir o custo de uma alimentação saudável, considerando a limitação cada vez maior de recursos em diferentes partes do mundo.

"Este relatório destaca repetidamente a intensificação desses principais fatores de insegurança alimentar e má nutrição: conflitos, choques econômicos e choques econômicos combinados, com as crescentes desigualdades (com as cinco agências da ONU,

Ex-advogado de Flávio Bolsonaro teve promoção reâmpago na CEF

Salário sobe de R\$ 3.000 para R\$ 14 mil em oito meses de banco; senador e Pedro Guimarães negam ingerência

Lucas Marchesini

BRASÍLIA. Ex-advogado de Flávio Bolsonaro e investigador no caso da "rachadinha", Luis Gustavo Botto Maia conseguiu uma promoção e reâmpago do Rio de Janeiro para um cargo em Brasília com apenas oito meses de banco na CEF (Caixa Econômica Federal).

Ele passou no concurso para técnico bancário, em 2014, e começou a trabalhar na unidade da Caixa na praça Jauru, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, em abril de 2021.

Em novembro do mesmo ano, oito meses depois de começar no banco, Botto Maia foi transferido para a Diretoria-Executiva de Marketing e Relacionamento Institucional, em Brasília, como substituto eventual de assessor executivo, o que elevou seu salário de R\$ 3.000 para R\$ 14 mil.

Nos sistemas internos da Caixa, Botto Maia ainda aparece como lotado na sua gênese original, apesar de não dar expediente lá desde 2021.

Ele nega a ingerência de Flávio, hoje senador pelo PL, na sua mudança para Brasília. "Uma oportunidade surgiu e eu me enquadra no perfil", diz ele.

A defesa de Pedro Guimarães também nega o ex-presidente tenha feito movimentação para trazer o ex-advogado de Flávio para Brasília.

Botto Maia foi investigado pelo MP-RJ (Ministério Público do Rio de Janeiro) no caso das "rachadinhas". Ele chegou a ser alvo de busca e apreensão na Operação Aô, em junho de 2020, quando trabalhava no gabinete do deputado estadual Renato Zaca (PRTB), apoiador de Bolsonaro.

De acordo com o MP Botto Maia, que advogou para Botto Maia por um período durante o caso da "rachadinha", teria obstruído a investigação e destruído provas. O MP afirma que ele assinou retroativamente registros de pontos de 2017 com o objetivo de atrapalhar a apuração dos fatos.

"Botto Maia extrapolou todos os limites do exercício da advocacia e passou a atuar de forma criminoso, em cumprimento com funcionários da Alerj (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), para obstruir atuação da Justiça mediante adulteração de provas relevantes à investigação da organização criminoso", diz a denúncia.

Ele chegou a responder a um processo administrativo na OAB por isso, mas o caso foi arquivado.

Além da adulteração de provas, o MP apontou que Botto Maia ajudou a organizar a venda de Fabricio Queiroz, pivô do escândalo, em 2019. O ex-policial foi encontrado pelos investigadores em junho de 2020 em uma casa de Frederick Wassef, advogado da família Bolsonaro, em Atibaia (SP).

Em conversas ameaçadas pelos investigadores, Botto Maia citou como responsável por procurar e repassar informações à mulher de Queiroz, Márcia Ariag, e para estabelecer contato com o miliciano ex-PM Adriano da Silva.



Luis Gustavo Botto Maia, que é investigado na "rachadinha" Gustavo Botto no Facebook

Nóbrega, morto na Bahia em fevereiro de 2020.

Guimarães, que comandava o banco até a semana passada, e próximo da família presidencial e era tido como um dos auxiliares mais íntimos de Jair Bolsonaro (PL), também o recordista de participações nas lives do presidente. Foram 28 transmissões desde o início da atual gestão. A última foi na semana anterior ao seu pedido de demissão. Após as denúncias de assé-

dosexual emoral, Guimarães foi substituído pela ex-assessoria especial do ministro da Economia, Paulo Guedes, Daniella Marques. A nova chefe da Caixa prometeu contratar uma consultoria externa para apurar os casos de assédio.

Flávio disse que não teve nenhuma influência na vida de Botto Maia para Brasília. "Gustavo Botto Maia fez concurso público para a Caixa e passou. Além de concursado, se ele está em uma função de

confiança, é porque provavelmente atende aos requisitos necessários", afirmou.

A Caixa, por sua vez, disse que "os ritos de movimentação de empregados seguem as normas internas e obedecem ao governo do banco".

"Guimarães não conhece o sr. Luis Gustavo Botto Maia e jamais recebeu qualquer pedido de Flávio Bolsonaro em seu favor", afirmou o advogado do ex-presidente da Caixa, José Luis Oliveira Lima.

TMD Friction do Brasil S.A.									
CNPJ nº 06.000.000/0001-00									
Demonstrações Financeiras consolidadas em 31 de dezembro de 2021 e de 2020									
(Em milhares de reais - R\$)									
Balanco Patrimonial em 31 de dezembro de 2021 e de 2020									
	2021	2020	2021	2020	2021	2020	2021	2020	2020
Ativo									
Caixa e equivalentes de caixa	5.420,00	47.407,00	Receita operacional líquida	336.254,00	201.063,00	Fluxo de caixa das atividades operacionais	31.023,00	104.139,00	
Caixa a receber de clientes	1.275,00	1.275,00	Receita de vendas e distribuição	20.237,00	17.276,00	Receita de vendas e distribuição	20.237,00	17.276,00	
Impostos a recuperar	27.502,00	1.068,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	
Despesas antecipadas	39,00	80,00	Perda no valor recuperado de contas a receber	20.237,00	17.276,00	Exatidão do ICMR na base de cálculo do PIS	19.930,00	21.883,00	
Outros ativos	14.452,00	90.725,00	Outras receitas (despesas) operacionais	25,00	1,00	Reaproveitamento de impostos - Contribuinte	14.452,00	90.725,00	
Total do ativo circulante	1.151,00	1.151,00	Receita operacional líquida	336.254,00	201.063,00	Variação nos ativos e passivos	14.452,00	90.725,00	
Deposito judicial	1.821,00	307,00	Receita de vendas e distribuição	20.237,00	17.276,00	Variação no crédito de liquidação de títulos	25,00	1,00	
Ajuda de custo	5.359,00	343,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativo mobiliário	1.151,00	1.151,00	
Outros ativos não circulantes	1.821,00	307,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Pagamento de empréstimos e financiamentos	1.151,00	1.151,00	
Total do ativo não circulante	1.821,00	307,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Total do ativo	2.972,00	1.458,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Passivo e patrimônio líquido negativo			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Salários, taxas e encargos sociais a pagar	7.380,00	8.101,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Emprestimos e financiamentos	10.340,00	8.108,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Outros passivos	10.340,00	8.108,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Passivos de Arrendamento	2.100,00	2.118,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Outros créditos a pagar - partes relacionadas	4.003,00	2.488,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Impostos a contribuições a receber	4.003,00	2.488,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Total do passivo circulante	20.787,00	23.797,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Impostos e financiamentos - Partes relacionadas	23.312,00	181.998,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Impostos e financiamentos a receber	3.708,00	8.101,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Passivos de Arrendamento	3.708,00	8.101,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Provisão para processos judiciais	2.488,00	2.488,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Provisão para processos judiciais	2.488,00	2.488,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Total do passivo não circulante	2.488,00	2.488,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Patrimônio líquido negativo			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Prejuízos acumulados	159.200,00	159.200,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Prejuízos acumulados	159.200,00	159.200,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Total do passivo e do patrimônio líquido	162.172,00	160.648,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Resultado abrangente líquido	284.813,00	242.149,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Resultado abrangente líquido	284.813,00	242.149,00	Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	
Despesas Excepcionais das Demonstrações Financeiras para o Exercício em 31 de dezembro de 2021 (em milhares de reais - R\$)			Despesas de vendas e distribuição	60.583,00	53.747,00	Resultado na venda de ativos não circulantes	1.151,00	1.151,00	

mercado

Evidências científicas e o cerne ideal das decisões políticas

Ciência tem de ser pilar relevante da tomada de decisões, como em países desenvolvidos

Nelson Barbosa

Professor da FGV e da UNB, ex-ministro da Fazenda e do Planejamento (2015-2016). É doutor em economia pela New School for Social Research.

Esta coluna foi escrita para a campanha #ciênciaselicoes, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, cientistas cedem seus espaços para refletir sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Paulo Almeida, diretor-executivo e coordenador do Observatório de Políticas Científicas do Instituto Questão de Ciência.

Ainda que seja difícil extrair algo positivo da pandemia, ela sem dúvida contribuiu para

amadurecer a percepção de que a ciência é uma ferramenta relevante para lidar com questões complexas e processos públicos de tomada de decisão. Discutir o uso de evidências na formulação, na avaliação e no acompanhamento de políticas públicas se tornou uma prática mais frequente. Em alguns momentos, como na CPI da Covid, ensaios clínicos ou efeito placebo foram assuntos que ocuparam o centro das atenções do país. Esse holofote, contudo, não está garantido para sempre. Já

há sinais de que, com o arrefecimento da pandemia, pesquisadores têm sido menos instados a se manifestar e fornecer respaldo para as tomadas de decisão na esfera pública. Precisamos reverter essa tendência: essa é uma chance de ouro para incorporar o uso da ciência como alicerce de deliberações fundamentais para a população. Perder essa oportunidade pode transformar o conceito de políticas públicas baseadas em evidências em mera buzzword — um chavão vazio,

que aparece em programas de governo, mas não se traduz em ações concretas.

O tema merece especial atenção no Brasil, onde defensores de práticas sem comprovação descobrem gargalos e atalhos que exploram uma permeabilidade institucional profunda nos três Poderes, em órgãos de classe (como os conselhos federais) e qualquer outra instância que ofereça credibilidade meramente pela autoridade de uma sigla, ainda que não haja análises de ef-

cácia ou custo-benefício que deem respaldo a tais práticas.

A saga da fosfoetanolamina, fármaco oferecido por um professor universitário do interior de São Paulo para a cura do câncer, vem a calhar como ilustração disso. Ainda que não houvesse nenhuma plausibilidade bioquímica para a utilização dessa substância como tratamento oncológico, a autorização de seu uso foi levada ao Congresso Nacional como projeto de lei, que foi aprovado pelo Legislativo e sancionado pelo Executivo.

Posteriormente, o STF suspendeu a eficácia e, em seguida, julgou inconstitucional a "Lei da Fosfo" (como foi apelidada). Ou seja, as instâncias mais altas dos três Poderes se envolveram diretamente em uma discussão que deveria ter se resolvido no âmbito técnico.

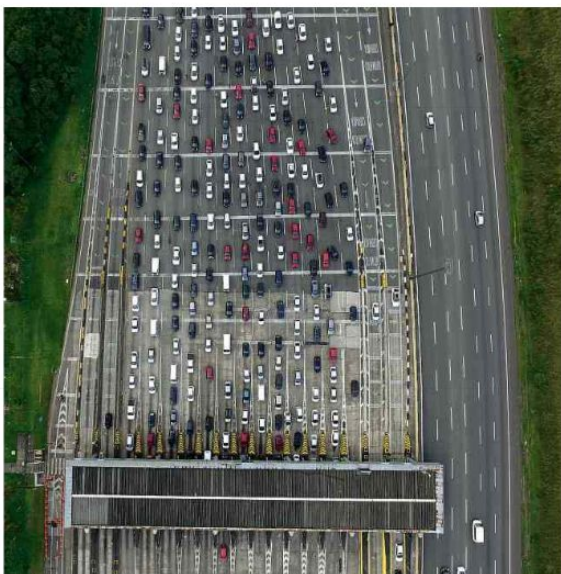
Seria de extrema importância que os representantes da ciência nacional se organizassem, de modo profissional e centralizado, e se aproveitas-

sem desse momento para levar adiante uma discussão sobre os problemas estruturais que permitem a oficialização de práticas sem respaldo científico. O ativismo e o lobby são subaproveitados como ferramentas de promoção de interesses setoriais que, nesse caso, estão plenamente alinhados aos interesses da nação.

O objetivo não é defender uma tecnocracia, justificar qualquer decisão política tomando como base indicadores exclusivamente científicos. Seria ideal, contudo, que evidências científicas se tornassem um pilar da tomada de decisões tão relevante quanto o econômico, o jurídico e o político — o que já ocorre em países desenvolvidos.

Parte desse caminho depende do voto. Outra, dos próprios cientistas: precisa haver maior organização do meio acadêmico, de seus representantes e aliados para a execução de uma agenda propositiva, mirando propostas concretas, objetivas e factíveis.

| DOM, Samuel Pessoa | SEG, Marcos Vasconcelos, Ronaldo Lemos | TER, Michael França, Cécilia Machado | QUA, Helio Beltrão | QUI, Gida Bento, Solange Srouf | SEX, Nelson Barbosa | SÁB, Marcos Mendes, Rodrigo Zeldan



Movimento no pedágio da Imigrantes, rodovia sob concessão. Moacyr Lopes Junior - 30.dez.19/Folhapress

Governo de SP banca pedágio congelado com dinheiro do Orçamento

Rodrigo Garcia (PSDB), candidato à reeleição, vai ressarcir concessionárias com pagamentos bimestrais

Douglas Gavras

SÃO PAULO O governo de São Paulo chegou a um acordo nesta quinta (7) para a compensação financeira às concessionárias, devido ao congelamento dos reajustes de pedágios em rodovias em ano eleitoral.

A administração estadual comunicou no fim de junho que não iria reajustar as tarifas, medida prevista para o início de julho, diante da atual conjuntura econômica do Brasil, especialmente a alta de preços. O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), é pré-candidato à reeleição.

Após o anúncio, as concessionárias chegaram a ameaçar ir à Justiça se não houvesse compensação.

Em decisão publicada no Diário Oficial do estado nesta quinta, a Artesp (Agência de

Transportes de São Paulo) aceita recomendações da Secretaria de Logística e Transportes.

A Secretaria e a Artesp divulgaram o acordo de compensação com 18 das 20 concessionárias, que administram as principais rodovias do estado de São Paulo, para garantir a suspensão do reajuste das tarifas.

Pelo acordo, o governo irá ressarcir a receita não recebida do reajuste tarifário a que as concessionárias têm direito, com pagamentos bimestrais, até que o reajuste ocorra.

Para efetivar esse pagamento, o montante do valor devido será apurado até o 25º dia de cada mês pela Artesp, e os recursos vêm do Orçamento estadual. A primeira parcela deverá ser paga no último dia útil de agosto.

A Artesp reiterou as reco-

mendações de ofício enviadas pela Secretaria de Logística e Transportes de São Paulo, que incluem a implementação do reajuste nos pedágios de todos os contratos de concessão até o "fim deste exercício", considerando a variação dos índices contratuais referente ao exercício 2021-2022".

Esse trecho pode sinalizar um recuo, já que o governo estadual disse que não haveria reajuste neste ano. O governo diz, no entanto, que se trata de trecho protocolar e reafirma que não haverá reajuste.

"A Secretaria de Logística e Transportes reafirma que não haverá aumento dos pedágios em 2022, conforme anunciado na semana passada pelo governador Rodrigo Garcia. Além disso, com a criação da Câmara Temática, o assunto será sempre analisado, e novas medidas podem ser adotadas sempre com o propósito de evitar impacto para a população", disse a secretaria, por meio de nota.

O órgão ainda disse que os atuais contratos de concessão receberão aditivos para inclusão dos novos termos.

Na avaliação do governo estadual, o congelamento deve beneficiar 2,4 milhões de usuários que circulam diariamente pelas rodovias.

Ainda segundo o governo, caso a medida de congelamento não tivesse sido tomada, a atualização dos valores seria de 10,72% (IGP-M) a 11,73% (IPCA) — dependendo do indexador do contrato — para perdas inflacionárias ocorridas nos últimos 12 meses até maio.

De acordo com advogados especialistas em legislação eleitoral, o governo paulista tende a enfrentar algum questionamento futuro na Justiça, por evitar o reajuste em ano de eleição.

"Eleitoralmente é complicado, o governo está dando um benefício para a população, em ano eleitoral, sem justificativa razoável. Mesmo se fosse para uma categoria determinada, seria entendido como um benefício", diz Luiz Paulo Viveiro de Castro, advogado eleitoralista e professor da Escola da Magistratura do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

"Decisões eleitorais nunca podem ser previstas com segurança, mesmo que haja um problema de conduta ao se conceder um benefício que não poderia ser dado. Mas, com todos os exemplos que estão acontecendo neste ano, com a PEC do governo federal, podemos ter decisões diferentes sobre atos que em tempos normais não seriam permitidos", diz Roger Fischer, especialista em direito eleitoral.

João Octaviano Machado Neto
secretário de Logística e Transportes

Compra do Twitter por Elon Musk está em risco, diz jornal

TEC

SÃO PAULO A compra do Twitter pelo bilionário Elon Musk está em risco, segundo reportagem desta quinta (7) publicada pelo jornal The Washington Post. Citando fontes anônimas próximas às negociações, o periódico afirma que a equipe do empresário concluiu que o número de contas falsas fornecido pela rede social não é verificável.

A existência dessas contas de spam é um dos principais obstáculos para a conclusão do acordo de US\$ 44 bilhões. De acordo com o Washington Post, a equipe do bilionário parou de se envolver em algumas discussões sobre o financiamento do acordo de compra da rede social e deve mudar de direção em breve.

Espera-se que Musk tome medidas drásticas após a conclusão de que os números não são verificáveis, segundo as fontes. Para desistir do acordo, Musk deve pagar cerca de US\$ 1 bilhão. Também nesta quinta-feira, o Twitter disse que remove diariamente de sua plataforma mais de 1 milhão de

contas consideradas spam.

A empresa explicou suas políticas de combate à manipulação da plataforma e o cálculo dos chamados usuários monetizáveis diariamente, aqueles que estão ativos na plataforma.

Em maio, Musk tuitou que o presidente-executivo do Twitter, Parag Agrawal, se recusava a mostrar provas de que menos de 5% das contas na rede social são falsas. "O acordo não pode avançar até que ele faça isso", escreveu.

Na ocasião, Agrawal afirmou que análises internas mostraram que menos de 5% das contas ativas são classificadas como spam. Essa estimativa, contudo, não poderia ser verificada externamente por causa da necessidade de usar informações públicas e privadas, às quais a empresa não poderia compartilhar.

Musk respondeu a explicação de Agrawal, publicada no Twitter, com um emoji de fezes. "Então, como os anunciantes sabem o que estão recebendo pelo seu dinheiro?", Musk questionou em seguida. "Isso é fundamental para a saúde financeira do Twitter".



Ramesh 'Sunny' Balwani, ex de Elizabeth Holmes, deixa corte em San Jose, na Califórnia. David Oshroff/Getty Images/AFP

Ex-namorado de fundadora da Therasys é condenado por fraude

SAN JOSE [AFP] Ramesh Balwani, principal colaborador e ex-namorado da fundadora da Therasys, Elizabeth Holmes, foi condenado nesta quinta (7) por fraudar investidores e pacientes da empresa de análise de sangue falida.

O júri declarou Ramesh "Sunny" Balwani culpado de 12 acusações de fraude apresentadas por promotores federais. A previsão é que a sentença seja anunciada no final do ano, e o condenado corre o risco de passar vári-

os anos na prisão. Balwani foi julgado separadamente da ex-estrela da biotecnologia americana Elizabeth Holmes, cujo julgamento na mesma sala terminou em janeiro. O veredicto a considerou culpada por quatro acusações de enganar investidores para injetar dinheiro no que ela dizia ser um sistema revolucionário de exames de sangue. Stephen Cazares, advogado de Balwani, disse que seu cliente não cometeu fraude.



Eduardo Knapik - 2.nov.20/Folhapress

Estevam Fernandes, 68

Nascido em São Paulo, fundou a Igreja Apostólica Renascer em Cristo em 1986 com a esposa, a bispa Sonia Fernandes. No braço de mídia, o casal é dono da Rede Gospel e da Gospel FM. Em 1993, o apóstolo lançou a primeira Marcha para Jesus, que se tornou o maior evento do calendário evangélico da América Latina. Em 2009, o então presidente Lula (PT) sancionou a lei que criou o Dia Nacional da Marcha para Jesus

Estevam Fernandes

Acho impossível apoiar Lula, mas o diálogo é praticamente obrigatório

Idealizador da Marcha para Jesus, apóstolo afirma que vai orar pelo presidente que for eleito nas urnas em outubro, seja quem for

ENTREVISTA

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Os principais pastores do Brasil escolheram seu caminho: podem até ter apoiado Lula no passado, mas esse erro não se repetirá, diz o apóstolo Estevam Fernandes. "Acho impossível", diz sobre uma reconciliação com o petista que, hoje, está na cabeceira das intenções de voto para presidente.

Evangélicos, contudo, vão orar pela "autoridade constituída por Deus", seja ele qual for, e não vão compactuar com um repete do Capitólio — quando extremistas tentaram invadir a sede do Legislativo americano após ver seu candidato predileto, Donald Trump, perder em 2020.

Hernandes lidera neste sábado (9) a Marcha para Jesus, por ele idealizada 30 anos atrás, após ter um sonho que envolveu "tipo uma procissão". Hoje ela arrasta centenas de milhares de pessoas por ruas de São Paulo. Maior evento evangélico do continente, volta após duas edições suspensas — em 2020 e 2021 —, culpa da pandemia.

Em entrevista à Folha, o apóstolo diverge ainda de alguns líderes que condenaram o aborto legal de uma menina de 11 anos.

Foram três anos sem Marcha. Havia no coração do povo essa expectativa de um dia poder vencer a pandemia. Será uma marcha bem solidária, bem de amor ao próximo.

Pesquisa Datafolha mostra

queda na frequência de cultos. Em 2016, 65% dos evangélicos iam em mais de um por semana. Agora, 53%. Eles têm dado menos ofertas também. Por quê? Temos vários fatores aí. Por exemplo, o advento da internet. A própria pandemia deu a possibilidade de você assistir ao culto de dentro da sua casa. Agora, em termos gerais, a gente não tem esse número tão significativo como a pesquisa aponta.

Temos visto igrejas aderindo ao metaverso e conduzido até conversão em avatar, o que cria polémica no meio. A Renascer aderiu? Nós fizemos uma balada [gospel] metaverso completinha: tinha o som, o palco, reproduzimos aquilo que era a balada mesmo. Cada um criou seu avatar. A pessoa entrava, participava, assistia, dançava. Foi uma experiência muito legal, veio para ficar. Acho muito importante que a tecnologia possa ser um instrumento de aproximação das pessoas com Deus.

Pastores criticaram o aborto legal feito em uma menina de 11 anos. O sr. concorda que ela deveria ter abortado? Olha, acho assim: a gente deve recorrer ao aborto em última instância. Mas isso também é muito de foro íntimo. Não podemos julgar a menina. Ela é uma criança carregando outra criança. Claro que, espiritualmente, ela não deveria fazer o aborto. Só que temos que preservar sempre a individualidade da pessoa, aquilo que ela enfrentaria diante dessas circunstâncias. No caso específico, a legislação prevê o aborto. Então esta-

mos amparados no aspecto espiritual, porque a gente tem que cumprir aquilo que está determinado na lei.

O Datafolha aponta que a maioria dos evangélicos quer manter as previsões legais do aborto ou restringi-las ainda mais. E o sr.? O Código Penal é perfeito nesse aspecto, porque, claro, não podemos impor a uma mulher que sofreu um estupro que dê continuidade à gravidez. A legislação contempla exatamente aquilo que é nossa expectativa em termos espirituais e bíblicos. Mas deixa só completar uma coisa. É o caso da aquela menina, que entregou o bebê à adoção.

Aatriz Klara Castanho. Acho isso realmente fantástico. Sempre foi uma opção muito humana. Uma saída muito abençoadora tanto para a mãe quanto para a criança. Você não é obrigado a manter uma criança que traga a recordação do estupro, mas pode fazer com que ela tenha a oportunidade de vida.

A família Bolsonaro defende a ampliação do acesso às armas pela população, inclusive em eventos cristãos. Evangélicos apoiam essa pauta? Não existe uma unanimidade em relação a isso. Não diria que essa é uma pauta que os evangélicos apoiam. Mas também é aquilo da liberdade individual. Acredito que a liberação de armas inconsequente é um perigo para a sociedade. A gente vê o que acontece nos EUA. De repente um cara louco lá, um psicopata, ele vai, compra uma arma e vai matan-

do todo mundo. Por outro lado, a pessoa não pode ser tolhida de ter a defesa pessoal. Como quem mora em zonas rurais, remotas.

Como o sr. vê a dianteira de Lula nas pesquisas? Confesso que pra mim é surpreendente, porque o que a gente vê nas ruas nos dá um outro indicativo. Agora, obviamente, se você tem uma pesquisa, e ela é séria e honesta... Acredito que é um cenário, assim, bem prematuro. Vamos iniciar toda essa jornada de campanha eleitoral, de horário político, ele deve mudar bastante.

O sr. já votou no Lula e hoje diz que isso está descartado. Vou repetir a pergunta que lhe fiz um ano atrás. Vê alguma reconciliação possível entre Lula e os grandes pastores? No sentido de que agora os grandes líderes pudessem vir a apoiar-lhe, na minha concepção acho impossível. Creio que [as predições eleitorais] são caminhos bem definidos, e que obviamente se vai até o final por esse caminho. Agora, claro, a gente tem que aguardar o resultado das urnas para saber aquilo que vai acontecer do governo que virá.

Se Lula ganhar, pode haver uma ponte de diálogo de novo? Creio que isso é praticamente obrigatório, porque se você realmente tem resultado nas urnas, e tem um processo democrático, então nós vamos ser presidentes por A ou B, não tem como se insurgir, um "não aceito A ou B". Aquela que for eleito é o presidente dos brasileiros

“

O Código Penal é perfeito nesse aspecto, porque, claro, não podemos impor a uma mulher que sofreu um estupro que dê continuidade à gravidez

“

Acredito que a liberação de armas inconsequente é um perigo para a sociedade. A gente vê o que acontece nos EUA

“

Oramos por um presidente que pudesse ter realmente Deus acima de tudo, e Bolsonaro é esse homem, que tem os valores que sempre preconizamos: pátria, Deus, família

O sr. vai votar em quem? No Bolsonaro.

O presidente tem questionado a lisura das urnas eletrônicas, um sinal de que poderá questionar o resultado da eleição. Caso o faça, terá respaldo dos líderes evangélicos? Acho uma coisa, assim, tão remota. Acredito que não haverá esse tipo de ruptura, de não aceitar um resultado. Na minha cabeça é improvável isso. Se [o pleito] corre um risco de fraude, tem que provar essa fraude, a Justiça teria que levantar [essas fraudes]. Contrariamente a isso, aquilo que as pessoas falam, de que pode haver golpe, que Bolsonaro não passaria a faixa, nós já superamos isso como nação há muito tempo.

Bolsonaro dá a entender que o Brasil pode ter algo parecido com o Capitólio americano. Pastores não estarão apoiando isso. Se acontecer, pode partir de alguns grupos, mas não seria absolutamente algo incentivado pela igreja.

O envolvimento de dois pastores no escândalo do MEC pode respingar na imagem do segmento? Se fizéssemos qualquer tipo de movimento de "vamos acobertar, omitir fatos", aí realmente poderia trazer um prejuízo. Mas a partir do momento em que nós mesmos exigimos que se fizesse uma investigação, fica bem claro para a sociedade que é um movimento isolado de duas pessoas.

Existe uma tendência de generalizar evangélicos? Se você, por exemplo, pega o jogador de futebol, e ele dá uma canelada em outro, aí diz que o jogador fez tal coisa. Se ele é evangélico, a primeira coisa que se escreve é: o jogador evangélico deu uma botinada no outro. Existe uma cobrança que leva a uma generalização, infelizmente.

O sr. fala que a Marcha é sobre a alegria de servir a Deus. Em 2021, medisse que vivíamos na república do ódio. Olha, o ser humano está meio estranho, né? Sempre tive expectativas de que a pandemia trouxesse algum tipo de conscientização, que a gente pudesse ter essa convivência muito mais saudável e amigável. O que a gente percebe é que muitas pessoas passaram pela pandemia, mas não houve absolutamente alteração em nada no comportamento. Pelo contrário.

O sr. afirmou que esse ódio se volta contra Bolsonaro. Já em 2018, antes da eleição dele, chegou a sugerir que ele pregasse mais amor. Ele é o presidente da amor ou do ódio? O homem que foi esfaqueado quando eleito, que enfrentou um governo de oposição ferrenha, de policiamento absurdo, e um homem muito mais, eu diria, sensível. Até com respeito à diferença. Sei que ele não é exatamente aquilo que muitas vezes as pessoas traduzem. Ele é um pai de família, preocupado com o próximo. Claro que tem a forma dele.

Bolsonaro se refere à sua Presidência como um projeto de Deus. É um discurso adequado? Oramos por um presidente que pudesse ter realmente Deus acima de tudo, e Bolsonaro é esse homem, que tem os valores que sempre preconizamos: pátria, Deus, família. A Bíblia fala que as autoridades são constituídas por Deus. Uma pessoa que não tinha horário de TV, projeção nacional, ele realmente andava na contramão de tudo.

Evangélicos vão orar por qualquer autoridade constituída, seja Lula ou Bolsonaro? Com certeza absoluta. Isso não é uma obrigação, mas uma determinação bíblica. Jesus nos deixou ensinamentos muito profundos. Se você amar só quem te ama, não tem muito valor. O verdadeiro cristianismo é conseguir amar seus inimigos.

Um terço do RJ não confia na polícia para resolver crime

Desconfiança é menor em São Paulo (25%) e em Minas (19%), diz Datafolha

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Um terço (34%) da população do Rio de Janeiro não confia no trabalho das polícias do estado para combater os criminosos após as ocorrências, mostra pesquisa Datafolha. A desconfiança é menor entre os entrevistados em São Paulo (25%) e em Minas Gerais (19%).

Os mineiros são os que mais confiam na atuação das polícias nos três estados pesquisados: 35% afirmam confiar muito e 45% dizem confiar um pouco. Em São Paulo, os mesmos percentuais são, respectivamente, 26% e 48%. No Rio de Janeiro, apenas 20% confiam muito e 45% confiam um pouco.

O levantamento mostra que a população confia um pouco mais na capacidade da polícia de prevenir os crimes do que de combater os criminosos.

No Rio, 21% confiam muito, 49% confiam um pouco e 30% não confiam na prevenção. Em São Paulo, os mesmos percentuais são de 31%, 49% e 19%, segundo a pesquisa.

Já em Minas Gerais, 43% confiam muito, 43% confiam um pouco e 13% não confiam no trabalho das polícias para prevenir os crimes.

No Rio e em Minas a margem de erro da pesquisa é de três pontos percentuais, pa-

Confiança nas polícias

Você diria que confia muito, confia um pouco ou não confia no trabalho das polícias?



*A soma dos percentuais pode passar de 100% devido a arredondamento

ra mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%. Em São Paulo a margem é de dois pontos.

No Rio de Janeiro, onde a desconfiança das polícias é maior, a taxa de mortes violentas intencionais por 100 mil habitantes é de 27,2, muito superior à de São Paulo (7,9) e à de Minas Gerais (11,4).

A categoria reúne homicí-

dio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes por intervenção policial. Os números constam no 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, elaborado com base nos dados compartilhados pelas secretarias de segurança.

Presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Renato Sérgio de Lima avalia que o cenário de violência no estado não é suficiente, porém, para explicar a desconfiança nas polícias.

"Quando a população reconhece que há algum tipo de esforço, ela tende a confiar mesmo sabendo que a situação é grave", afirma.

Segundo ele, a confiança tende a ser menor quando a população não sabe o que

esperar do comportamento da polícia — seria esse o caso do Rio de Janeiro. Lima afirma que a instituição fluminense não costuma prestar contas, é pouco transparente e dá mais liberdade para a atuação do policial na linha de frente.

"Ser abordado no Rio é sempre um momento de tensão. Não sabe se vai ser correto, se [o policial] vai querer uma grana para te liberar, se vai ser truculento. Essa incerteza provoca desconfiança", afirma Lima.

"Em Minas e São Paulo há um maior controle e supervisão da atividade na ponta. Não se fazem SP operação como foi feita na Vila Cruzeiro, porque viram um grande escândalo, o Ministério Público se mobiliza", afirma.

Nos três estados, especialmente em São Paulo e em Minas Gerais, a confiança nas polícias foi maior entre os homens. Entre os pais, 38% disseram confiar muito no trabalho das polícias para prevenir os crimes, em comparação a 24% das mulheres.

Em Minas, 51% dos homens e 35% das mulheres afirmaram confiar muito na atuação dos agentes.

Em São Paulo a desconfiança nas polícias foi consideravelmente maior entre pessoas pretas. Entre elas, 35% disseram não confiar no trabalho dos agentes para combater os criminosos, em comparação a 23% entre os brancos e 23% entre os pardos.

"Em São Paulo pretos e brancos estão apertados. Há diferentes formas de fazer política e quem está no centro expandido não vê o que acontece na quebrada", diz Lima.

Nos três estados a confiança nas polícias foi superior entre

os eleitores do presidente Jair Bolsonaro (PL), que tem feito acenos à categoria e tenta fidelizar os policiais em busca da reeleição.

Em Minas Gerais, por exemplo, 63% dos que pretendem votar no presidente confiam muito na atuação das polícias para prevenir os crimes. A mesma percentagem é de 25% entre os eleitores do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no estado.

Entre os que pretendem votar em Lula em MG, 18% não confiam no trabalho das polícias para prevenir os crimes, em comparação a 3% entre os eleitores de Bolsonaro.

"Bolsonaro fez um discurso de que está ao lado das polícias e que por isso o eleitor pode confiar. Isso tem muito a ver com o discurso e não com a prática, porque ele e os governos federais anteriores fizeram muito pouco no campo da segurança pública para fortalecer das polícias", afirma Lima.

Em Minas Gerais foram entrevistadas 1.204 pessoas com 16 anos ou mais, em 52 municípios de São Paulo entre os dias 28 e 30 de junho e 1 de julho. O levantamento foi registrado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) com os números MG-07688/2022 e BR-08684/2022.

No Rio de Janeiro a pesquisa foi realizada entre os dias 29 de junho e 1º de julho com 1.218 pessoas com 16 anos ou mais, em 32 cidades. Ela foi registrada com os números RJ-00260/2022 e BR-03991/2022.

Em São Paulo o Datafolha ouviu 1.806 pessoas com 16 anos ou mais em 64 municípios entre os dias 28 e 30 de junho. O levantamento foi registrado no TSE com os números SP-0253/2022 e BR-01822/2022.



Polícia militar de São Paulo mostram câmeras instaladas nos uniformes. Rubens Cavallari - 20.abr.21/Folhapress

Mais de 90% da população de São Paulo, Rio e Minas apoiam câmeras nos uniformes policiais

RIO DE JANEIRO O uso das câmeras nos uniformes policiais, medida estudada na maioria dos estados, é aprovado por mais de 90% da população em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, mostra pesquisa Datafolha.

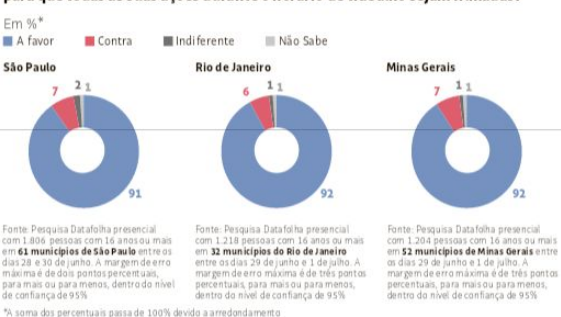
Em São Paulo, 91% são a favor e 7% são contra a utilização do equipamento; que começou a ser testado no estado em 2020.

Atualmente, há ao menos 8.000 câmeras instaladas nas fardas de policiais militares em São Paulo — o que corresponde a cerca de 10% de todo o efetivo ativo da corporação, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

No Rio de Janeiro, um dos estados onde a polícia mais mata no país, 92% são favoráveis ao uso da tecnologia e 6% são contrários. As câmeras começaram a ser utilizadas em maio, após atraso na instalação do equipamento.

Até o momento, 3.779 unidades foram acopladas aos uniformes de policiais militares de 19 batalhões da capital, da região Serrana e do Norte/No-

Você é a favor ou contra o uso de câmeras nos uniformes dos policiais para que todas as suas ações durante o horário de trabalho sejam filmadas?



*A soma dos percentuais passa de 100% devido a arredondamento

roeste fluminense — o equivalente a 87% do efetivo ativo da corporação.

Em Minas Gerais, 92% apoiam as câmeras e 7% são contrários. O instrumento ainda não foi implementado no estado, mas é previsto para o segundo semestre do ano.

No Rio e em Minas, a margem de erro da pesquisa é de três pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%. Em São Paulo a margem é de dois pontos percentuais.

Em Minas Gerais foram entrevistadas 1.204 pessoas com

16 anos ou mais, em 52 municípios, entre os dias 29 de junho e 1 de julho. O levantamento foi registrado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) com os números MG-07688/2022 e BR-08684/2022.

No Rio de Janeiro a pesquisa foi realizada entre os dias

29 de junho e 1º de julho, com 1.218 pessoas com 16 anos ou mais, em 32 cidades. Ela foi registrada com os números RJ-00260/2022 e BR-03991/2022.

Em São Paulo o Datafolha ouviu 1.806 pessoas com 16 anos ou mais em 64 municípios, entre os dias 28 e 30 de junho. O levantamento foi registrado no TSE com os números SP-0253/2022 e BR-01822/2022.

O uso das câmeras é em geral considerado positivo por especialistas, que vislumbram a possibilidade de haver ganhos na transparência e na conformidade das ações de segurança pública, o que já foi indicado em estudos internacionais.

Eles afirmam que, para isso, o instrumento deve ser acompanhado por uma efetiva análise do material e responsabilização de quem for gravado cometendo um crime.

Presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Renato Sérgio de Lima afirma que a tecnologia também diminui as chances de que o policial seja pressionado a engajar em algum tipo de corrupção.

"Eu reduzo a chance de que tentem corromper o policial. Aquele comerciante que vai oferecer almoço de graça para [o agente] ficar mais tempo na frente do seu comércio, o político que vai pedir para ficar na área eleitoral dele. Em geral coisas que acontecem ali na ponta, aquela microcorrupção", afirma.

Há preocupações de organizações de direitos humanos, porém, a respeito do armazenamento das imagens coletadas, e da possibilidade de que elas sejam utilizadas contra os cidadãos.

Segundo o Datafolha, a maior parte da população em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais acredita que o uso das câmeras pode contribuir para diminuir a violência de forma geral e para impedir a ação violenta de criminosos e de maus policiais — especialmente estes últimos.

Em São Paulo, 79% afirmam que o instrumento contribui muito para barrar a violência das maus agendas. No Rio,

77%. Em Minas, 80%.

Nos três estados, varia entre 67% e 75% o índice dos que acreditam que a instalação das câmeras contribuiria muito para impedir as ações violentas dos criminosos e para reduzir a violência de forma geral.

De acordo com dados do 16º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Paulo teve uma queda de 30% na letalidade policial entre 2020 e 2021, ano em que as câmeras começaram a ser utilizadas em larga escala.

A Folha mostrou também que, entre junho e dezembro de 2020 e o mesmo período de 2021, foi registrada uma diminuição de 85% das mortes por intervenção policial nos 18 batalhões que haviam passado a usar o equipamento.

Nos três estados abarcados pela pesquisa Datafolha, a rejeição às câmeras foi maior entre eleitores do presidente Jair Bolsonaro (PL), que faz acenos à categoria e tenta fidelizar os policiais militares em busca da reeleição.

Seu filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL), criticou o instrumento em diversas ocasiões, afirmando, por exemplo, que as câmeras constrangeriam os agentes a não trabalhar.

Candidato de Bolsonaro ao governo paulista, o ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas (Republicanos) também já deixou claro que é contrário à medida e que pode revogá-la se eleito.

Em São Paulo, 12% dos eleitores do presidente e 21% dos que pretendem votar em Tarcísio são contrários às câmeras. Este percentual é menor entre os eleitores do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (4%) e de Fernando Haddad (2%), candidato do PT ao governo do estado.

Entre os eleitores do governador Rodrigo Garcia (PSDB), que tenta segurar o cargo, 8% são contra a medida. Em busca do eleitorado de Tarcísio, mais à direita, ele tem adotado um discurso duro na segurança pública. Já afirmou, por exemplo, que "bandido que levantar arma para a polícia vai levar bala da polícia". ALA

Mães precisam de ciência e diversão

E a ciência precisa de mães. Descansadas, se possível

Tati Bernardi

Escritora e roteirista de cinema e televisão, autora de "Depois a Louca Sou Eu"

Esta coluna foi escrita para a campanha #Ciência nas eleições, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, columnistas cedem seus espaços para refletir sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Rossana Soletti, professora, pesquisadora e divulgadora de ciência materno-infantil.

*

Nos saudosos anos em que o Brasil ainda tinha investimentos aceitáveis em pesquisa científica, eu era uma jovem pós-

doutoranda sequiosa de que a informação produzida nos laboratórios atravessasse as barreiras da universidade. Faltava-se que os cientistas eram esquisitos e introvertidos, sempre isolados em suas torres de marfim. Hoje essa metáfora é menos usada, em parte porque vários pesquisadores já ultrapassaram os muros acadêmicos, mas talvez porque, se houvesse torres de marfim nas universidades públicas, elas teriam desmoronado por falta de verbas para manutenção. Foi nessa época que eu e três

colegas fizemos um blog para divulgar descobertas científicas: escrevíamos sobre os mais variados temas e fazíamos camisetas divertidas. Não tínhamos muito tempo, pois a vida de quem trabalha com ciência é corrida, com experimentos a serem feitos, artigos a serem lidos e projetos a serem escritos. Como se já não bastasse, planejei engravidar. E então eu tive uma criança que não parava de chorar. Eu precisava lidar com milhares de coisas novas relacionadas à maternidade, e não

consequia dar conta de responder os pareceres e atualizar os relatórios.

Minha memória tem alguns bloqueios dessa época devido à privação de sono, mas lembro que uma hora as coisas começaram a se acalmar um pouco, e aí pude escrever de novo por um tempo. Só que, por pura necessidade, eu havia virado uma pessoa monotemática, que só lia, pensava e falava de maternidade.

Eram postos a respeito da ingestão de cafeína pela mãe que amamenta, da falta de evi-

das científicas sobre os benefícios do colar de âmbar pros bebês, e por aí. Enfim, uma verdadeira chatice para quem não está vivendo o mesmo momento, mas útil para minhas três leitoras que tinham filhos. Afinal, tudo que diz respeito à maternidade envolve decisões, e é melhor buscar nossas condutas em ciência do que em pitacos, conselhos de uma tia ou correntes de WhatsApp.

Logo depois engravidei de novo (não me perguntem por quê) e tentei sobreviver a esse ciclo de gestão de risco, privação de sono, bebê chorando, muito trabalho, demandas da vida acadêmica e mil descobertas em relação à ciência da maternidade. E foi escrevendo sobre a ciência da gestação e vários tópicos da maternidade que descobri como é importante ler e discutir sobre isso, mas é também maçante, cansativo, mais uma sobrecarga

imputada às mulheres.

As mães estão cansadas (e isso piorou com a pandemia). Sim, a gente precisa ler as dezenas de artigos sobre a efetividade de cada vacina pediátrica contra a Covid-19 e entender se devemos mesmo usar utensílios sem BPA para as crianças, mas precisamos também nos divertir.

A mãe brasileira não tem um minuto de paz e ela merece fazer coisas legais, ter ócio não criativo e rir de memes. A ciência deve se encaixar nisso todo de forma leve, entendendo que a mãe precisa saber mais sobre a hepatite misteriosa que está atacando crianças, mas tudo o que ela queria era nunca mais ter que ler sobre novas percheras infantis.

Maternar é magnífico, científico e político, mas cansa. Deem ciência, memes, políticas públicas e noites de sono pra nós.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

SP cancela Carnaval de julho por falta de patrocínio

Ricardo Nunes vetou a liberação de verba pública; desfiles de blocos na rua estavam previstos para os dias 16 e 17

Mariana Zylberkan

SÃO PAULO O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), cancelou nesta quinta-feira (7) o Carnaval de rua previsto para os dias 16 e 17 deste mês. O motivo é a falta de empresas interessadas em patrocinar a festa, segundo nota oficial.

A administração afirmou que lançou edital em 17 de junho com lance mínimo de R\$ 10 milhões, mas nenhuma empresa se apresentou.

Novo pregão foi aberto com lance mais baixo, a partir de R\$ 6 milhões, porém o prazo se encerrou nesta quinta-feira sem empresas participantes.

De acordo com a mesma nota, foram feitas diversas reuniões com os representantes de blocos para chegar a um "modelo viável, em curto espaço de tempo" para a realização do Carnaval de rua "neste momento de retomada de grandes eventos".

Os desfiles dos blocos em julho foram propostos pela secretaria de Cultura, Aline Torres, durante reunião com os organizadores em abril, quando a administração municipal pediu que os coletivos não saíssem às ruas sem autorização no feriado de Tiradentes.

O período foi transformado em uma espécie de segunda chamada do Carnaval após cancelamento da programação na data oficial, em fevereiro, por causa da pandemia.

Mesmo assim, ruas de bairros na zona oeste e no centro foram tomadas por foliões e blocos nos mesmos dias em que as escolas de samba desfilaram no Sambódromo.

Nesta quinta-feira, Nunes já havia sinalizado que a programação deste mês seria suspensa caso edital de patrocínio fosse encerrado sem empresas interessadas, como ocorreu na primeira rodada.

Em reunião com os organizadores de blocos em abril, quando foi apresentada a proposta do Carnaval em julho, a secretária de Cultura, Aline Torres, declarou que os desfiles ocorreriam independentemente de a prefeitura conseguir patrocínio ou não. "Está

definido que vai ter [o Carnaval em julho]", afirmou.

Ao ser questionada sobre a possibilidade de nenhuma empresa patrocinar, a secretária disse "ser muito difícil alguém não patrocinar".

"Caso não haja esse patrocinador, o que a gente acha muito difícil, a probabilidade é que o prefeito busque recursos próprios para fazer", disse.

A secretária de Cultura foi procurada para comentar a declaração feita em abril, mas não respondeu até a conclusão desta edição. A reunião foi tensa e representou o ápice da escalada de atritos entre os agentes municipais e os representantes de blocos, que reclamavam de falta de diálogo com o poder público.

Com o cancelamento do Carnaval de rua, a maior parte dos blocos reuniu foliões em festas fechadas com cobrança de ingressos, o que levantou discussões sobre segregação no acesso à folia.

Parte dos blocos inscritos para o Carnaval em julho já havia desistido de participar diante da indefinição da prefeitura. Entre eles, estão cordões que costumam arrastar multidões, como Minhoquens e Galo da Madrugada.

A justificativa foi a dificuldade de fechar contratos de patrocínio no meio do ano já que as empresas costumam fechar o planejamento de gastos no fim do ano.

Outros cordões emblemáticos do Carnaval paulista, como o Baixo Augusta, nem sequer tinham se inscrito. Alguns reclamaram da falta de transparência no processo de inscrição, divulgado a princípio como manifestação de interesse para testar a adesão dos blocos ao Carnaval fora de época.

Para organizar o Carnaval de rua do próximo ano, a Secretaria de Cultura afirmou que será formada uma comissão representativa com os blocos. Outra novidade da folia de rua em 2023 será a retomada da Cultura como responsável pela organização, após seis anos sob gestão da Secretaria de Subprefeituras.



Comerciantes se manifestam por mais segurança na região da rua Santa Efigênia, em São Paulo

Daniela Verpe / Folhapress

Lojistas protestam contra fluxo de usuários de droga na região central de São Paulo

Bruno Lucca

SÃO PAULO Lojistas da região da Santa Efigênia, no centro de São Paulo, protestaram na manhã desta quinta-feira (7) contra a concentração de usuários da crackolândia na área, conhecida pela venda de produtos eletrônicos. "Queremos trabalhar" e "Santa Efigênia não é crackolândia". Com o coro, o grupo se uniu e direcionou sua atenção para outros comerciantes que não se empolgaram com o protesto. "Vem todo mundo", entoavam os manifestantes. "Não acredito que estão fazendo essa palhaçada, vão trabalhar", gritou um vendedor de dentro da sua loja.

Próximo à avenida Rio Branco, várias lojas estavam abertas, e as calçadas, cheias. Eram lojistas que iam a manifestação dos colegas com desconfiança: "A Santa Efigênia não para. Esquece isso de fechar loja", disse Jonathan Sumuquera, vendedor de eletrônicos.

Alguns pessoas transitavam com pedacos de ferro e madeira. Um homem segurava uma barra de ferro e disse que a usaria para se proteger.

Os manifestantes seguiram para a rua Aurora, onde dois policiais militares observavam.

Após a manifestação, não havia certeza sobre o retorno do comércio. "Ontem [quarta-feira, 6], eu estava com cliente na loja e tive que fechar, eles ficaram morrendo de medo", disse Vanessa Bichara, lojista na Santa Efigênia há 20 anos. "A gente pensa até em sair daqui, mas como? Foi di-

ficil construir a minha clientela", completa.

Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciantes da região, diz que a situação do comércio na Santa Efigênia preocupa, mas a atenção deve ser para a vida e saúde de todos, inclusive dos usuários. "O que acontece na Santa Efigênia é consequência da péssima política de saúde pública na cidade. Estamos preocupados com o risco para todos".

O fluxo da crackolândia já ocupou diversas ruas da região do centro de São Paulo desde a ação policial que dispersou usuários de drogas que se concentravam na praça Princesa Isabel, há quase dois meses.

Na última terça-feira, o fluxo migrou para a rua dos Gusmões, próximo à avenida Rio Branco. Entre a madrugada e manhã desta quarta (6), comerciantes foram saqueados. Houve quebra-quebra e confronto.

A prefeitura disse em nota que uma patrulha do grupo de operações especiais da GCM (Guarda Civil Metropolitana) avistou grupos de pessoas tentando invadir três lojas. Quatro pessoas foram presas. Na tentativa de fuga, um dos homens se feriu e foi socorrido pelos agentes da GCM.

Governador afirma que número de dependentes reduziu

O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), disse nesta quinta (7) que o resultado das operações policiais que têm causado a dispersão do fluxo da crackolândia pelo centro da capital pode ser medido pela redução do número de dependentes químicos nas ruas.

"Nós temos muito menos dependentes químicos [na região] hoje do que tínhamos no começo do ano. É uma luta permanente. A polícia vai continuar agindo para prender os traficantes. Vamos continuar agindo para proteger os comerciantes da região, porque não podemos ficar assistindo a cenas como a que vimos ontem", declarou o governador, sem citar números. Rodrigo Garcia se referia aos saques e ao quebra-quebra provocados por dependentes químicos e moradores de rua que aconteceram na região da Santa Efigênia, no centro da cidade, nesta quarta-feira (6).

saúde

673.126 mortes
297 entre quarta e quinta32.761,045 casos
75.906 infecções em 24 horas

País teve 4.000 mortes de grávidas a mais do que registrado em 6 anos

Alta corresponde a 34% em relação a dados do Ministério da Saúde sobre óbitos maternos entre 2016 e 2021

Samuel Fernandes

SÃO PAULO As mortes de mulheres grávidas e de puérperas ocorridas em seis anos no Brasil são 3.922 a mais do que o registrado pelo Ministério da Saúde, aponta levantamento do Observatório Obstétrico Brasileiro (OObR) divulgado nesta quinta-feira (7). Esse número representa um aumento de cerca de 3,4% na mortalidade associada à gestação.

O trabalho levantou informações no período de 2016 a 2021. Segundo os dados oficiais do SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade), foram notificadas 11.436 mortes de grávidas ou puérperas de até 42 dias após o parto.

Os novos dados estarão disponíveis a partir desta quinta em um banco de dados da organização. "O objetivo do OObR é pegar bancos de dados que já são disponíveis e transformar isso em painéis de [mais fácil acesso]", afirma Rosana Vieira Francisco, professora associada de obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e coordenadora do OObR. Oficialmente, uma morte materna ocorre na gestação ou até 42 dias após o parto. Também é preciso que a causa do óbito — exemplos são hipertensão, diabetes e infecções, como a Covid-19 — tenha relação com a gravidez ou tenha sido agravada por ela.

Mas ainda existem os óbitos maternos tardios, quando ocorrem entre 43 dias e até um ano do parto e também precisam ter alguma causa que se relacione com a gravidez. "Por exemplo, uma mulher que engravidou e pegou Covid. O parto foi feito e ela foi internada na UTI. Ela veio a falecer 43 dias após o parto. Ela é considerada uma morte materna tardia", afirma.

O estudo do observatório levou em conta essas duas categorias e revisou dados do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade) do Ministério da Saúde.

O primeiro passo foi observar o número de mortes maternas que o ministério considera de 2016 a 2021 de pessoas do sexo feminino e com idade entre 10 e 49 anos.

Foram, então, analisados atestados de óbitos, que têm um campo para a causa da morte da mulher.

Algumas doenças são consideradas causas de mortes maternas. Um exemplo é a diabetes. Se o médico pôr no atestado a categoria "diabetes mellitus na gravidez" para uma mulher que morreu durante a gestação ou em até 42 dias após o parto, o óbito é catalogado como morte materna.

O médico também preenche o campo óbito de mulher em idade fértil. Nele, é apontado se a morte ocorreu em mulheres grávidas, durante o parto, ao fazer um aborto, após o parto ou se não ocorreu nesses períodos.

As pesquisadoras investigaram atestados de óbitos com resposta positiva para os cenários de morte de mulher grávida ou em puerpério de até 42 dias. Além disso, analisaram no campo de causa de morte uma resposta que não é considerada como morte materna, mas que podia ser relacionada com a gravidez. A partir daí, os casos de mortes de grávidas e puérperas que não são notificados foram encontrados.

Diabetes, novamente, é um exemplo. Alguns atestados indicavam que a mulher morreu ainda grávida ou até 42 dias do parto, porém na causa da morte constava a categoria "diabetes mellitus na gravidez". Nesse caso, segundo as autoras do estudo, o ideal seria adicionar a resposta "diabetes mellitus na gravidez". No caso do diabetes, a análise observou que o número de mortes maternas causadas pela doença passou de 16 — número oficial do SIM — para 20 depois da revisão proposta pela pesquisa.

A partir desse método, as pesquisadoras encontraram as mortes maternas que não haviam sido registradas como tal — não só no exemplo da diabetes, mas também para outras doenças. Entre 2016 e 2021, por exemplo, foram observadas 1.232 nesse cenário.

"Esse número representa mais ou menos 12% a mais [de mortes maternas até 42 dias]", afirma Vieira Francisco.

A pesquisa também investi-

gou dados desconsiderados de óbitos maternos tardios. O método era o mesmo, mas considerava somente óbitos em que o médico registrava no atestado que ocorreram a partir de 43 dias. Nesse caso, foram 2.690 mortes não contabilizadas de 2016 a 2021.

Agatha Rodrigues, professora do departamento de estatística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e coordenadora da análise de dados da pesquisa, diz que a diferença entre as mortes nesses dois períodos de puerpério é uma questão em aberto.

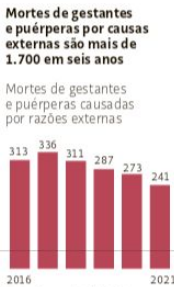
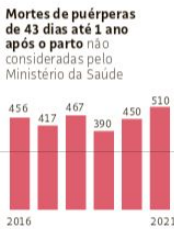
"Existiu uma grande discussão se deveríamos considerar [a morte no puerpério depois de 42 dias] como morte materna", diz a professora. "O que diferencia uma puérpera de 42 dias para uma de 43? Por que uma é considerada como morte materna e outra não?", questiona, em referência ao critério do Ministério da Saúde.

O estudo também analisou as mortes de gestantes e puérperas causadas por eventos externos. Neste caso, as mortes não são categorizadas como mortes maternas — nem mesmo tardias — por não terem uma relação direta ou associada com a gestação. Exemplos são mortes que ocorrem por suicídio ou disparo de armas de fogo.

O problema, afirmam as pesquisadoras do estudo, é que as informações não são apontadas pelo Ministério da Saúde. Por exemplo, o banco de dados não permite visualizar quantas mulheres grávidas morreram atropeladas. Essa falta de filiação aumenta o problema de subnotificação no país. O levantamento observou que a cada cem mortes de grávidas, de puérperas até um ano após o parto e de mulheres que fazem aborto no Brasil, 28 deixam de ser notificadas — incluindo os óbitos de causas externas.

"Essas mortes não são consideradas como mortes maternas. Mas uma vez que estamos falando de gestantes e puérperas é importante ter essas estatísticas até para estudar e fazer uma análise ao longo do tempo", conclui Rodrigues.

Mortes de gestantes e puérperas são quase 4.000 a mais do que mostram dados oficiais



Fonte: Observatório Obstétrico Brasileiro (OObR)

equilíbrio

Lavagem nasal desentope nariz e ajuda a tratar doença respiratória

Franco Adailton

SALVADOR A chegada do inverno vem acompanhada por uma série de doenças que têm como sintoma a congestão nasal, tais como gripes, resfriados, infecções, rinite, sinusite, rinossinusite, entre outras. Segundo os dados da ABOR-CCF (Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial), a queda na temperatura chega a elevar em cerca de 40% os quadros das doenças respiratórias.

Uma vez instalados os sintomas, fica aquela sensação de desconforto causada pela falta de ar nas narinas, que se agrava pela noite. Como resultado, o sono piora, a boca fica seca e a coriza dá as caras.

Especialistas afirmam que dormir de boca aberta por congestão nasal, nas crianças, afeta o desenvolvimento dos ossos da face, o crescimento, diminui a aprendizagem, provoca dificuldade de concentração, altera a alimentação, causa agitação, sonolência e irritabilidade.

Já nos adultos, o ronco é uma das principais consequências de se respirar pela boca devido à congestão nasal. "O ronco não é algo que se deva tolerar, assim como a respiração pela boca. É preciso procurar um médico", alerta o otorrinolaringologista Pablo Marambaia.

Para tratar congestão nasal, Marambaia, que é membro da Câmara Técnica de Otorrinolaringologia do Conselho Regional de Medicina da Bahia, recomenda que seja feita lavagem nasal com soro fisiológico.

As situações mais frequentes em que os otorrinos indicam lavagem nasal são para auxiliar no tratamento de rinites alérgicas e não alérgicas, que são processos inflamatórios agudos causados por vírus e as intropélicas bacterianas agudas ou crônicas.

Seringas, sprays, limpadores e lotas são alguns dos instrumentos que podem ser utilizados para a desobstrução nasal. Eles são indicados tanto por Marambaia quanto pelo presidente da ABOR-CCF, Renato Roithmann.

"Existem várias formas de se fazer a lavagem, desde simples sprays com solução vendidos em farmácias até a lavagem em volumes maiores, com soro fisiológico", orienta Roithmann. "Depende da situação clínica do paciente".

Mas em tempos em que diversos vídeos viralizam pela internet com dicas sobre como fazer a lavagem, Marambaia faz um alerta.

"Muito se fala, hoje, em lavagem com grande quantidade de soro, mas o volume deve ser adequado ao tamanho do paciente", afirma. "Nas redes sociais, a gente vê crianças pequenas que passam por lavagens com muito volume".

Marambaia explica que o exagero na dosagem pode afetar a ligação do tubo auditivo, que conecta o nariz ao ouvido. Na avaliação de Roithmann, é considerada lavagem em alto volume quando se coloca acima de 6cmil de soro em cada fossa nasal. "O que é mais recomendado apenas para casos de paciente com rinossinusite crônica", observa.

Para Marambaia, o ideal é aplicar 5ml de soro em cada narina das crianças e até 20ml nos adultos. "É bom que o soro seja um pouco aquecido, para ficar na temperatura do corpo", diz.

O uso de gotas descongestionantes por mais de cinco dias não é recomendado, sob risco do paciente desenvolver rinite provocada pelo próprio medicamento, que também pode causar dependência química.

Existem várias formas de se fazer a lavagem, desde simples sprays com solução vendidos em farmácias até a lavagem em volumes maiores, com soro fisiológico

Renato Roithmann otorrinolaringologista

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Dedicou-se ao teatro e incentivou crianças a ler

RONI MOCHEGIANI DE ARAÚJO (1972-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO Aguciar a imaginação das crianças era o que motivava o ator Roni Mochegiani de Araújo. Para incentivar os pequenos a ler, ele fazia contação de histórias e leitura compartilhada.

"Ele trabalhou muito o incentivo à leitura para as crianças. Dentro da contação de história, eles [Roni e um amigo] criaram também a leitura compartilhada. Eles sentavam com as crianças e cada um ia lendo uma parte do livro", lembra Elisângela Pacete Virga, mulher de Roni.

Roni e outro ator puseram de pé o projeto Ler o Mundo na cidade mineira de Poços de Caldas.

Em parceria com a prefeit-

ra, os atores acompanhavam uma biblioteca móvel, que circulava pelas ruas da cidade. Toda vez que paravam na frente de um colégio, faziam contação de histórias.

"O Ler o Mundo foi muito representativo, porque ele sempre gostou muito de ler, tanto que em casa tem muitos livros. Ele sempre falava para as pessoas que tinha que ler. Nunca escondeu conhecimento, sempre disponibilizava tudo que ele podia para que todo mundo tivesse acesso [aos livros]", lembra Elisângela.

Antes de se tornar ator, Roni Mochegiani jogou futebol, foi enfermeiro e educador social. Aos 17 anos, jogou no Santa Tereza Futebol Clube, em Belo Horizonte.

Nessa mesma época, Roni começou a frequentar o Modicidade Espírita, grupo de estudos espíritas para jovens. Foram nos encontros que ele teve o primeiro contato com o teatro.

Começou a trabalhar como ator anos depois. "Quando nos conhecemos, eu já fazia teatro. Nós nos unimos dentro da arte e começamos a trabalhar profissionalmente", afirma Elisângela.

Os primeiros trabalhos do casal como atores foram essenciais para empresas — peças de curta duração. Depois, com o passar dos anos, eles criaram duas companhias de teatro, a Máscaras Vivas e a Companhia de Atores — esta em parceria com outros profissionais.

Além da dedicação profissional como ator, Elisângela lembra que o marido era uma pessoa muito alegre, adorava cozinhar e gostava bastante de futebol — era flamenguista. "Quando estávamos ensaiando e tinha futebol, ele parava para ver. Ele não deixava de ver o futebol", afirma Elisângela.

Roni morreu no dia 30 de junho, aos 49 anos, depois de tratar um tumor no cérebro. Ele deixa a mulher, quatro filhos, a mãe, uma irmã, um tio e uma tia.

7º DIA

ARLETTE BERALDI

Sábado (9/7) às 19h, Paróquia Assunção de Nossa Senhora, Jardim Paulista, São Paulo (SP)

Procurar o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:

tel. (11) 3361-3000 e central 156: gabinete.famsp@sp.gov.br / servico.funerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até às 18h para publicação no dia seguinte (10h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-330 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para chegarmos das informações.



Bruno Santos - 8. nov.18/Folhapress

Casagrande Peguei a era de ouro na TV Globo, não tenho do que reclamar

Após deixar emissora onde trabalhou por 25 anos, comentarista afirma que quer escrever e trabalhar na Copa do Mundo do Qatar

ENTREVISTA

Cristina Padiglione

Pouco mais de três horas após assinar a rescisão de seu contrato com a TV Globo, onde nos últimos 25 anos foi o principal comentarista de futebol, Walter Casagrande Jr. concedeu sua primeira entrevista. Atribuiu o fim do contrato ao desgaste gerado pelas mudanças pelas quais a Globo passa nos últimos cinco anos, até no departamento de esportes. Mas não tem queixas. "Peguei a era de ouro da TV Globo, não tenho do que reclamar".

Agora, além de pedidos de

entrevista para administrar, ele tem dois propósitos: encontrar novo espaço para escrever suas colunas, como a que fazia no site GE (Globo Esporte), e novo veículo para estar no Qatar trabalhando em mais uma Copa, a sétima como comentarista.

★

Você anunciou a saída da Globo em vídeo e diz que "foi um alívio para os dois lados". Por que foi alívio? Porque desgastou, mudou a direção, mudou o modo de dirigir e mudou o tipo de escolhas dessa direção, né? Então, o alívio que eu digo é assim: talvez o meu perfil es-

tivesse pesado para esse novo modo de dirigir o esporte. E, paramim, também ficou pesado porque eu sou desse jeito, cara. Eu não ia conseguir mudar o meu modo. Eu sou crítico, muito realista nas minhas críticas. Por exemplo, a seleção brasileira: eu sou crítico realista. Paramim, [a seleção] não jogou contra ninguém até agora, eu não consigo dizer que é favorita. O caso do Neymar: faz quatro anos que ele não joga nada. Os últimos dois anos foram péssimos, muitas contusões, nessa Copa dos Campeões ele não fez nenhum gol, o PSG está querendo que ele saia e eu sou crítico.

Alguém pediu que você pegasse mais leve nas críticas? Não, não, isso não. Nunca tive censura na TV Globo.

Em seis Copas, você foi crítico e era a única voz que destoava do ufanismo nas transmissões. Por que isso agora gera desgaste? É questão de mudança de direção. Além de mudar as pessoas da direção [da Globo], mudou a direção do esporte, o modo de trabalhar o esporte. Sairam muitas pessoas, e eu acho que a direção tem todo o direito de formar a equipe dela, uma equipe que, na cabeça deles, é o ideal para o momento da TV Globo.

Walter Casagrande Júnior, 59

Formado no Corinthians, tornou-se ídolo e um dos ícones da Democracia Corinthiana, no início dos anos 80. Atou por São Paulo, Flamengo, Porto, Ascoli e Torino. Encerrou a carreira de atacante em meados dos anos 90 e se tornou comentarista. Trabalhou na ESPN antes de passar 25 anos na TV Globo.



É a primeira vez realmente que eu estou livre, me sentindo livre. Eu até conversei com alguns amigos que falam: 'Meu, vamos tomar um café?'. E eu disse: 'Vamos, porque agora eu tô que nem o Renato Russo: tenho todo o tempo do mundo'. Eu nunca tive todo o tempo do mundo

Continua na pág. B9

Eu não vejo problema nisso. E, quando eu falo alívio, é o seguinte: é a primeira vez na minha vida, desde que eu comecei a jogar futebol, que eu estou livre, realmente, verdade, pra ver o que acontece. Porque eu comecei no Corinthians, fui pra Caldense emprestado, voltei em 82, fiquei até 86, fui pro Porto, fui pro Ascoli, fui pro Torino, voltei pro Flamengo, voltei pro Corinthians. Eu nunca fui demitido, nunca saí, nunca pedi demissão também, nunca rescindi um contrato. É a primeira vez que eu entro em um acordo com a empresa e cada um segue o seu caminho.

Então, é a primeira vez realmente que eu estou livre, me sentindo livre. Eu até conversei com alguns amigos que falam: 'Meu, vamos tomar um café?'. E eu disse: 'Vamos, porque agora eu tô que nem o Renato Russo: tenho todo o tempo do mundo'. Eu nunca tive todo o tempo do mundo.

Você tinha tirado 20 dias de férias e nem chegou a voltar a trabalhar. Essa saída era algo esperado? Cara, eu acho que já estava se desenhando essa situação, até porque a casa está fazendo isso.

E você já vinha sendo excluído de jogos da seleção... Então, isso é questão de escolhas. Fui comentarista oficial da seleção desde 1999 até 2019, por 20 anos. Eu entrei na Globo em julho de 97, então eu faria 25 anos agora. Eu fiquei de 1996 até metade de 97 na ESPN. E aí eu fui pra TV Globo. Eu peguei talvez assim um momento de ouro no esporte da TV Globo e da TV Globo como um todo. Vários eventos, vários campeonatos, tudo no local, viajei o mundo todo fazendo seleção brasileira, fiz Olimpíadas de Sidney, fiz seis Copas do Mundo, cinco finais, tudo lá, no local. Era momento em que a TV Globo investia muito na qualidade e na presença. Depois, não falo se está certo ou se está errado, entrou um pensamento de economizar mais, de evitar gastos. E aí a coisa mudou. Essa turma que entrou hoje na TV Globo, de comentaristas e tal, eles nem imaginam como era antigamente, quando a TV Globo investia na qualidade e na presença no local.

Então, eu peguei a era de ouro da TV Globo e não tenho nada do que reclamar.

Você diz isso porque hoje há transmissões a distância? A maioria das coisas é a distância, mas são todas as emissoras. O investimento agora é menor, o custo de tudo é alto, foi uma mudança. Por isso que eu não posso reclamar. Eu peguei, primeiro, uma direção muito forte na TV Globo, quando entrei, com o saudoso Marco Moura e Luiz Fernando Lima.

Continua na pág. B9

Anatomia de uma paixão

Perder como em 1982 ou ganhar como em 1994? Ora, ganhar como em 2002!

Paulo Vinícius Coelho

70 jornalista, autor de "Escola Brasileira de Futebol", cobriu seis Copas e oito finais de Champions

O oitavo aniversário dos 7 a 1, nesta sexta-feira (8), não passará em esquecimento. Um pouco ofuscado por duas das redondas: 20 anos do penta e 40 da derrota do Sarriá. Dois livros recentes debatem o time de Telê: 'Anatomia do Sarriá' (Piero Trellini, Ed. Grande Árcia) e '82, uma Copa para Sempre' (Celso Unzelte e Gustavo Longhi de Carvalho, Letras do Brasil).

Tostão fez a gentileza de prefácio de '5 Estrelas - A Conquista do Penta', deste autor. Desde Parreira, Romário e

Bebeto, 28 anos atrás, uma pergunta se repete neste país pentacampeão mundial. "Você prefere ganhar como em 1994 ou perder como em 1982?"

Como se fosse um dilema brasileiro. Ou como se fossem duas opções únicas, como ser menotista ou bilardista, adepto do futebol-arte de César Luis Menotti ou do pragmatismo de Carlos Bilardo, campeões mundiais pela Argentina.

No Brasil, a polarização se impõe quando se debate Lula ou Bolsonaro, mas não 1982 ou 1994. É muito melhor ganhar

como em 2002. Vencer todos os jogos e com o melhor ataque da Copa.

A seleção de 1970, a melhor de todos os tempos, é hors-concours.

O Mundial da Espanha, de 40 anos atrás, carrega o enigma de sua paixão. O professor José Paulo Florenzano tem uma tese brilhante. A seleção de 1970 marcava o período da reabertura. De certa forma, da volta da alegria. As seleções sisudas e militarizadas de 1974 e 1978 eram retrato da ditadura, dos anos Médici e Geisel. O Brasil

de 1982 era alegre como a crença de um país novo, três anos depois da anistia.

Então, se as seleções de 1974 e 1978 eram feias, a derrota do Sarriá não foi causadora da suposta adoção de um estilo pragmático nos campos brasileiros. Ele já existia antes, como confirma o texto "Brasil na retransmissão", publicado no jornal do Brasil, em fevereiro de 1976, e reproduzido no livro 'As 100 Melhores Crônicas Comentadas de João Saldanha' (pesquisa de Alexandre Mesquita, organização César Oliveira).

"Ouço falar muito em futebol ofensivo, declarações incisivas, entrevistas ao vivo, promessas e sempre aquela frase: 'meu time vai jogar no ataque'. Passa um tempinho e o time joga na retransmissão, como quase todos os times brasileiros estão fazendo."

Era 1976!!! Todos os times estavam na retransmissão, seis anos antes do Sarriá, segundo Saldanha. E, três anos depois da derrota, o Brasil festejava o futebol criativo e alegre dos Menudos, do São Paulo, de Cilinho.

Se Sarriá fosse culpado pelo fim do espetáculo, não haveria uma equipe tão brilhante e festejada três anos depois.

Na mesma coletânea de escritos de João Saldanha, "Olimpíada da estupidez", publicado em 6 de julho de 1982, um dia depois da eliminação, escreve: "Tantos crimes contra o bom senso, contra o senso

comum, não poderiam passar impunemente. [...] Inventaram uma tática no Brasil, abandonando preciosos espaços de campo. Ora, somente um primarismo infantil e teimoso poderia pensar que os adversários não iriam aproveitar o erro clamoroso. [...] Existe algo positivo, que é a desmistificação do charlatanismo."

Saldanha chamou Telê de charlatão, por não escalar pontos e deixar o lado direito entregue a Leandro? É incrível!

Quase tão incrível quanto parte da crônica diz, um ano antes do penta, depois da derrota para Honduras sem Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho, Cafu e Roberto Carlos, que o Brasil não tinha mais craques.

Perder como em 1982 ou ganhar como em 1994? Ora, ganhar como em 2002! A melhor opção mesmo é o futebol brasileiro ter todas essas histórias para contar.

Continuação da pág. B8

Tudo o que eu sei eu aprendi com essas pessoas e com [José] Trajano na ESPN, que foi meu início, é a minha base.

O meu estilo de comentário foi desenhado por essas pessoas, junto com meu estilo de ser. Quando eu fui para a TV Globo, o Marco Moraes falou: "Eu estou contraindo aquele cara da ESPN, eu quero que você fale de opinião". Eu fui desenvolvendo esse tipo de estilo dentro do que eu aprendi: não tenho envolvimento com ninguém dentro do futebol, sou totalmente independente, não recebo informação, não devo favor pra ninguém, não faço favor pra ninguém. Sempre deixei claro, meu estilo é ser pago pra dar opinião, não eu sigo essa linha. Não acho errado o estilo de outras pessoas, mas como eu sou lá de 97, eu fui ensinado, moldado em cima da minha característica de pessoa.

Você acredita que opinar sobre certos assuntos, como política, incomodava alguém da emissora? Olha, não sei. Isso eu não posso dizer por quem nunca censuraram, e as minhas opiniões são bem claras. Seria até absurdo eu não falar nada, porque todo mundo sabe o que eu penso. Se aconteceu determinada situação e eu não falo nada, as pessoas vão dizer: "Pô, tu esperando esse cara falar alguma coisa e ele não vai dizer?".

E controvérsias, como a vitória do São Paulo em 2022, quando ele criticou a manifestação do RAI, então dirigente do São Paulo, contra Bolsonaro? Mas eu e Caio resolvemos isso no programa mesmo. E que na ocasião ele acabou ficando sozinho na defesa da opinião dele, mas nós não ficamos com pendência. Nós não somos amigos, somos muito diferentes, pensamos totalmente diferente, mas temos relação cordial, convivemos muito bem.

Como eu joguei futebol desde garoto, eu aprendi, aos poucos, a não levar nada pra fora do campo. Chorava, quando eu era pequeno, quando perdia. Acabava o jogo, minha adrenalina baixava, e eu voltava ao normal. Por isso que eu não tenho inimizade, eu nunca carreguei nada pra frente. Isso é meu. Sou pessoa que discute e depois acaba. E zero. Não tem problema nenhum com o Caio, nunca tive. Só que eu não sou o cara que fica respondendo rede social, não sou um cara que fica se explicando em rede social.

Alguém da Globo se mostrou incomodado com a frase que você falou sobre pendência química? Não, nunca ninguém falou nada

sobre isso, e eu sempre falei. No período que fiquei internado, recebi todo o apoio da direção de esportes da época. Eles me disseram: "Cuida aí de você, não se incomode com nada", e eu continuei recebendo meu salário normalmente. Quando eu falei aqui no final da Copa da Rússia [primeiro Mundial fora do Brasil em que não teve recadidos], foi coisa totalmente espontânea que eu quis falar naquele momento, e tudo bem.

Já recebeu proposta de emprego? Não, estou recebendo convites de entrevistas, muitas. Eu quero caminhar no Ibirapuera, eu quero sair pra jantar, quero ir no teatro, mas vou atender a todas as pessoas que for possível.

Tem duas coisas em que eu vou me empenhar. Uma é que eu vou arrumar um lugar para escrever, que eu gosto muito de escrever sobre tudo. E a segunda é que eu quero ir para a Copa do Mundo trabalhar, por canal, site, jornal, não sei. E tenho dois projetos em que estou trabalhando. Primeiro é o dos indígenas, um jogo marcado para o dia 1 de agosto: estou junto com um grupo de pessoas organizando, muita gente empenhada nisso. Esse é o meu projeto principal. O outro é fazer homenagens a grandes compositores do Brasil, como fiz do Adoniran Barbosa. Quero fazer com Luiz Gonzaga, Belchior, Gonzaguinha. Esses são os dois projetos, um social e outro cultural. Agora, profissional, nada planejado.

No seu discurso, é latente o antibolsonarismo. Eu sou contra o governo Bolsonaro até o fim da minha vida. Eles estão destruindo o país, na parte política, na parte social, destruindo a Amazônia e os indígenas. O pessoal tá morrendo de fome, e o cara fica gastando dinheiro em motocicleta. Então, eu sou contra corrupção do MEC, machismo, homofobia, racismo, não posso ser a favor de uma coisa dessas.

Esse é o primeiro ponto. O segundo ponto é que eu sempre fui PT, mas gosto do Ciro Gomes, já votei no Ciro. Foi como eu falei no Roda Viva: eu vou votar no PT porque é o partido em que eu sempre votei. Não souliado, não vou subir em palanque, não vou fazer campanha. Até porque eu sou um comentarista, sou um jornalista de esporte, eu quero mostrar isso, eu quero continuar sendo isso. As emissoras de TV, jornais, rádio, o que for, elas têm as restrições delas em relação política. Eu vou esperar ter contatos para trabalhar como comentarista, jornalista de esportes, apesar de já penso em fazer um programa de entrevistas, penso em musical.

Alex Alves é o único goleiro das 4 divisões do país invicto

Titular do São Bernardo soma 1.175 minutos, 12 jogos ou 107 dias sem levar gol

Klaus Richmond

SANTOS O goleiro Alex Alves, 35, aguçou olhares curiosos nas arquibancadas a cada nova partida do São Bernardo na Série D do Brasileiro. Na última, na vitória por 1 a 0 diante do Santo André, rival local, era possível ouvir já no aquecimento a torcida do Ramalhão provocando a cada bola chutada ao gol pelo preparador de goleiros.

"Hoje, hein? Hoje a tua sorte acaba", gritavam. Distante das equipes de maior porte do país, ele é o responsável direto pelo time do ABC paulista ostentar o recorde considerado até aqui o único que não sofreu gol entre todos os 124 que compõem as quatro divisões do país — as séries A, B, C e D. Já são 1.175 minutos, 12 partidas ou 107 dias sem ver a bola entrar nas redes. É até penalti ele defendeu no período.

"Claro que nunca planejei algo assim. Prefiro entender que são os planos inexplicáveis de Deus por tantas coisas que já passamos", completa. Alex tem como referências Marcos, Rogério Ceni e Dida, mas sua carreira tem menos ligação com a fama dos ídolos e mais com a realidade de grande parte dos atletas do país. "A vida sempre foi muito difícil. Nunca recebi bem, conseguia só manter as minhas contas. Tudo muito contado".

A construção da marca começou após uma goleada. Ti-

tular do São Bernardo no último Paulista, a equipe chegou às quartas de final, mas foi batida pelo São Paulo por 4 a 1, no Morumbi, em 22 de março. "É a prova de que sofro gols", diz. "O mérito nosso foi mantermos a base daquela equipe, contra a nossa defesa ficou e isso ajudou muito na Série D".

"Quem fala que é mais fácil por ser Série D, não sabe o que diz. Joguei todas as divisões, e essa é uma das mais complicadas. Os jogos são acirrados, a bola chega muito no gol".

No período, a invencibilidade foi mantida com milagres. Ele pegou penalti contra o Oeste, na 4ª rodada, e viu o Cianorte chutar para fora penalidade nos minutos finais do jogo do último dia 19. "Ouví alguém gritando: 'Caramba, tá difícil mesmo com esse cara'".

Diante do Paraná, o milagreiro foi outro. Após Alex sair errando num cruzamento, a bola foi salva de cabeça pelo zagueiro Islan, em cima da linha. O goleiro que não sofre gols é um dos andarários do esporte. Alex acumula passagens por 17 equipes do país e nunca teve espaço efetivo na Série A, apesar de ter jogado pelo Red Bull Bragantino entre 2017 e 2020. Ele chegou ao clube indicado pelo técnico Marcelo Veiga e foi um dos protagonistas na conquista da Série C daquele ano, mas perdeu espaço com a compra do clube pelo Red Bull. "Quando compraram, eu



Alex Alves é o único goleiro dos 124 clubes das séries A, B, C e D invicto. Adriano Vazini/Folhapress

fiquei. Perdi espaço depois, mas pelo menos consegui o meu primeiro apartamento". Alex iniciou o futebol quase por acaso. Sem aula na escola em que estudava em Araçatuba (58 km de SP), em 2002, decidiu correr no estádio municipal. Quando chegou, viu que a equipe profissional da cidade treinando e pediu uma chance.

Formado pelo clube do interior, iniciou em 2007 a busca pelo sonho de efetivamente jogar. Passou por Sertãozinho, Atlético-GO e Santa Cruz-RS até chegar ao Mogi Mirim, em 2010, onde teve a primeira boa sequência da carreira. Voltaria ao time entre 2012 e 2014. "Todei muito tempo na academia que os clubes apresenta-

vam. Quando você chega a um clube estruturado, quem quer sair? É assim no São Bernardo, tive propostas, mas fiquei".

O futebol para o goleiro recordista quase teve fim em 2016, aos 32 anos. Rebaixado com o XV de Piracicaba para a última divisão estadual, ficou três meses desempregado. Sem reservas financeiras, a esposa Mariana Alves precisou trabalhar em call center, com salário de R\$ 1.200, para sustentar a casa. "Meses depois ela engravidou, e eu consegui retomar minha carreira", diz.

O recomeço foi no Grêmio Prudente, onde foi contratado recebendo R\$ 2,500 para disputar os últimos jogos da quarta divisão de SP. "Muitas coisas passam, e uma hora esse recorde, e até o futebol, também passará", conta.

Namê D'Á, quem mais se aproxima são Retró-Pé e América-RN, com cinco gols sofridos cada um. Já na elite o Palmeiras é quem sofreu menos gols: 12 em 15 rodadas.

Na Premier League, o maior recorde é do holandês Edwin van der Sar, que ficou 1.311 minutos invicto pelo Manchester United entre 2008 e 2009 — marca que Alex pode quebrar. Ceni já ficou 988 minutos sem sofrer gols na Série A de 2007. O próximo desafio de Alex será contra o Corinthians, neste sábado (9), no estádio Primeiro de Maio, em São Bernardo. Até lá, ele é um goleiro imbatível.



SÃO PAULO VOLTA A GOLEAR E CHEGA ÀS QUARTAS DA COPA SUL-AMERICANA

Com gols de Luciano, Éder (foto, à esq.), Moreira e Rodriguinho no Morumbi, o time de Rogério Ceni bateu a Universidad Católica nesta quinta (7) por 4 a 1 — já tinha feito 4 a 2 na ida — e se classificou para a próxima fase da Copa Sul-Americana, quando pegará o Ceará. Carla Carmel/Reuters

Lesão abdominal faz Nadal deixar Wimbledon

SÃO PAULO Com lesão de 7 mm em um músculo na região abdominal, o tenista espanhol Rafael Nadal, 36, abandonou o Grand Slam de Wimbledon. Ele jogaria nesta sexta-feira (8) uma das semifinais do torneio, contra o australiano Nick Kyrgios, que avançou à final.

A lesão ficou evidente na última quarta (6), quando Nadal superou, com dores e limitação de movimentos, o americano Taylor Fritz.

O abandono tira as chances de o espanhol vencer neste ano os quatro torneios de Grand Slam — já tinha ganhado Aberto da Austrália e Roland Garros e estava invicto há 10 jogos na série. Agora, ele deve ficar "três ou quatro semanas" afastado.

Um VAR da ciência para cada político

Não que vá resolver todos os problemas, mas é tempo de tentar de outro modo

Sandro Macedo

Medalha de ouro no futebol (improvizado no gol) e no voto do ensino fundamental em 1986; na Folha desde 2001

Esta coluna foi escrita para a campanha #CiênciasnasEscolas, que celebra o Mês da Ciência. No mês de julho, colunistas cedem seus espaços para refletir sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Barbara de Paula Pires Frazão Guimarães, professora universitária, coordenadora dos projetos Rap e Ciência (Flocruz/RJ) e Atividade Física para Todos (Complexo dos Macacos-Vila Isabel/RJ).

Embora a arbitragem brasileira tenha recebido diversas críticas em decorrência da implementação do VAR (Video Assistant Referee, o mesmo que árbitro de vídeo) e a comunidade do futebol peça um aprimoramento da tecnologia, foi justamente nesse contexto que emergiram discussões importantes sobre a profissionalização e os direitos da arbitragem.

No Brasil, a arbitragem não é profissionalizada — ao contrário da Premier League, por exemplo, que tem uma

equipe de arbitragem profissional no futebol que é referência em todo o mundo. Entre nós, porém, a preparação e a qualificação do árbitro podem ser prejudicadas pela falta de direitos.

E o que isso tem a ver com ciência?

Bem, quando se fala de um modelo de política científica em nosso país, algumas questões importantes também precisam ser discutidas, como os direitos dos pesquisadores, a vontade política de traduzir conhecimento em ações pú-

blicas eficazes e a importância da divulgação científica em linguagem acessível.

Nossa produção de conhecimento científico é realizada sobretudo por professores universitários e por alunos de mestrado e doutorado — logo, é fundamental investir em bolsas e em projetos de pesquisa, em capacitação e em infraestrutura para os laboratórios.

Precisamos reconhecer e garantir os direitos desses profissionais dedicados à ciência, que estudam e trabalham den-

tro da universidade.

Será que essa vontade política de traduzir conhecimento em ações públicas eficazes existe ou é mera manifestação de ideias vazias em período eleitoral?

Em meados de 2016 ainda se discutia no governo uma proposta de reforma do ensino médio no Brasil em que a educação física ficaria fora do currículo, não sendo mais uma disciplina obrigatória — na contramão dos achados da ciência sobre os inegáveis benefícios da prática da atividade física, ainda mais em nosso país, onde muitas crianças e muitos adolescentes praticam atividade física e se alimentam somente na escola.

Se do ponto de vista da ciência já existia um consenso sobre essa questão, por que em pleno 2016 ainda se discutia a obrigatoriedade da prática

nas escolas?

A ciência precisa ser divulgada em cada canto do Brasil, em linguagem simples e acessível — e isso é responsabilidade de todos nós.

O conhecimento não pode se ater às universidades, a debates entre os pares.

Temos o direito de saber o que é feito com o dinheiro dos impostos.

Seja para o esporte ou para a ciência, devemos construir um diálogo possível com toda a sociedade e, em especial, com quem produz as ações públicas, as leis e as diretrizes do país.

Não que um VAR da ciência vá resolver todos os problemas, mas é tempo de tentar fazer de outro modo, reconstruir o debate público brasileiro, elaborar um modelo proativo de política científica para a educação e a reconstrução do Brasil.

GELO E GIM

Daniel de Mesquita Benevides
folha.com/gelegim

A ciência do drink: como peixes nos ajudam a entender os efeitos do álcool

Esta coluna foi escrita para a campanha #ciênciasseleções, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, colonistas cedem seus espaços para refletir sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Ana Luchiani, bióloga e professora da UFRN.

★

Diversas bebidas contendo álcool — uma das substâncias mais comercializadas no mundo — foram e são utilizadas com as mais diferentes finalidades: ritualística, medicinal, lúdica, apaziguadora. Ocasionalmente alguns indivíduos ingerem altas doses, seja para celebrar um evento, seja para afogar as mágoas. E outros o fazem sistematicamente.

Por ser uma mercadoria de fácil acesso, por seu consumo ser admitido e até incentivado, seu impacto na saúde é bem maior do que o das drogas ilícitas. A intensificação de seu consumo nas últimas décadas acarretará consequências sociais, com um aumento da dependência e de danos à saúde. O enfrentamento do alcoolismo depende de ações multidisciplinares, desde a pesquisa básica dos efeitos da exposição ao álcool até ações governamentais para tratamento e prevenção do abuso da substância.

Apesar do nosso conhecimento científico sobre os efeitos do álcool no cérebro e dos avanços da farmacologia, os

medicamentos disponíveis para tratar a dependência são úteis apenas em alguns casos, já que a maioria das alcoolistas acaba tendo uma recaída.

É provável que esse cenário resulte de diferenças individuais: certas pessoas parecem apresentar maior sensibilidade ao álcool, enquanto outras são mais resistentes. Algumas diferenças são ex-

plicadas pelo metabolismo, característica biológica herdada, mas fatores como história de vida, inserção sociocultural, estrutura psicológica e contexto econômico-cultural são cruciais para entender por que alguns indivíduos são mais propensos ao alcoolismo.

Trabalho no laboratório de peixes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Observamos que diferenças de personalidade entre os peixes-zebra se refletem na busca pelo álcool e seus efeitos no

organismo. Peixes mais "ousados", ou seja, os mais agressivos, mais exploradores e que arriscam mais, quando expostos ao álcool reduzem a locomoção e intensificam a produção de serotonina, neurotransmissor associado à sensação de bem-estar.

Em indivíduos tímidos, a produção de serotonina é menor, mas um fator relacionado à proteção dos neurônios (BDNF) é maior, o que indica que os tímidos conseguem proteger mais o cérebro de danos causados pelo álcool. O comportamento desses peixes também é bem diferente: como a ansiedade é reduzida, eles se tornam mais exploradores sob efeitos da substância.

Assim como os peixes, os seres humanos também respondem de forma diferente ao álcool: alguns só ficam mais desinibidos e tudo bem; outros se desinibem e tendem

ao uso recorrente da substância. Precisamos aprofundar pesquisas para que a identificação do problema, a formulação de alternativas e as decisões de tratamento possam ser individualizadas.

O enfrentamento dos transtornos relacionados ao uso de substâncias, como o alcoolismo, depende do fomento às pesquisas, assim como demanda investimento em políticas públicas que facilitem o acesso a informações e foquem na prevenção do abuso (em vez de proibir o consumo sem oferecer alternativas), por meio de atendimento multiprofissional.

A desinformação da sociedade e a crença errônea de que o alcoolismo não é uma doença precisam ser combatidos com bases científicas, além de políticas de redução de danos e reabilitação psicossocial.

[...]

A desinformação da sociedade e a crença errônea de que o alcoolismo não é uma doença precisam ser combatidos com bases científicas, além de políticas de redução de danos e reabilitação psicossocial

DESCOBERTA EM JARDIM DE LONDRES NOVA ESPÉCIE DE NENÚFAR GIGANTE



Kew Royal Botanic Gardens

Especialistas do Kew Gardens, famoso jardim botânico no oeste de Londres, revelaram nesta semana a descoberta de nova espécie de nenúfar gigante, a primeira recensada desde meados do século 19. Esses espécimes estavam no Kew Gardens havia 177 anos e no Herbário Nacional da Bolívia havia

34 anos antes que botânicos constassem serem de uma nova espécie. Inicialmente, pensaram que era uma vitória-régia (*Victoria amazonia*). Mas, após pesquisas com equipe que viajou da Bolívia, os especialistas do jardim britânico concluíram ser uma terceira variedade. A *Victoria boliviana*, cujas folhas

podem ter até 3 m de largura, é a maior nenúfar gigante do mundo. Toda a pesquisa foi descrita em artigo na *Frontiers in Plant Sciences*, na segunda (4). Sementes desta terceira espécie foram doadas por jardins botânicos de Santa Cruz de La Sierra e La Rinconada. Carlos Magdalena, especialista

na conservação de espécies vegetais, chamou a planta de "uma das maravilhas botânicas do mundo". A *Victoria boliviana* foi batizada em homenagem aos bolivianos da equipe. Kew Gardens é o único lugar onde há as três espécies do gênero, que homenageia a rainha Victoria: *amazonica*, *cruziana* e *boliviana*.

As desagradáveis ondas de calor

O tratamento hormonal para menopausa motiva debates na área médica

Julio Abramczyk

Médico, vencedor dos prêmios Esso (Informação Científica) e J. Reis de Divulgação Científica (CNPq)

Os costumes podem mudar de tempos em tempos, mas para as mulheres que alcançam a meia-idade é quase permanente aparecerem as desagradáveis ondas de calor da menopausa, uma fase exclusiva da vida do sexo feminino.

No tratamento das ondas de calor e de outros problemas da menopausa tem sido empregado o tratamento hormonal. Entretanto, desde a sua introdução, tem sido motivo de debates na área médica.

Para a médica Dolores Parodi, da Unifesp/Escola Paulista de Medicina, em trabalho publicado na revista *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, alguns estudos indicam risco de câncer de mama.

A incidência de efeitos adversos do tratamento hormonal é baixo, e os riscos são cumulativos com o tempo de uso. Por esse motivo, a Sociedade Norte-Americana de Menopausa anuncia, a intervalos de anos, uma declaração

em relação ao tratamento da menopausa.

Nesta quinta-feira (7), na revista *Menopause*, órgão oficial da entidade, publicou a sua Declaração de Posição de Terapia Hormonal de 2022.

Inicialmente, ela afirma que revisou os dados existentes sobre terapias hormonais após a última declaração, em 2017, e concluiu que "o que não mudou é que a terapia hormonal continua sendo o tratamento mais eficaz para sintomas vasomotores e síndrome ge-

nitorinária da menopausa e demonstrou prevenir a perda óssea e fraturas".

Igualmente recomenda a estratificação de risco por idade e tempo desde a menopausa.

A declaração de 2022 também destaca que os benefícios da terapia hormonal superaram os riscos para a maioria das mulheres com sintomas da menopausa e saudáveis, desde que com idade inferior a 60 anos e dentro de dez anos do início da cessação da menstruação.

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 8.jul.1972

Prefeitura de São Paulo faz testes para trazer parquímetros ao Brasil

Os técnicos da Secretaria Municipal dos Transportes de São Paulo estão testando quatro tipos de parquímetros para serem usados nas principais áreas comerciais da cidade. Esse é um sistema utilizado com sucesso nos Estados Unidos e em países europeus e poderá ser implantado no Brasil. O aparelho do parquímetro possui um pequeno relógio

e é movido a fichas para a medição do tempo do estacionamento dos veículos. Foram analisados nos testes dois modelos americanos, um alemão e um suco. A novidade pode chegar a São Paulo no mês de dezembro, quando a prefeitura assumir o controle do trânsito da cidade.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br



ilustrada

O palco todo seu

Claudia Abreu atua em seu primeiro texto
dramatúrgico e mergulha nos momentos
finais da autora Virginia Woolf

[Leia na pág. C4](#)

A atriz Claudia Abreu,
aqui vive Virginia
Woolf em monólogo

de Rome Xavier / Pólispress



CASACOR
/ SÃO PAULO
2022
SINDESA
PARTICIPANTE

CASA VÉRTICE DUNELLI
POR PATRÍCIA HAGOBIAN

DUNELLI
O SEU JEITO DE MORAR

Jardins Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 2.069
Jardins Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1.718
Anália Franco Rua Emilia Marengo, 200

Santana Av. Cruzeiro do Sul, 2.233
Pinheiros Rua Teodoro Sampaio, 1.829
Ibirapuera Av. Ibirapuera, 2.934

Instagram: @dunelli.com.br

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

PARA ONTEM

A 1ª Vara Federal Cível da Seção Judiciária do Amazonas deu cinco dias para que a Funai (Fundação Nacional do Índio) explique quais medidas está tomando para que tragédias como os assassinatos de Bruno Pereira e Dom Phillips não se repitam.

BOLSO A decisão foi publicada pelo juiz federal Lincoln Rossi da Silva Viguini na quarta-feira (6) e impõe pena de multa ao presidente da autarquia, Marcelo Augusto Xavier da Silva, caso não haja resposta.

IMINENTE O magistrado aceitou um pedido apresentado pela Defensoria Pública da União (DPU). Ele cita o "ambiente de conflitos e alto risco de novos eventos graves, como o que vitimou os senhores Bruno e Dom" para justificar a prioridade dada à demanda.

HÁ TEMPOS A determinação da Justiça Federal ocorre no âmbito de uma ação movida pela DPU e pelo Ministério Público Federal (MPF) ainda em 2018, em busca de uma solução para os conflitos na região do Vale do Javari, no Amazonas.

NA RODA O PTB requereu ao ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Edson Fachin seu ingresso como amicus curiae (amigo da corte, ou seja, interessado na causa) em uma ação que quer derrubar um manual do Ministério da Saúde que cria entraves para a realização do aborto legal em situações previstas em lei.

PARE O pedido é assinado pelo advogado da sigla Luiz Gustavo Pereira da Cunha, que já deu aulas de tiro para Jair Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro (PL). "O partido defende a vida desde a sua concepção. Nossa contribuição será nesse caminho contra o aborto", diz Cunha.

FICHA O guia do governo federal diz que todo aborto é crime e que, portanto, não há interrupção de gravidez legal no Brasil. A ação que tramita no STF, uma ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental), tem entre seus signatários a Sociedade Brasileira de Bioética.

PLACAR Cansado de ouvir a pergunta sobre qual estampa de toalha, entre Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL), é a prefeita dos seus clientes, o ambulante Osvaldo Pires Valentim passou a exibir um placar com os números da disputa. A contagem, que começou no dia 1º de julho, mostra o petista à frente: 38 a 19 até quinta (7).

RACHA A polarização política tem sido positiva para Valentim, que, além de toalhas, comercializa bonês e camisetas com as imagens dos dois candidatos em uma barracquinha na região da Avenida Paulista, em SP. "Dá para pagar qualquer coisa, luz, internet e sobra para comer uma pizza", diz.

FAMOSO Foi das mãos dele que o ator Bruno Gagliasso comprou as 22 toalhas de Lula para dar aos amigos. Na quarta (6), encomendou mais 20 peças.

ISENTO Para não perder clientes, Valentim não revela seu voto. "Mas se você fizer uma pesquinha básica no meu Instagram, vai descobrir", diz ele, que tem postagens contra o PT e elogios ao governo.

NOITE SOLENE



Fotos: Marlene Bergamo/Folha press



3

FLORISVALDO FIORENTINO JÚNIOR recebeu convites em sua cerimônia de posse como Defensor Público-Geral (DPG) de São Paulo e presidente do Conselho Nacional das Defensorias e Defensores Públicos-Gerais (Condege), na noite de segunda (4), na capital paulista.

CARO AMIGO Os cantores Milton Nascimento e Djavan vão lançar o seu primeiro dueto neste mês. Embora cultivem uma amizade de longa data, os dois ainda não tinham tido a experiência de gravar juntos.

PARA VOCÊ Composta pelo alaço para a voz de Bituca, a canção "Beleza Destruída" poderá ser ouvida a partir do dia 21 de julho nas principais plataformas de áudio.

COMBO A faixa será o segundo single de "D", novo álbum de Djavan. A parceria de Milton e Djavan ganhará um videoclipe assinado por Giovanni Bianco, responsável pela direção criativa do álbum de 12 faixas previsto para 11 de agosto.

TEU INHA O apresentador do Big Brother Brasil, Tadeu Schimidt, será um dos primeiros convidados do programa "Pi-poca da Ivette", que vai estreiar no dia 24 de julho na TV Globo. Comandada pela cantora Ivette Sangalo, a nova atração irá ao ar nas tardes de domingo.

TEU INHA 2 Eles vão participar do quadro Batalha de Família. Nele, Ivette Sangalo e Tadeu recebem duas famílias que competem entre si para levar um prêmio em dinheiro. "Foi uma fauna muito legal", afirma o apresentador.

PIPOCA A produção do documentário "Amigo Secreto", dirigido pela cineasta Maria Augusta Ramos, vai disponibilizar, até a próxima quarta (13), ingressos grátis para estudantes, professores e integrantes de movimentos sociais que queiram ver o filme sobre a Operação Lava Jato.

PIPOCA 2 Os bilhetes serão ofertados para sessões nas cidades de Brasília, RJ, BH, SP, Porto Alegre e Salvador. Os interessados deverão preencher um formulário online.



O ator James Caan, à direita, com Al Pacino em cena de 'O Poderoso Chefão' Reprodução

Morre James Caan, o Sonny de 'Poderoso Chefão', aos 82 anos

Família do ator, que também esteve em 'Profissão: Ladrão' e 'Louca Obsessão', não divulgou qual foi a causa da morte

SÃO PAULO O ator James Caan, conhecido pelo papel de Sonny Wortzik em 'O Poderoso Chefão', morreu nesta quarta-feira, aos 82 anos. A informação foi divulgada por sua equipe em suas redes sociais.

"É com grande tristeza que informamos que Jimmy morreu na noite do dia 6 de julho. A família agradece pelo amor e pelas condolências enviadas e pede que vocês continuem respeitando a privacidade dela neste momento difícil", escreveu no Twitter.

A notícia pegou os fãs do ator de surpresa, já que Caan vinha participando de eventos da indústria nos últimos tempos, como a celebração de 50 anos de 'O Poderoso Chefão', que aconteceu em fevereiro deste ano. A causa da morte não foi divulgada.

Além do ícone filme sobre a máfia italo-americana, que rendeu a ele a única indicação ao Oscar, em 1973, o ator americano também estrelou longas como 'Louca Obsessão', de 1990, 'Profissão: Ladrão', de 1981, e 'Rollerball: Os Gladiadores do Futuro', de 1975.

Caan nasceu em 1940, em Nova York, inicialmente queria ser jogador de futebol. Na Universidade de Hofstra, no entanto, se apaixonou pela atuação e conheceu Francis Ford Coppola, que o dirigiu mais tarde. Seu primeiro trabalho profissional foi nos palcos da Broadway, na peça 'Blood, Sweat and Stanley Poole'.

Migrou para as telas com um punhado de papéis pequenos até que, em 1965, despontou como o protagonista de 'Falsa Vermelha 7000' e, no ano seguinte, no faroeste 'El Dorado', em que atuou ao lado de John Wayne e Robert Mitchum.

Ainda um talento novo em Hollywood, o cineasta Robert Altman o escalou para 'No Assombroso Mundo da Lua', ficção científica de 1967. Depois, Caan e Coppola fizeram a primeira parceria, em 'Caminhos Mal Traçados'. O longa antecipa o sucesso de 'O Poderoso Chefão', que mudaria para sempre as trajetórias tanto do ator quanto do diretor.

No clássico, Caan, que originalmente havia feito teste para o papel de Michael Corleone, viveu Sonny, o irmão mais velho do protagonista. A cena da morte do personagem se tornou uma das mais lembradas da trilogia sobre a máfia, graças à brutalidade e à sanguinolência dos tiros que atingem seu corpo em cena.

Com o papel, ganhou projeção e passou a estrelar uma série de filmes de sucessos dos anos 1970 e início dos 1980. Entre eles estão 'O Jogador', 'Duas Óvelhas Negras', 'Rollerball', 'Uma Ponte Longe Demais' e o musical 'Funny Lady', com Barbra Streisand.

Depois de 'Profissão: Ladrão', no entanto, Caan começou a ter problemas na carreira, que foi afundando após a morte prematura de sua ir-

mã, Barbara Caan, que presidiu sua produtora, e com o uso pesado de drogas. Ele, então, se afastou das câmeras e só reapareceu diante delas em 1987, novamente com Coppola, em 'Jardins de Pedra'.

Ele se restabeleceu como um dos grandes rostos de Hollywood, no entanto, com 'Louca Obsessão', de 1990. No filme de Rob Reiner, adaptação da obra de Stephen King, ele interpretou um escritor que é sequestrado e amarrado a uma cama por uma mãe obcecada — papel de Kathy Bates, que venceu o Oscar por ele.

Entre os anos 1990 e 2010, Caan continuou trabalhando de forma constante, acumulando papéis em filmes como 'Mickey Olhos Azuis', 'À Sangue Frio', 'Dogville', 'Um Duende em Nova York' e 'Agente 86'. O último trabalho foi no longa 'Queen Bees', do ano passado, uma comédia inofensiva sobre a terceira idade, estrelada por Ellen Burstyn.

Ele ainda tem filme em pós-produção, 'Gun Monkeys', de Phillip Noyce, que o levou de volta ao universo da máfia, e estava cotado para aparecer em 'Redemption' e 'Acres Beyond the Eye'.

Caan foi casado quatro vezes, com Dee Jay Mathis, de 1961 a 1966, Sheila Marie Ryan, de 1975 a 1976, Ingrid Hajek, de 1992 a 1994, e Linda Stokes, de 1995 a 2017. Ele deixa cinco filhos, incluindo o também ator Scott Caan.

Paulistano Jorge Caldeira é eleito para a cadeira de Lygia Fagundes Telles na ABL

SÃO PAULO O escritor Jorge Caldeira, de 67 anos, foi eleito nesta quinta-feira para a cadeira 16 da Academia Brasileira de Letras, ocupando o lugar que estava vago desde a morte de Lygia Fagundes Telles, em abril deste ano. Ele recebeu 29 votos e participou da eleição 33 acadêmicos.

Doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo, Caldeira é especialista na área econômica e autor, entre outras 20 obras, de 'Mauá: Empresário do Império' e de 'História da Riqueza no Brasil'. Escreveu ainda livros sobre Diogo Antônio Feijó, José Bonifácio, Noel Rosa, Ronaldo, Guilherme Pompeu e Júlio Mesquita.

"É conhecido também por apresentar a era colonial de forma inovadora, com uma visão diferente da oficial", afirmou a Academia em nota.

"Vem recuperando personagens esquecidos para recontar a história brasileira, por vezes contrariando a historiografia oficial e oferecendo uma nova visão sobre a era colonial no país".

O crítico literário Silvano Santiago, que era tido como o favorito para ocupar o posto, se retirou da disputa, em escolha de "foro íntimo". Jorge Caldeira também atuou no mercado editorial, como publisher da revista Bravo!, consultor do projeto Brasil 500 anos, da TV Globo, e foi editor na Folha e nas revistas Istoe! e Exame.

Antes de Caldeira, o mais recente escolhido para integrar a Academia Brasileira de Letras havia sido o professor catarinense Godofredo de Oliveira Neto, eleito em junho para a vaga do acadêmico Cândido Mendes.



O escritor e jornalista Jorge Caldeira Zancaro/Francis/Folha press

SÓLIDO, INTENSO & VISCERAL!

TODA A FORÇA E O PESO DO **GODSMACK** AO VIVO PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL.



GODSMACK

SOUTH AMERICAN TOUR 2022

ÚNICA APRESENTAÇÃO EM SÃO PAULO!

SÁB, 12 DE NOVEMBRO

VIBRA SÃO PAULO

INGRESSOS A PARTIR
DO DIA 11/7 EM:

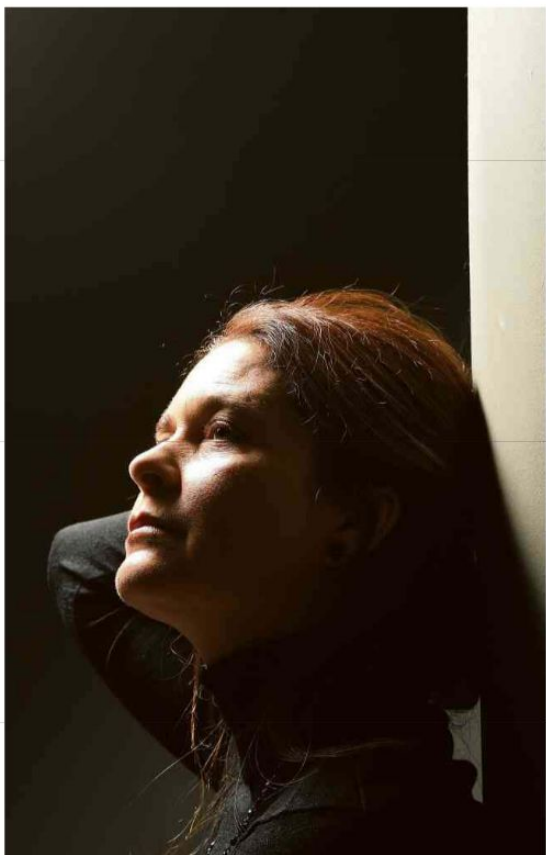
uhul.com

GODSMACK.COM | MERCURYCONCERTS.COM/GODSMACK



UMA PRODUÇÃO

Mercury
CONCERTS



A atriz Claudia Abreu, que interpreta Virginia Woolf no monólogo 'Virgínia', sua primeira obra dramaturgica que estreia neste fim de semana no Sesc 24 de Maio, em São Paulo. Fotos: Karine Xavier/Folhapress



Claudia Abreu reencena o fim de Virginia Woolf

Escrito durante a pandemia, monólogo é primeiro texto dramaturgico da atriz, que se inspira em vida e obra da autora

Teté Ribeiro

SÃO PAULO Neste sábado, dia 9 de julho, feriado paulista que comemora a Revolução de 1932, a atriz carioca Claudia Abreu estreia "Virgínia", primeiro monólogo de sua carreira e primeira peça escrita por ela, no Sesc 24 de Maio.

O espetáculo, que tem uma hora de duração, se passa nos momentos finais da vida da escritora britânica Virginia Woolf, que, aos 59 anos, deixou um bilhete de despedida para o marido e a irmã, vestiu um casaco com os bolsos cheios de pedras e entrou no rio Ouse, perto de sua casa, onde morreu afogada. Seu corpo foi encontrado por um grupo de crianças três semanas depois.

A peça se passa nos últimos instantes antes de ela morrer, naquele último átomo de consciência. Quando ela relembra a vida, sem

ordem cronológica, pensa em tudo o que aconteceu para ela estar ali, com pedras nos bolsos, embaixo d'água", descreve a atriz. "É o inventário íntimo dela", resume.

Virginia Woolf é considerada uma grande inovadora na escrita literária de língua inglesa, principalmente pelo uso do chamado fluxo de consciência, técnica que alterna o pensamento lógico com impressões pessoais momentâneas e associações de ideias. Ela não foi a criadora desse recurso literário, mas o usou com muito êxito em seus livros de ficção. Os mais conhecidos de sua obra são "Mrs. Dalloway", de 1925, "Ao Farol", de 1927, "Orlando: Uma Biografia", de 1928, e "As Ondas", de 1931.

Além disso, foi uma ensaísta e pensadora revolucionária, que questionava a condição feminina, as regras das famílias, as questões amorosas e a dificuldade de se criar uma obra sendo uma mulher. O nome de seu livro de ensaios mais conhecido, lançado em 1929, é um resumo do que a escritora acreditava ser fundamental para que uma mulher pudesse se dedicar a qualquer projeto artístico — "Um Teto Todo Seu".

Na verdade, a frase completa é "uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção". Claudia Abreu, que tem 35 anos de uma carreira cheia de sucessos na TV, no cinema e no teatro, tem dinheiro, e foi com recursos próprios que bancou toda a produção deste espetáculo, desde a escrita do texto até a montagem que estreiará este sábado. "Não quis entrar na lei", diz, se referindo à Lei Rouanet,

de incentivo à cultura, alvo preferencial de bolsoneiros. Mas ela não tem um teto todo para si. Aliás, a mulher do cineasta José Henrique Fonseca e mãe de quatro filhos, que têm hoje entre dez e 21 anos de idade, tem poucas oportunidades de ficar sozinha. E escreveu o monólogo durante a pandemia, que passou com a família entre Lisboa e uma casa na região serrana do Rio de Janeiro.

"Tive que cavar espaços, escrever e improvisar em qualquer lugar, banheiros, terraço, onde desse. Eu gravava meus improvisos, depois transcrevia e transformava em dramaturgia", conta. "E gravava áudios de celular para mim mesma quando não queria esquecer uma ideia".

"As mulheres sempre são muito interrompidas, mesmo que estejam trancadas em um escritório. Toda hora vai alguém lá perguntar o que tem de almoço ou algo assim", contou a atriz, que participa ativamente do dia a dia dos quatro filhos, inclusive contrando momentos para ficar a sós com cada um deles.

"Eu adoro, levo, busco, faço questão de estar junto. E acho que nada é mais extraordinário do que ver uma pessoa se desenvolver, então estou atenta a tudo o tempo todo", afirma. "Claro que educar é muito difícil, ainda mais nos nossos tempos, mas ser mãe é a coisa que eu mais gosto de fazer".

Virginia Woolf, ou Adeline Virginia Stephen, na certidão de nascimento, não teve filhos. Filha de um editor, Leslie Stephen, frequentou desde cedo o universo literário, apesar de não ter tido uma educação formal, como era costume na época. Estudou com professores

particulares e tinha acesso à vasta biblioteca de seu pai. Sempre quis ser escritora. Seu primeiro artigo foi publicado no suplemento feminino do jornal britânico The Guardian, em janeiro de 1924, quando tinha 22 anos. No mês seguinte, seu pai morreu de câncer, o que provocou uma crise depressiva que se estendeu até o final daquele ano.

Aos 30 anos, ela se casou com Leonard Woolf, com quem fundou a editora Hogarth Press, que revelou autores como T. S. Eliot. E foi depois de casada que publicou seu primeiro romance, "A Viagem", em 1915, no qual trabalhou por nove anos.

Durante sua vida, teve pelo menos cinco episódios graves de colapsos mentais, que não foram diagnosticados. O primeiro aos 13 anos, quando sua mãe, Julia Stephen, morreu. No final da vida, começou a ouvir vozes quando entrava em crise. Menciona o fato em seu bilhete pré-suicídio, diz que sabe que elas vão voltar e que não aguentaria passar por mais um episódio.

Foi amante da escritora aristocrata Vita Sackville-West, que serviu de inspiração para o livro "Orlando: Uma Biografia", em que o personagem principal virou uma mulher no meio da trama, sem nenhuma explicação.

Vários de seus livros já foram adaptados para o cinema — "Orlando", com Tilda Swinton, em 1992, "Mrs. Dalloway", com Vanessa Redgrave, em 1997, e sua vida inspirou o longa-metragem "As Horas", de 2002, que rendeu o Oscar de melhor atriz para Nicole Kidman, que interpreta a escritora britânica. E seu nome está no título de um filme que não tem nada a ver com

sua obra, mas é incrível, "Quem Tem Medo de Virginia Woolf", de 1966, com Elizabeth Taylor e Richard Burton.

O universo sombrio de Virginia Woolf parece contrastar com a presença leve e solar de Claudia Abreu. Mas a atriz conta que, quando voltou a ler a autora, depois de sua primeira gravidez, sentiu uma forte identificação.

"Sabe esses encontros que você tem na literatura, ou com um ator, ou um filme, que parece que falam diretamente com você? As vezes era um detalhe, uma frase, mas falava muito sobre mim sem que eu mesma conseguisse expressar", ela diz.

Então, foi atrás de biografias, dos diários, das memórias de Woolf. "Ela me acendeu vários fogos, e o primeiro deles foi a vontade de escrever, de botar a minha voz, de dar a minha opinião através dessa obra", conta. "Mas também não queria abrir mão dessa personagem, porque o que mais me interessa é o ser humano. Então teve um casamento desses dois desejos".

Neste fim de semana, Claudia Abreu estreia como dramaturga, atriz de monólogo e também escritora. A versão em livro da peça será lançada na mesma data pela editora Nós, que publicou vários livros de Virginia Woolf no Brasil, que estarão à venda no saguão do teatro.

"Não precisa conhecer nada de Virginia Woolf para entender a peça. Mas, se eu desperditar o espectador a vontade de ler a obra dela, estará ali, ao alcance de todo mundo."

Virginia
Sesc 24 de Maio - r. 24 de Maio, 109, São Paulo. Qui. e sex. às 20h; sáb. e dom., às 18h. De sáb. (9) a 7 de agosto. De R\$ 12 a R\$ 40. 12 anos

TOKIO MARINE HALL

ICATU

Chico BUARQUE

Turnê "Que tal um samba?"

MARÇO DE 2023

Convidada
Mônica SALMASO

ESTREIA DIA 02 DE MARÇO
DE QUINTA A DOMINGO
CURTA TEMPORADA



“

As mulheres sempre são muito interrompidas, mesmo que estejam trancadas em um escritório. Toda hora vai alguém lá perguntar o que tem de almoço ou algo assim. Eu adoro [cuidar dos quatro filhos, entre dez e 21 anos], levo, busco, faço questão de estar junto. E acho que nada é mais extraordinário do que ver uma pessoa se desenvolver, então estou atenta a tudo o tempo todo. Claro que educar é muito difícil, ainda mais nos nossos tempos, mas ser mãe é a coisa que eu mais gosto de fazer

Virginia Woolf me acendeu vários fogos, e o primeiro deles foi a vontade de escrever, de botar a minha voz, de dar a minha opinião através dessa obra. Ela fala muito sobre mim

Claudia Abreu
atriz e dramaturga



sescsp.org.br

f t i y t s

CINEMA

Mostra de Cinemas Africanos

Um Conto de Amor e Desejo
Dir: Leyla Bouzid | Argélia e França | 2021 | 102 min | Ficção
06/07. Sexta, 20h30.

Freda
Dir: Gessica Génésis | Benin, França e Haiti | 2021 | 93 min | Ficção
09/07. Sábado, 20h30.

Nós
Dir: Alice Diop | França | 2021 | 117 min | Documentário
10/07. Domingo, 20h30.

CineSesc

EXPOSIÇÃO

Raio-que-o-parta: ficções do moderno no Brasil
A arte moderna no país para além de 1922, a partir de uma ampliação cronológica, geográfica e estética. Até 07/08. Terça a domingo. 24 de Maio

DANÇA

Desde Que O Mundo É Mundo
Com Coletivo Calcaneos
08 a 10/07. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 17h. Belenzinho

SESC TV

História Presente
A série celebra o teatro paulistano como patrimônio imaterial. Teatro União Popular Olho Vivo
Dir: André Canto e Gabriel Mizlana. No episódio, o diretor César Vieira compartilha a história do grupo de teatro comunitário, que nasceu em 1966 com o premiado espetáculo "O Evangelho Segundo Zébedeu".
09/07. Sábado, 18h. Disponível sob demanda em sesc.tv.br/historiapresente

TEATRO

As Três Irmãs
- A Semente da Romã
Textos: Anton Tchekhov e Luís Alberto de Abreu
Dir: Marina Nogueira Tenório e Ruy Cortez
09/07 a 07/08. Quarta a sábado, 20h. Domingo e feriado, 18h. Pompéia

Um Arco-Íris Colorindo o Céu
Texto e atuação: Eliosa Elena
Dir: Carlos Gracim e Murillo Basso
08/07 a 07/08. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 18h. Ipiranga

Virginia
Com Claudia Abreu
Dir: Amir Haddad
09/07 a 07/08. Quinta e sexta, 20h. Sábado e domingo e feriado, 18h. 24 de Maio

Fala das Profundezas
Núcleo Negro de Pesquisa e Oração
Dir: Gabriel Cândido
Até 10/07. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 18h30. Belenzinho

Prêt-à-Porter Novos Experimentos
Três cenas da edição de 2019 do Centro de Pesquisa Teatral.
Até 14/07. Quartas e quintas, 20h. Consórcio

Narrativas Encontradas Numa Garrafa Pet na Beira Da Mare
Grupo São Gens de Teatro (RPI)
Encenação: Anderson Leite
Até 17/07. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 18h. Avenida Paulista

CIRCO

Gallindez
Com Tati Villanueva (ARG)
09 e 10/07. Sábado e domingo, 18h. Santana

AÇÃO URGENTE CONTRA O FRIO

Doe agasalhos, gorros, meias e cobertores para adultos e crianças.

NAS UNIDADES DO SESC DA CAPITAL E DA GRANDE SP

Salha mais em www.sescsp.org.br

MÚSICA

Tom Zé
Show de lançamento do álbum "Língua Brasileira", pelo Selo Sesc.
09 e 10/07. Sábado e domingo, 18h. Vila Mariana

Mundo Livre S/A
30 anos do Manifesto Manguebeat
08 e 09/07. Sexta e sábado, 20h. Bom Retiro

Ilenine
08 a 10/07. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 18h. Belenzinho

Arismar do Espírito Santo e Convidados
Com Danilo Silva, Bia Góes, Sérgio Coelho, Vinícius Chagas, entre outros.
08 e 09/07. Sexta e sábado, 21h30. Pompéia

Majur
Show do álbum "Ojunité"
08/07. Sexta, 21h. Vila Mariana

Letrux
Show do álbum "Aos Prantos"
09/07. Sexta, 21h. Santo André

Santo André
09 e 10/07. Sábado e domingo, 18h. Pinheiros

LITERATURA

Sesc na 26ª Bienal Internacional do Livro
Entrada gratuita para Credenciados Plenos do Sesc.

Visite o estande das Edições Sesc e as duas bibliotecas móveis do BiblioSesc.
Até 10/07. Sexta, 9h às 22h. Sábado e domingo, 10h às 22h. Expo Center Norte

CRIANÇAS

teatro

O Muro de Sam
Com Catarais
Até 31/07. Quinta, 15h. Sábado e domingo, 12h. Belenzinho

Monstruário
Com Fabulosos Companhia.
09 e 10/07. Sábado e domingo, 16h. Guarulhos

Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus
Com Coletivo O Bonde
10 e 17/07. Domingo, 15h. Interlagos

Detetives do Espavó
Com Grupo Esparrama e Trupe DuNavó
Até 31/07. Domingo, 15h e 17h. Pinheiros

festA!

FESTIVAL DE APRENDER

Feira de Demonstrações de Ferramentas
Técnicas e ferramentas utilizadas em marcenaria, mecânica, entre outros.
08/07. Sexta, 11h30 às 15h30. Carmo (Praça do Poupatempo Sé)

bate-papo

Quilombos Tecnológicos
Com Sil Bahia, Mlle Beth de Oum e Adriana Barbosa.
As tecnologias digitais para a inclusão digital, inovação e diversidade.
10/07. Domingo, 14h às 17h. Campo Limpo

Batman e Leituras Sociais Possíveis
Com Laíffa Machado
10/07. Domingo, 14h às 16h. Itaquera



O ator Rodrigo Santoro como o navegador português Fernão de Magalhães em cena da série 'Sem Limites', produção espanhola da Amazon Prime Vídeo com direção de Simon West

Divulgação

Rodrigo Santoro é navegador português em série

Ator dá vida a Fernão de Magalhães em 'Sem Limites' e diz que a violência no Brasil é fruto da época da colonização

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Rodrigo Santoro não ficou completamente entediado nos primeiros meses da pandemia, quando os sets de filmagem estavam fechados. Ao longo de nove meses, ele teve a companhia de alguém morto há 500 anos, o navegador português Fernão de Magalhães, para se distrair. Pouco antes de a quarentena começar, no fimzinho das filmagens de seu último filme, "7 Prisioneiros", Santoro havia sido convidado para participar de "Sem Limites". Com a interrupção da indústria por causa da doença, as filmagens da série foram sendo adiadas incessantemente, o que deu ao ator a possibilidade de fa-

zer um mergulho completo na biografia do personagem.

É com certa paixão que ele fala de Fernão de Magalhães — não em tom de admiração, mas como um amigo que sente uma conexão íntima com o outro. "Eu fiquei literalmente confinado com ele durante a quarentena", conta Santoro.

"Antes, só lembrava que ele havia sido um navegador. Mas aí decidi explorar a intimidade de quem foi esse homem e li até demais. Li tudo o que existe na internet, de discussões de filósofos a reconstituições de expedições, assim como duas biografias e muito sobre o contexto da época. Eu queria entrar na cabeça de um homem de 1500".

Santoro pesquisou tanto

que descobriu até detalhes da infância do português, por meio de documentos não digitalizados e conversas com uma historiadora que prepara um livro sobre Fernão de Magalhães, um homem que se sentia negligenciado pelo rei.

"Ele vem do ressentimento, do orgulho ferido, e cresce se sentindo abandonado, precisando provar para o mundo e para si próprio que tem valor".

Uma produção espanhola, "Sem Limites" conta a história da primeira circum-navegação do globo, em 1519, a serviço dos espanhóis. Liderada por Fernão de Magalhães, que não havia conseguido patrocínio do rei português, e por Juan Sebastián Elcano — Álvaro Morte, de "La Casa de

Papel"—, a empreitada descobriu uma nova rota para o comércio de especiarias e provou que a Terra é redonda.

Por ser brasileiro, Santoro tomou cuidado para não romantizar a época das grandes navegações, já que delas saiu a exploração das Américas e incontáveis horrores. Para o ator, foi interessante trabalhar em "Sem Limites" porque pôde notar como pouco mudou na estrutura da sociedade brasileira de lá para cá.

"A colonização não acaba quando os portugueses partem. A mentalidade implantada aqui é tão forte que eles partem e nós continuamos colonizando uns aos outros".

"Infelizmente, nós ainda vivemos o fruto dessa violência

colonial. É uma das questões que nos ajudam a entender o momento atual do país. A gente acabou de ver uma tragédia, com a morte do Bruno Pereira e do Dom Phillips. Olhar para isso é desesperador. E preciso ter esperança, mas está difícil, muito difícil", continua, na conversa que aconteceu dias após a confirmação do assassinato do indigenista brasileiro e do jornalista britânico.

Mas Santoro parece ansioso para voltar a falar da série, trabalho que ele compara a grandes produções de Hollywood, com suas cenas marítimas grandiosas, ação inquietante e uma direção de arte atenta aos detalhes. A direção é de um britânico, Simon West, de "Tomb Raider".

Com ele e os produtores, Santoro encampou uma briga ferrenha, na qual defendeu que seu Fernão de Magalhães deveria falar português em alguns momentos. Eles não queriam, por padronização, mas foram convencidos.

O ator, então, precisou sair da zona de conforto em dose dupla — não apenas teve de aprender a falar o português europeu, como também o castelhano, já que os espanhóis sabiam era carregado de sotaque latino-americano. "Puxaram meu tapete, mas era preciso respeitar a história", diz.

Sem Limites

Espanha, 2022. Criação: Miguel Mendez de Zubillaga. Com: Rodrigo Santoro, Álvaro Morte e Carlos Cuevas. Disponível no Amazon Prime Vídeo

4 ACT APRESENTA

GREASE

O musical

CURTA TEMPORADA

INFORMES: WWW.SHOPPINGVILAOLIMPIA.COM

DE QUINTA A DOMINGO

TEATRO CLARO SÃO PAULO - SHOPPING VILA OLÍMPIA

*** SESSÃO EXTRA - DOMINGO, DIA 17/07 ÀS 15H ***

PARCERIO DE VENDA: **uol** | VENDA: **Sympli** | LOCAL: **Teatro Claro** | REALIZAÇÃO: **4 ACT**

CRÍTICA SERIAL

Luciana Coelho

criticaserial@grupofolha.com.br

(Des)Informação em disputa: das plataformas às urnas

O texto a seguir foi escrito por Nina Santos, que é diretora do Aláfia Lab, coordenadora acadêmica do instituto "Desinformante" e pesquisadora do INCT.DD, e faz parte da campanha #ciencia nas eleições, que celebra o Mês da Ciência.

*

Eleições são escolhas que impactam consideravelmente o presente e o futuro. Em uma democracia plena, pleitos precisam ser momentos de liberdade e de igualdade — cada um de nós deve ter o mesmo peso e ser livre para fazer suas escolhas. Em uma sociedade digital, a garantia dessa liberdade e dessa igualdade passa cada vez mais pela preocupação com a (des)informação.

As mídias se multiplicaram e se diversificaram. Mas nem por isso temos um cenário de igualdade, em que todas as vozes são capazes de produzir o mesmo impacto. Longe disso. O poder de fala foi democratizado de alguma forma, mas não a capacidade de ser ouvido.

A multiplicidade de mídias e fluxos informativos tem um efeito duplo. Por um lado, ela incluiu no debate vozes antes silenciadas, que garantem certa igualdade entre diferentes pontos de vista, experiências e vivências. Fortalece a democracia. Por outro, essa multiplicidade também é permeável a conteúdos nocivos, produzidos para manipular a informação: usa a linguagem política. Enfraquece a democracia.

Como garantir diversidade e qualidade da informação? A resposta é complexa, mas certamente há um elemento-chave: os novos mediadores do ambiente digital. A ideia de "desintermediação" é uma falácia que quer nos fazer acreditar que não há mais mediadores influenciando a circulação informativa.

Mas eles existem: são variados, pouco visíveis e muito poderosos. E aqui eu me refiro especialmente às "plataformas", as grandes empresas que hoje decidem as regras dos conteúdos que cada

um de nós recebe — e que não recebe. Elas têm a capacidade e o poder de decidir como tratar os efeitos informativos que fortalecem a democracia e os que a prejudicam. A opacidade desse processo, no entanto, impede que o interesse público esteja em primeiro lugar.

O impacto social desse fenômeno é enorme e não pode ser visto apenas do ângulo tecnológico. Não é coincidência termos acompanhado a ascensão de governos de extrema direita juntamente com um crescimento avassalador do uso da desinformação como arma política e econômica. Esses atores políticos, com a estratégia de provocar o descrédito da ciência, da universidade, do jornalismo, preparam o terreno para semear a desinformação. Se tudo o que antes parecia nortear nossas crenças agora é atacado, em que se basear para estabelecer limites do que pode ser factual?

Eleições são momentos de escolhas, sim, mas elas não se resumem à urna. Escolhas informativas são cruciais e não podemos abrir mão de fazê-las. Apenas assim teremos alguma garantia de liberdade e igualdade na decisão de quem nos governa.



Lincoln Souza

Discurso de ódio nas redes sociais

É necessário haver intermediação entre essas plataformas e a sociedade

Djamila Ribeiro

Mestre em filosofia política pela Unifesp e coordenadora da coleção de livros Feminismos Plurais

Nessa última semana, a equipe jurídica que representa a mim e a organizações dos movimentos negros em uma representação contra o Twitter no Ministério Público Federal se reuniu com procuradoras. A representação pede que essa instituição se mobilize contra a proliferação de discursos de ódio contra mulheres negras nessa empresa de rede social. A Unegro e a Coordenação Nacional de Articulação das

Comunidades Rurais Quilombolas, a Conaq, ingressaram em conjunto na ação. A representação foi movida em um momento pessoal muito difícil. Por um final de semana inteiro, meu nome esteve na primeira posição das trending topics dessa empresa, na qual não possuiu conta, com discursos caluniosos e injuriosos. A mobilização de ódio contra mulheres negras é uma combinação de fogo com gasolina.

Minha família passou a ser intimidada, chegando a mensagens de ódio à minha filha. Um parente e eu que, um ano depois, a equipe jurídica foi investigado que houve naquele final de semana e encontrou tuítes idênticos vindos de contas falsas disparados com segundos de distância. Ficou comprovado o uso de robôs de disparos para produzir uma ascensão plástica de meu nome na plataforma, com o obje-

tivo de praticar ataques pessoais como também de atingir toda a coletividade negra. Em seu livro "Discurso de Ódio nas Redes Sociais", o professor Luiz Valério Trindade, doutor em ciências sociais pela Universidade de Southampton, na Inglaterra, disse que milhares de usuários de rede social no Facebook e no Twitter. Sua investigação detectou que o discurso de ódio a populações minorizadas, históricamente presentes na sociedade brasileira, migrou para essas redes sociais, que se tornaram um "pelourinho moderno". O professor identifica que mais de 80% dos discursos de ódio nessas redes são direcionados a mulheres negras em situação de ascensão: "É possível observar que a mobilidade social ascendente das mulheres negras desestabiliza essa hierarquia imaginária e desencadeia reações significativas de supremacistas brancos, como visto neste livro. Na verdade, os posts e tuítes analisados revelam que as conquistas simbólicas das mulheres negras conflitam frontalmente com o 'legítimo' espaço social a elas atribuído, o que, no imaginário coletivo, está profundamente associado à inferioridade e à subserviência", escreve. Valério, ao comentar o pelourinho moderno que essas redes se tornam para "reeducar" mulheres negras, afirma que, "nesse contexto, os usuários que se engajam nessa prática estão, de fato, desempenhando o papel de vetores de transmissão de ideologias racistas coloniais muito arraigadas e naturalizadas e, com isso, reforçando sua perpetuação na sociedade brasileira". Os alertas do professor Valério em seu livro deveriam orientar nossa conduta nas redes sociais. Seguindo a cartilha colonial, muitas são as pessoas que jogam suas pedras no pelourinho virtual, mas que pensam revolucionárias. Num panorama da pesquisa em que 89% dos brasileiros admitem existir preconceito no Brasil, mas 90% se identificavam como não racistas,

mulheres negras recebem 80% das "chibatadas virtuais" nas redes sociais, mas quem é que admite ser uma das pessoas que seguram o chicote? É fundamental pontuar que, pelo uso e atenção que desperta, esses discursos de ódio também geram ganhos financeiros para essas empresas, que não são obrigadas a restituir de nenhuma forma. No mais, é possível trazer a reflexão do professor Valério para pensar as mulheres no geral. Podemos listar vários casos de meninas e mulheres que foram expostas nas redes por buscarem o aborto legal, da jornalista Patrícia Campos Mello, que foi atacada por mílias digitais por fazer seu trabalho, do show de horrores quando Dilma Rousseff era presidente do país, são vários.

De uma forma geral, é preocupante ver como pessoas se sentem mais confortáveis para humilhar e atacar mulheres nas redes sociais, posto que não há sérias consequências. Em artigo publicado ano passado, uma jornalista da BBC alvo de ataques apontou que 97% das contas que enviaram ataques misóginos no Twitter e no Instagram continuaram no ar após serem denunciadas. São pontos que nos levam a uma questão central: a necessidade de intermediação entre empresas de redes sociais e a sociedade. Está mais que evidente que o Marco Civil se mostrou insuficiente e que a falta de regulação do poder público no setor tem impactado grupos sociais vulnerabilizados.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Fernanda Torres, Drauzio Varella | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Por trás de cada m²,
uma história, um significado,
uma necessidade diferente.

ESPAÇOS
INTELIGENTES
DE 1 A 10.000m²
PARA ARMAZENAR TUDO
O QUE REALMENTE
IMPORTA.



Contratos mensais
sem multa
e cancelamento



Sem fiador
e Burocracia



Câmeras de
segurança



Acesso por
biometria



Infraestrutura para
carga e descarga

goodstorage
espaços inteligentes

www.goodstorage.com.br



A PENEIRA QUE ATRAVESSA GERAÇÕES



JOLLY®

UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS

(11) 5051-5911

lançamentos em www.jolly.com.br

Figurões da arquitetura nacional se provocam nos 35 anos da Casacor

Tradicional exposição destaca busca pelo conforto, com profissionais de renome e promessas do mercado atual

Guustavo Zeitel

SÃO PAULO Na Casacor deste ano, o arquiteto Sig Bergamin usou a extravagância que é a sua assinatura. Segundo ele, o ambiente que desenhou poderia ser um lounge do aeroporto de Los Angeles ou um restaurante na ilha italiana de Capri. Num espaço de 50 metros quadrados, o piso de mármore se alia às paredes de madeira e ao teto azul-bebê. Entre as obras de arte, telas de Bruno Dunley, Sergio Sister e Tony Camargo não hesitam em misturar roxo, amarelo e verde.

No centro, um vaso colorido ostenta plantas tropicais e, ao fundo, cravos reforçam o ambiente estival. O mobiliário evoca os anos 1940, com sofás circulares, revestidos em tons de laranja e azul. Das caixas de som, a "lounge music" sugere um clima de azaração.

"Nunca comecei pelo papai e mamãe", diz Bergamin, vestindo um conjunto jeans à moda de Serge Gainsbourg. "Chega a ser um pouco kitsch, mas minimalismo só funciona se você tiver quatro casas." Neste ano, a Casacor, tradicional mostra de arquitetura, design e paisagismo, celebra 35 anos, com o tema "Infinito Particular". Até 11 de setembro, o Conjunto Nacional, na avenida Paulista, será tomado por 59 projetos, num total de 10 mil metros quadrados.

Essa edição homenageia o trabalho de arquitetos renomados, que ajudaram a fazer a história da mostra, além

de trazer trabalhos de jovens em destaque no mercado.

Livia Pedreira, que assina a seleção de projetos ao lado de Pedro Ariel Santana e Cris Ferraz, resalta as mudanças no rosto do isolamento social. O conceito de "Infinito Particular" abarca o desejo de reencontro entre as pessoas e busca transmitir aconchego. "A função última do design é trazer conforto. Esses sofás redondos espalhados pela mostra são abraços", ela compara.

Por isso, os jovens arquitetos investiram em tons terrosos. Há um quarto e cozinha projetados pelo baiano Gregory Coppello. Inox e tijolinho rústico não combinariam, mas tons de branco ajudaram. Já Pedro Luiz, no bar, usou manta térmica e detalhado para fazer a bancada e misturou cadeiras de materiais distintos. Em paralelo, arquitetos das celebridades se divertiram entre maximalistas e minimalistas.

"Sempre clean!", gritava a arquiteta e socialite Brunete Fraccaroli, na chegada ao seu espaço. Ela preferiu um look básico para a ocasião — um vestido de princesa azul-piscina, com direito a tiara e tudo. Ex-participante do reality Mulheres Ricas, ela se inspirou no feng shui para conceber um espaço circular por onde vibrações circulares bem.

O espaço tem paredes, sofás e tapetes brancos, seguindo o teor dos protocolos da Covid-19. Os adornos são reduzidos ao mínimo. Ao fundo, um vidro delimita a área de

um jardim. De chamativos, só dois lustres em caracol foram pendurados no teto. "Para uma casa cheia, você precisa ter um monte de funcionários de limpeza", ela diz.

Consuelo Jorge apostou nas memórias familiares, para criar um ambiente intimista, formado por quarto e sala. Numa parede, dialogou com a arte postal, expondo telegramas enviados a seus ascendentes.

A mostra ainda oferece salas especiais para outras duas homenageadas. Rosa May Sampaio destoa dos demais participantes, oferecendo um convite ao pensamento, com uma vasta biblioteca e móveis de Sérgio Rodrigues e Jorge Zalszupin. Já Marina Linhares apostou no contraste entre cor-de-rosa e materiais sóbrios, como madeira e couro.

Leo Shehtman resolveu provocar. "Eu já fiz de tudo nessa vida, tenho que ser um jovem criador", ele diz, com mais de 30 anos de carreira.

As paredes trazem mármore em tons de preto e branco do Ceará, padrão cromático que se estende por todo o espaço — uma sala e uma cozinha. Ao fundo, ele provoca os que acusam o minimalismo de apatia, instalando um armário com biqueiros e tubos de ensaio, próprios de um laboratório de química. "Meu objetivo é ser polêmico."

Casacor

Conjunto Nacional, av. Paulista, 2.073. Ter a sáb., das 12h às 22h; dom. e feriados, das 11h às 21h. Até 11 de setembro. R\$ 80 a R\$ 100



Na página ao lado, da esquerda para a direita, uma praça com sol artificial no espaço do escritório Plantar Ideias e uma sala projetada pelo arquiteto Nildo José, na exposição Casacor 2022. À direita, ambiente montado pela arquiteta Marina Linhares, que buscou o contraste entre cor-de-rosa e materiais sóbrios, como madeira e couro
 Salvador Gonderes
 Denisson Machado



openbox2
 design e preços fora da caixa



Poltrona Petala
 a partir de
 R\$ 1.259,99



Poltrona e
 Puff Costela
 a partir de
 R\$ 2.519,99

LIQUIDA
 ATÉ
30%
 DE DESCONTO
 + DE 5.000 PRODUTOS
 A PRONTA ENTREGA



Sofá Ibiza c/ Chaise
 Couro Camel Wave
 270cm Bipartido
 R\$ 9.359,99



Sofá Blade
 Retrátil
 170cm de largura
 R\$ 3.239,99



Cadeira Celly
 Variação Cores
 R\$ 269,99



Cadeira Office
 Florença Balca
 com Rodízio
 Preta
 a partir de
 R\$ 782,99



Cadeira Tolix
 a partir de
 R\$ 224,99



Sofá Annapolis
 Retrátil com Chaise
 R\$ 5.039,99



Sofá Chesterfield
 2,40m de largura
 a partir de R\$ 10.259,99



Poltrona Cica
 a partir de
 R\$ 1.349,99



Sofá Petala
 a partir de
 R\$ 1.655,99



Banqueta
 Wave
 a partir de
 R\$ 332,99



Fotos meramente ilustrativas, produtos sujeitos a disponibilidade de estoque. Preços anunciados já com o desconto promocional e sujeitos a alteração sem aviso prévio.



openbox2.outlet



openbox2.Descontos

www.openbox2.com.br



TEMOS 19 LOJAS

SÃO PAULO, CAMPINAS, SOROCABA, INDAIATUBA, COTIA, JUNDIAÍ, BARUERI, TAMBORÉ / ALPHAVILLE, SHOPPING OUTLET PREMIUM GRANDE SP E SANTOS



Conheça Luiz Nozoie, que há 60 anos toca um boteco raiz em SP

Bar na zona sul da cidade viu o público crescer, se renovar e ser formado por chefs depois da pandemia de Covid-19

Marina Consiglio

SÃO PAULO Nas tardes de quarta, ele encontra os amigos para jogar baralho. Uma vez por mês, vai ao clube dançar —antes, era todos os domingos, mas agora as costas já não aguentam. Para compensar, desde o início deste ano, os domingos se tornaram o dia de ir ao Guarujá pescar. Além disso, aos 91 anos, ele ainda dorme nos fundos do bar que abriu em 1962.

Há 60 anos na altura do 1.210 da avenida do Cursino, na zona sul de São Paulo, o Bar do Luiz Nozoie fez aniversário de um jeito tão animado o quanto a rotina de seu dono, que faz sucesso atualmente no mundo da gastronomia.

Entre os fãs do boteco, estão chefs badalados, como Paulo Shin, do Komah, Thiago Bañares, do Tan Tan, e Matheus Zanchini, do Borgo —este último tem até uma carteirinha sua do Clube Atlético Juventus escondida no meio da memorabilia que preenche prateleiras no espaço.

Mas Luiz não conhece e tanto assim o trabalho dos colegas. “Naverdade, eu não saio, não conheço muitos restaurantes. Eles querem que eu vá, mas sozinho não dá”, diz.

Há cerca de três meses, o endereço se tornou ponto de encontro do pessoal da gastronomia nas noites de segunda-feira, por ser o tradicional dia de folga do setor. Para celebrar o aniversário do bar, criou-se uma agenda de chefs convidados, que fica disponível no Instagram da casa e deve se alongar até outubro. “Cada vez que um cozinheiro vem aqui, outro aparece dizendo que também quer participar”, conta Márcia Nozoie, 60, filha de Luiz.

Ao ser questionado sobre a programação, ele é sincero. “Para dizer a verdade, eu nem sei quem convida”, diz. Márcia explica que eles nem conheciam muitos dos chefs. “Quem sabe mais é o Alexandre [funcionário da casa], que fala: ‘olha, aquele é dono de tal lugar’. E aí a gente foi criando uma amizade”, conta.

Nos dias de evento, o local fica lotado. Quem chega cedo senta. Mas a grande maioria do público se espreme no balcão de fôrma branca tentando chamar a atenção da equipe —os pedidos são todos feitos ali. Asretiradas, também. Conforme os pratos vão saindo, os atendentes chamam a clientela pelo nome. O clima fica caótico, mas ninguém parece se importar. “É até bonito, parece um balé”, fala Beatriz Falcão, cliente do boteco.

Márcia avalia que, nestas últimas seis décadas, o público se renovou. “A clientela sempre foi de mais idade, com 50 anos. Agora a gente está vendo que a faixa etária caiu, são pessoas de 20 e poucos, 30 anos.”

Não que o endereço não chamasse a atenção antes. A parede de azulejo branco coberta por páginas amareladas de reportagens sobre a casa é prova disso. “A primeira a falar sobre a gente foi a Playboy, nos anos 1980”, conta Márcia.

Assinado por Carlos Nucci em 1986, o texto descreve ambiente e menu semelhantes aos de 2022. Aberta como sorveteria, a casa descobriu a vocação para bar depois de começar a usar a sorveteria para entregar garrafas de cerveja trincando de geladas em tempo recorde. E, sim: a sorveteria ainda está por ali.

“Tudo foi minha mãe que deixou”, diz Márcia, sobre as receitas. Hoje é ela quem co-

manda a cozinha e, agora, as redes sociais, após ter começado a trabalhar no bar em 1986, ano em que a mãe, Shizue, morreu. Além dela, estão na equipe seu marido, Dido, o sobrinho Fábio, a cunhada Edith e, por fim, Alexandre, único que não é da família.

Os petiscos frios ficam dispostos em tigelas de vidro: são conservas, azeitonas, queijos e embutidos vendidos por unidade. A salsicha mergulhada em vinagre, cebola e pimenta sai por R\$ 1,20, por exemplo.

Mas as estrelas são os frutos do mar, como os vinagretes de polvo (R\$ 60), de marisco e de camarão (R\$ 50 cada um). Estes saem da cozinha todos os dias. Já outra receita querida, os rolinhos, sardinhas enroladas com cebola e pimenta (R\$ 4 a unidade), demoram 25 dias para ficarem prontos —e nem sempre estão à mão.

“Nem sempre tem”, aliás, é a regra geral para o menu. “Tem coisa que a gente só faz quando dá tempo”, justifica Márcia. É o caso das empadinhas de camarão com palmito e do tempurá de camarão. Já o bolinho de milho com queijo é servido a cada duas semanas e custa R\$ 4,50 a unidade.

Entre as receitas frias, odestaque são os rissoles —chamados de pastéis— de carne e queijo, com azeitona presa com catão junto. São os mesmos que aparecem na reportagem dos anos 1980, quando custavam três cruzeiros. Hoje, a unidade sai por R\$ 4.

Para acompanhar, as opções são as batidas de amendoim ou maracujá (R\$ 15 cada), que ficam acomodadas em garrafas de dois litros. Ou então as cervejas geladas, que, no caso da de 600 ml, custa R\$ 16.

Quem quer visitar o local também precisa estar atento aos horários. De segunda a sexta, o espaço fica aberto das 17h30 às 22h. Aos sábados, das 12h às 17h. Afinal, a vida de boteco dá trabalho, e o seu Luiz precisa descansar —ou ir pescar no Guarujá.

Bar do Luiz Nozoie

Av. do Cursino, 1.210, Bosque da Saúde, zona sul, tel. (11) 5061-4554, Instagram @baradoluznozoie



Acima, Luiz Nozoie, 91, que comanda há 60 anos um boteco com seu nome; à esq., acepipes, batida e cerveja servidos no bar

Fotos: G. Sabriel / Ca. Brazil / Folhapress

TEATRO OPUS FREI CANECA

JULHO

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DO TEATRO PARA O MÊS DE JULHO



A FLOR DO MEU BEM QUERER
ÚLTIMAS APRESENTAÇÕES



GRACE EM REVISTA
TODAS AS TERÇAS DO MÊS



THIAGO VENTURA
TODAS AS QUINTAS DO MÊS



BRUNA LOUISE
TODAS AS SEXTAS DO MÊS



TURMA DA MÔNICA - A LIGA DOS PETS
ESTREIA 16 DE JULHO

INGRESSOS EM

uhuj.com

mais informações em
TEATROTEATROFREICANCA.COM.BR

guiafolha

Shows de julho em SP apostam na nostalgia, com A-Ha nos palcos

Agenda musical da capital tem ainda Letrux, Roberto Carlos e tributos a Charlie Brown Jr. e ao mangubeat

Laura Lewer

SÃO PAULO A agenda musical de julho transborda nostalgia. Só neste mês, a new wave da banda A-Ha aparece em duas datas, enquanto bandas e movimentos brasileiros também são relembrados — é o caso das homenagens aos 30 anos do Charlie Brown Jr. e das três décadas do mangubeat.

No calendário também há revivals de nomes como Ramones e Cazuza, mas em vozes mais recentes, mas igualmente nostálgicas, como as dos grupos Detonautas e Raimundos. O rock, aliás, tem seu dia celebrado na próxima quarta, dia 13. Por isso, a prefeitura convida bandas como Dead Fish para tocar em centros culturais da capital.

Mas julho não olha só para trás e reserva algumas novidades. Marisa Monte faz show da turnê de "Portas", lançado neste ano, enquanto Di Ferrero apresenta seu primeiro disco solo desde o NX Zero.

Confira, a seguir, destaques dessa programação.

Audío

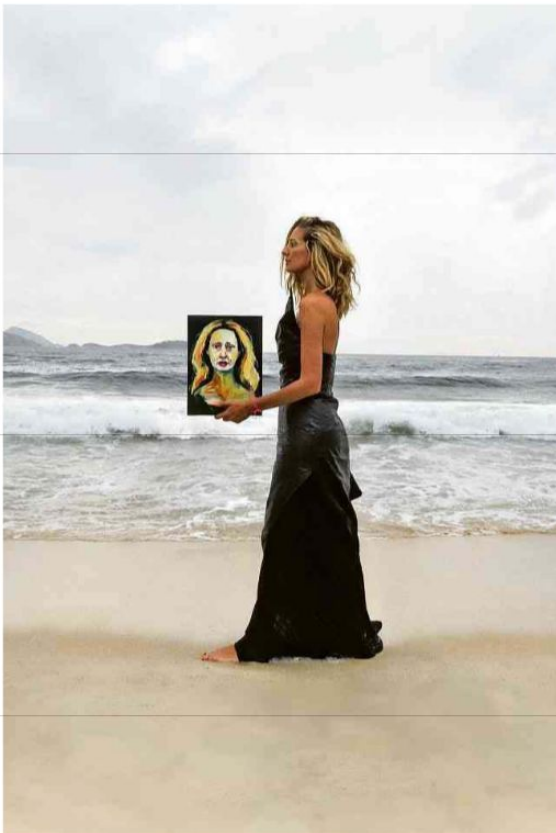
Pitty abre, no dia 9, a agenda de shows na casa com a turnê de seu EP "Casulo", lançado neste ano. Julho segue ainda com Luccas Carlos, no dia 15, e Matuê, no dia 18. No dia 22, a Audió é sede da gravação do acústico da banda Planta e Raiz e, no dia seguinte, tem show de Dexter, que convida Djonga, Linker e Don L.

Av. Francisco Matarazzo, 694, Água Branca, tel. (11) 3862-8227, Instagram @audio. Agenda completa e ingressos em audio.sp.com.br

Blue Note

O jamaicano Andru Donalds faz show por lá do dia 16, que ainda conta com apresentação dos 25 anos do LS Jack. No dia 22, a casa no topo do Conjunto Nacional recebe Anelis Assumpção. Já no dia 27, Di Ferrero leva ao palco canções do seu primeiro disco solo desde o NX Zero, "Uma Bad Uma Farra". O mês é fechado com o 14 Bis, no dia 29.

Av. Paulista, 2.073, Bela Vista, tel. (11) 94745-9694, Instagram @bluenote. Agenda completa e ingressos em bluenotesp.com



A cantora carioca Letrux, que sobe ao palco do Sesc Pinheiros

Mariana Falco/Divulgação

Espaço Unimed

Entre as atrações nacionais aparecem Fábio Jr., no dia 15, e Marisa Monte, entre os dias 21 e 23 e também nos dias 28 e 29. Já nos dias 18 e 19, o som fica por conta do A-Ha.

R. Tagipuru, 795, Barra Funda, Instagram @espaco.unimed. Programação completa e ingressos em espaco.unimed.com.br

Prefeitura

A prefeitura celebra o mês do rock com bandas como Dead Fish, nos dias 10 e 17, e a clássica Tutti Frutti, no dia 22. Programação em prefeitura.sp.gov.br

Sesc

Na unidade de Pinheiros fazem shows Letrux, nos dias 9 e 10, e o projeto Os Amantes, no dia 15. Já o palco do Sesc Pompeia recebe Margaret Menezes, nos dias 15 e 16, e Rico Dalasam, no dia 30. Também tocam nomes do mangubeat, que relembram o movimento no dia 30, no Sesc Bom Retiro. Programação completa e ingressos em sescsp.org.br

Tóki Marine Hall

O palco recebe, no dia 17, o Rock Diverso, que celebra o gênero com artistas revisitando obras de cantores e bandas clássicas. É o caso dos Detonautas, que mergulham em faixas de Cazuza e Raul Seixas.

R. Bragança Paulista, 1.281, Chácara Santo Antônio, Instagram @tokiomarinehall. Programação e ingressos em tokiomarinehall.com.br

Vibra São Paulo

O mês tem o encontro entre Fagner e Elba Ramalho, no dia 26, Roberto Carlos, nos dias 27 e 28, e um show que relembra os 30 anos do Charlie Brown Jr. com seus fundadores, Márcio Brito e Thiago Castanho.

Av. Das Nações Unidas, 17955, Santo Amaro, Instagram @vibrasao paulo. Programação em vibrasao paulo.com

Cidade tem baladas abertas de segunda a domingo; veja roteiro

Jairo Malta

SÃO PAULO Existe um clichê que diz que São Paulo não dorme e tem, de tudo, a qualquer horário, em todos os dias da semana. A pandemia de Covid-19 mudou um pouco esse cenário — mas, para quem quer fugir do sossego, ainda é possível curtir uma noite de segunda a domingo na cidade.

As segundas, por exemplo, o Toca da Capivara apresenta programação com roda de samba. Já às terças, a Nossacasa recebe bandas de jazz.

Quem quiser curtir um forró numa quarta-feira pode ir ao Jai Club. Se o desejo é ouvir um velho rock, a dica é o Benedictus Music Bar às quintas.

Depois, as opções se multiplicam, com opções de funk, trap e música brasileira.

Veja a seguir lugares para virar a noite em São Paulo de segunda a domingo.

SEGUNDA-FEIRA

Toca da Capivara

É o dia em que o Toca da Capivara tem apresentações de samba e de cantores de MPB. No balcão de bebidas, as cervejas variam de R\$ 13 a R\$ 18. R. Major Diego, 865, Bela Vista, região central. Seg., das 20h às 2h. R\$ 15

TERÇA-FEIRA

Nossacasa

A balada é uma das poucas com programação fixa às terças, quando sobe ao palco sempre uma banda de jazz. Por ali, a cerveja long neck custa R\$ 13, já a porção com seis coxinhas sai por R\$ 25. R. Mourat Coelho, 1.032, Vila Madalena, região oeste. Ter., das 17h às 5h. Grátis até as 23h, depois R\$ 10

QUARTA-FEIRA

Jai Club

O forró to ma conta do Jai Club às quartas, com programação fixa que conta com shows e DJs que misturam músicas nordestinas. No bar, a gim-tônica custa R\$ 28, e a cerveja é vendida entre R\$ 15 e R\$ 28. R. Vergueiro, 2.076, Vila Mariana, região sul. WhatsApp (11) 95912-8570. Qua., das 19h30 às 4h. R\$ 5

QUINTA-FEIRA

Benedictus Music Bar

A Quinta Vintage no Benedictus Music Bar reúne amantes do rock dos anos 1950. Além do chope artesanal, vendido entre R\$ 15 e R\$ 45, o bar tem dringues autorais — é o caso do Djavan, que batiza a receita que leva creme de açaí e chocolate no preparo (R\$ 28). R. Vergueiro, 2.757, Vila Mariana, região sul. Qui., das 16h às 4h. R\$ 12



Caio Versalovic/Divulgação



Divulgação

A Lions Nightclub (cima) reúne jovens aos sábados no centro da cidade ao som de trap; à esq., a Jai Club, na Vila Mariana, que tem programação de forró nas noites de quarta-feira

SEXTA-FEIRA

Selva

Se a sexta é o dia nacional da pegação para os solteiros, a balada esbanja clima de azação na rua Augusta. A festa open bar Fritação 2001, que ocorre todas as sextas, apresenta vários estilos de funk. R. Augusta, 501, Camoelópolis, região central. Sex., 22h às 4h. À partir de R\$ 55, em sympia.com.br

SÁBADO

Lions Nightclub

Os sábados na casa são conhecidos por tocar trap e ritmos parecidos, sempre com shows de rappers do momento. No balcão, a cerveja mais barata no formato long neck é vendida por R\$ 16. Duas doses de gim-tônica custam R\$ 56, enquanto o copo de uísque da marca Jameson sai a R\$ 32.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 277, República, região central. Sáb., das 23h às 5h. R\$ 10 até meia-noite, depois R\$ 60

DOMINGO

Funilaria Bixiga

Uma antiga oficina de carros no Bixiga se transforma em balada e recebe roda de samba e DJ em clima de micareta — consolidando-se como um dos lugares mais badalados do fim de semana. Ali, as garrafas de cerveja são vendidas entre R\$ 15 e R\$ 17. R. Rui Barbosa, 574, Bela Vista, região central. Dom., das 19h às 3h. R\$ 10

Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, apresenta

A GOLONDRINA de Guillem Clua

com TANIA BONDEZAN e LUCIANO ANDREY
direção GABRIEL FORTES PAVIA
Idealização RONALDO TEIXEIRA

3 de JUNHO a 31 de JULHO
SEX e SÁB - 20h, DOM - 19h

TEATRO FERNANDO TORRES
R. Padre Estevão Perneck, 388 - Ipiranga

APROVADO

FAZCINE

SAO PAULO

Jardim Botânico reabre atrações, mas fica mais caro

SÃO PAULO Três atrações do Jardim Botânico, na zona sul de São Paulo, foram reabertas ao público no fim de junho, após dois anos fechados por causa da pandemia de Covid-19.

Uma delas é a trilha da Nascente, um trajeto de 300 metros feito sobre uma plataforma suspensa de madeira, que passa por dentro da mata atlântica e leva até uma das nascentes do riacho Ipiranga. Também volta a receber visitas o Museu Botânico, que expõe diferentes tipos de plantas e conta como os naturalistas mapearam os biomas brasileiros e pesquisavam sobre a flora nos séculos passados. O espaço recebe o público apenas aos fins de semana.

Referência do endereço, as estufas que abrigam plantas da mata atlântica, entre árvores e o orquidário, voltam a ser abertas neste mês. Além disso, o espaço recebe reajustes e melhorias — entre elas, a pintura da marquise da entrada, a manutenção dos banheiros, a poda de plantas e a limpeza geral.

Essas mudanças ocorreram após a concessão do Jardim Botânico à administração privada no ano passado, durante a gestão do governador

João Doria, do PSDB.

O endereço agora é administrado pelo consórcio Reserva Paulista, responsável também pelos vizinhos Zoológico de São Paulo e Zoo Safari.

As transformações, porém, surgem com um contraponto: o preço para entrar no local aumentou, passando de R\$ 10 para R\$ 24,90 — um aumento de quase 150%. Comprando online, o bilhete sai por R\$ 19,90. Nathalia Durval

Jardim Botânico

Av. Miguel Stefano, 3.031, Água Funda, região sul. jardimbotanico.com.br. Ter. a dom., e feriados, das 9h às 17h. R\$ 19,90 a R\$ 24,90